

SEGUNDA SEÇÃO

ORIENTAÇÕES DE VIDA ESPIRITUAL PARA OS JOVENS SALESIANOS E AS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

Apresentação

A primeira viagem de Dom Bosco a Roma, entre fevereiro e abril de 1858, foi crucial para o desenvolvimento posterior da sua Obra. Escopo principal era a peregrinação aos lugares dos mártires no coração da catolicidade. Mas o Santo era movido também pelo desejo de “encontrar a pessoa do papa e receber dele sugestões e encorajamento quanto à obra empreendida em Turim para a salvação dos jovens”¹. Em particular, ele queria confrontar-se a respeito da instituição de uma forma associativa que garantisse a estabilidade do Oratório e do internato anexo. Foi orientado por Pio IX para a fundação de uma congregação religiosa com votos e solicitado a apresentar um esboço de Regras. Começa assim o processo que, passo a passo, levará à consolidação do projeto do ponto de vista religioso e jurídico².

Após o ato oficial de fundação da Sociedade de São Francisco de Sales (18 de dezembro de 1859), Dom Bosco, que já havia alguns anos cuidava da formação dos seus jovens colaboradores no espírito eclesialístico, no desapego do coração de toda ambição pessoal, no zelo apostólico e no exercício das virtudes, empenha-se com mais determinação para plasmá-los espiritualmente em função da progressiva aquisição de uma mentalidade e de um estilo de vida como religiosos consagrados.

Esta seção contém documentos fundamentais para colher a ideia do religioso salesiano tal como Dom Bosco tem em mente e os traços espirituais que, conforme seu juízo, devem caracterizá-lo, a partir das cautas sugestões dos inícios até a robusta e exigente intervenção formativa dos anos Setenta e Oitenta.

A seção é estruturada em cinco partes.

A primeira é constituída pela instrução “Aos sócios salesianos” (n. 224), posta pelo Santo na introdução das Constituições, a fim de fornecer aos seus discípulos uma chave de interpretação autêntica da vocação religiosa salesiana.

¹ Francesco MOTTO, *Don Bosco mediatore tra Cavour e Antonelli nel 1858*, em RSS 5 (1986) 6.

² Sobre o processo de fundação e das suas etapas até a consecução dos “benefícios” (1884), veja-se a primeira parte deste volume, segunda seção, *Dom Bosco Fundador*, nn. 30-39.

A segunda parte inclui alguns textos constitucionais: o primeiro esboço de Regras da Sociedade Salesiana, compilado entre 1858 e 1859 (n. 225), a tradução (1875) do texto definitivo aprovado pela Santa Sé em versão latina de 1874 (n. 226), as Regras das Filhas de Maria Auxiliadora impressas em 1885 (n. 227).

A terceira parte compreende uma seleção de cartas circulares de grande espessura espiritual enviadas por Dom Bosco aos salesianos e às Filhas de Maria Auxiliadora (nn. 228-237).

A quarta parte é constituída por cartas pessoais do Santo aos discípulos e às discípulas, com indicações espirituais muito significativas, concretíssimas, que documentam o robusto modelo ascético proposto pelo fundador (nn. 238-257).

A quinta parte acolhe cinco conferências e três sonhos destinados aos salesianos (nn. 257-265). São uma amostra dos esforços de Dom Bosco para infundir nos filhos o sentido de pertença à Congregação, junto com uma ideia correta da consagração religiosa e das suas repercussões operativas na vida de cada dia.

O escrito Aos sócios salesianos, os capítulos centrais das Constituições primitivas e a seleção de cartas circulares, de correspondências, de conferências e de “sonhos”, nos revelam qual era a têmpera espiritual e moral do religioso e da religiosa queridos por Dom Bosco; que vigoroso conceito ele tinha do espírito que deve animar a vocação salesiana. Esse modelo exigente deve ser compreendido no horizonte do primado absoluto de Deus e na ótica evangélica do seguimento de Cristo, que inclui um desapego radical de si, uma entrega sem repensamentos.

A insistência concreta dessa visão é tal que configura um estilo de vida tão radical e austero a ponto de nos deixar boquiabertos: uma obediência sem limites, generosíssima; uma vivência essencial e ascética, apesar de tudo, gozosa; uma laboriosidade impressionante em função da missão comunitária; uma caridade benigna, paciente e sem limites; uma fraternidade unida a uma castidade rigorosamente vigiada; “uma piedade que alimenta o máximo desenvolvimento à oração, ou seja, à união com Deus”³; uma fidelidade absoluta às mínimas prescrições das Regras; uma capacidade de adaptação dúctil e criativa; uma tensão apostólica ardentíssima até a imolação.

³ P. SCOTTI, *La dottrina spirituale di don Bosco...*, p. 74.

I. A “TEOLOGIA” DA VIDA RELIGIOSA DE DOM BOSCO

Como introdução à primeira edição italiana das Constituições salesianas, publicada em 1875, Dom Bosco escreveu uma longa carta Aos sócios salesianos, para orientá-los quanto à interpretação das Regras e infundir neles uma ideia correta da vida religiosa. Mais tarde, ajudado pelo mestre de noviços, padre Barberis, a aperfeiçoou e ampliou com vistas à terceira edição italiana das Constituições (1885). “Pode ser considerada uma pequena síntese, a mais completa, da que se poderia definir a teologia da vida religiosa de Dom Bosco. Nela confluem ideias que ele, aos poucos, tinha amadurecido, a começar pela composição dos escritos de história eclesialística e dos papas, depois pela elaboração das Constituições e dos documentos redigidos para obter sua aprovação, ulteriormente enriquecidas pelas conferências locais e gerais, pelas instruções pregadas nos exercícios espirituais dos últimos anos Sessenta e dos primeiros setenta, expressas nas cartas individuais e circulares e nos conselhos a particulares”⁴.

Encontramos ali temas clássicos sobre a vida consagrada, hauridos das pequenas obras de Santo Afonso, mas reformulados à luz da experiência pessoal: a importância de corresponder com generosidade à vontade de Deus; os meios para guardar a vocação; as vantagens temporais e espirituais da vida religiosa; o significado dos votos e da sua prática; a caridade fraterna como elemento típico da comunidade salesiana; a maneira de superar as dúvidas de vocação; os defeitos a evitar.

Desse documento emerge o esforço do fundador para dar à Sociedade Salesiana nascente um caráter religioso mais definido, uma estrutura “compacta ad intra e ad extra, garantida na sua estabilidade e continuidade pela autoridade pontifícia e solidamente reunida em torno do superior-geral e local”⁵.

A segunda edição do escrito – a que reproduzimos aqui – denota uma ampliação dos temas e das perspectivas. A vida religiosa é ancorada solidamente nas suas raízes evangélicas. São inseridos três novos parágrafos: sobre a importância de seguir a vocação, sobre a caridade fraterna e os “rendicontos” mensais ao superior da casa. Emerge também a preocupação em configurar um tipo de consagração intimamente conexa com a missão específica e o carisma próprio. Encontramos particularmente uma forte acentuação sobre a obediência em ordem ao trabalho apostólico e educativo salesiano que, segundo Dom Bosco, exige unidade de direção

⁴ P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani...*, II, p. 277.

⁵ Pietro BRAIDO, *Tratti di vita religiosa salesiana nello scritto “Ai Soci Salesiani” di don Bosco del 1875*, em RSS 13 (1994) 393-394.

e total consenso colaborativo por parte de todos. Nessa perspectiva deve-se também compreender a insistência sobre o “rendiconto” mensal, com vistas a reforçar a solidariedade e a familiaridade confiante entre superior e súditos, num clima de caridade fraterna e de tensão em busca da perfeição.

224. Aos sócios salesianos*

Edição crítica em RSS 14 (1995) 112-154.

As nossas Constituições, filhos amadíssimos em Jesus Cristo, foram aprovadas definitivamente pela Santa Sé no dia 3 de abril de 1874.

Devemos saudar esse acontecimento como um dos mais gloriosos para a nossa Sociedade, pois nos garante que, observando as nossas Regras, nos apoiamos em bases estáveis, seguras e podemos dizer também infalíveis, pois é infalível o juízo do chefe supremo da Igreja que as sancionou.

Mas, seja qual for a sua importância, a aprovação seria de escassos frutos se as Regras não fossem conhecidas e fielmente observadas.

Precisamente para que todos as possam com facilidade conhecer, ler, meditar e, em seguida, praticar, é que julgo oportuno apresentá-las traduzidas do seu original. O texto latino foi impresso separadamente. Aqui vós tereis as Regras comuns a todos os sócios salesianos.

Parece-me útil indicar-vos alguns pontos práticos que facilitarão o conhecimento do espírito que informa as Regras e vos animarão a observá-las com diligência e amor. Falo-vos a linguagem do coração e exponho em resumo o que a experiência me faz crer conveniente para vosso proveito espiritual e vantagem de toda a nossa Sociedade.

Entrada na vida religiosa

Três são os meios de que o inimigo do gênero humano lança mão para prender em seus laços as almas: os prazeres ou satisfações terrenas; os bens temporais, sobretudo as riquezas; e o abuso da liberdade. Tudo o que há no mundo, diz o Apóstolo São João, é concupiscência da carne e concupiscência dos olhos e soberba da vida. Como libertar-nos dessas perigosas cadeias com

* A tradução para o português inserida nesta coletânea é a que consta de edições anteriores a 1984 das *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*, com alguns retoques para adequá-la à nossa linguagem atual.

que o demônio continuamente busca prender-nos e arrastar-nos à perdição? Só na vida religiosa podemos encontrar armas para combater esses três formidáveis inimigos. Um cristão que anseia pôr em seguro sua alma pode de um só golpe fazer em pedaços essas cadeias e desbaratar esses inimigos, desde que abrace o estado religioso. Renuncia a toda satisfação sensual com o voto de castidade; com o de pobreza liberta-se dos graves embaraços das coisas temporais; com o de obediência refreia a própria vontade, livrando-se por isso do risco de abusar dela.

Por esse motivo, quem deixa o mundo para entrar numa Congregação religiosa pode comparar-se aos que no tempo do dilúvio se salvaram na arca de Noé. O mundo é para nós como um mar borrascoso, onde a iniquidade e a malícia são exaltadas e tidas em honra. Todo o mundo, diz o citado Apóstolo, *está sob o maligno*. O religioso é como quem embarca num navio, e entregando-se aos cuidados do hábil comandante, descansa tranquilo também em meio às tempestades. O religioso vive numa fortaleza guardada por Nosso Senhor. *Quando um homem forte*, diz o divino Salvador, *guarda armado sua casa, estão em seguro os bens que possui*.

Tão grande é a paz e a tranquilidade nessa mística fortaleza, que se Deus permitisse fosse ela conhecida e saboreada pelas pessoas do mundo, veríamos todos os homens fugir dele e assaltar os conventos para penetrar neles e passar os dias de sua vida. De propósito, escreve São Lourenço Justiniano, Deus ocultou a graça do estado religioso porque, se lhe conhecessem as doçuras, abandonando o mundo, todos correriam às pressas para abraçá-lo.

Importância de seguir a vocação ⁽⁶⁾

Deus misericordioso, infinitamente rico de graças, ao criar o homem, traça-lhe um caminho. Seguindo-o, com muita facilidade pode conseguir a salvação eterna. Quem anda nessa estrada e segue por ela cumpre sem grande esforço a vontade de Deus e encontra a paz. Diversamente, quem enveredasse por outra, correria grave risco de não ter depois as graças necessárias para salvar-se. Por essa razão, o padre Granada chama à escolha do estado a roda mestra de toda a vida. Estragada nos relógios a roda mestra, fica prejudicado todo o mecanismo. Assim, na ordem de nossa salvação. Errado o estado, andará errada toda a vida, como diz São Gregório Nazianzeno. Se quisermos assegurar a salvação eterna é indispensável que procuremos seguir o chamamento divino, porque então teremos de Deus auxílios especiais para nos salvar. Pois,

⁶ Este capítulo e o seguinte exprimem os sentimentos de Santo Afonso Maria de Ligório, doutor da Santa Igreja (*nota no texto original*).

como escreve São Paulo, *cada um tem de Deus seu próprio dom*. Quer dizer, como expõe Cornélio a Lápide: Deus dá a cada um sua vocação e lhe aponta o estado onde quer salvá-lo. Essa é precisamente a ordem da predestinação de que nos fala o mesmo apóstolo com estas palavras: *Aos que predestinou, a esses também justificou, e aos que justificou... também os glorificou*.

Deve-se, porém, notar que o mundo compreende muito pouco o problema da vocação.

Aos mundanos parece que tanto faz viver no estado a que Deus nos chama, como naquele que cada qual escolhe a seu prazer. Por isso, muitos vivem mal e se condenam. A verdade é que esse é o ponto principal para a aquisição da vida eterna.

À vocação sucede a justificação, isto é, a vida eterna. Se não seguires a tua vocação, diz Santo Agostinho, corres bem, mas fora do caminho, isto é, fora do caminho para o qual Deus te chamou a fim de te salvar. Nosso Senhor ameaça com grandes castigos aos que não escutam seu chamado e preferem seguir as próprias tendências, e diz pelo profeta Isaías: *Ai de vós, filhos desertores!*

A vocação a uma vida mais perfeita é graça especial e muito assinalada que Deus não concede a todos. Por isso, é com razão que se irrita contra quem a despreza. Quanto não deve sentir-se ofendido um príncipe, quando chama ao palácio a um seu vassalo para que o sirva mais de perto e esse se faz de desentendido! E Deus há de ficar insensível? Começará o castigo do desobediente desde esta vida mortal, na qual andarás sempre perturbado. Por isso, escreveu o teólogo Habert: Dificilmente poderá ocupar-se do negócio de sua eterna salvação. Será muito difícil para essa pessoa salvar-se, ficando no mundo.

É notável a visão que teve certo noviço (como nos conta o padre Pinamonti no seu livro *Da vocação vitoriosa*). Andava ele com ideias de deixar a vida religiosa. Quando Jesus Cristo lhe apareceu indignado sobre um trono, determinando que seu nome fosse riscado do livro da vida. Aterrorizado, o noviço perseverou na vocação. Diz Nosso Senhor: *Porque eu vos chamei e vós não quisestes ouvir-me, também eu me rirei da vossa ruína e zombarei de vós*. Essas palavras querem dizer que Deus não escutará as vozes de quem desprezou a sua voz.

Portanto, quando Deus chama a um estado mais perfeito, quem não quiser pôr em grande risco sua salvação eterna deve obedecer e obedecer imediatamente. Aliás, poderia suceder-lhe como ao jovem do Evangelho que, convidado por Jesus Cristo a segui-lo, pediu licença para ir primeiro despedir-se dos seus de casa; mas Jesus respondeu que ele não era bom para o Reino de Deus, com estas graves palavras: *Nenhum que mete a sua mão ao arado, e olha para trás, é apto para o Reino de Deus*.

Seguir prontamente a vocação

O estado religioso é estado sublime e verdadeiramente angélico. Os que sentem desabrochar em sua alma o desejo de abraçar esse estado de perfeição e santidade, com o fim único de amar a Deus e salvar-se, podem crer sem vacilar que tal desejo vem do céu, porque é muito generoso e se eleva muito acima dos sentimentos naturais.

Nem receiem que lhes venham a faltar as forças para satisfazer às obrigações que o estado religioso traz consigo; pelo contrário, alimentem no coração uma grande confiança, pois Deus, que o fez conceber tão piedoso desígnio, haverá de levá-lo a bom termo, segundo as palavras de São Paulo: *Quem começou em vós a boa obra, a completará até ao dia de Jesus Cristo.*

Note-se, diz o doutor angélico Santo Tomás, que o chamado divino à vida mais perfeita deve ser seguido prontamente: *Quanto citius*. Na sua *Suma Teológica* ele propõe a seguinte dúvida: se será coisa louvável entrar na vida religiosa sem pedir o parecer de muitos e sem longas deliberações. Responde que sim, dando como razão que os conselhos e as considerações são necessárias nas coisas de cuja bondade se duvida; mas de modo nenhum nessa, que sem dúvida nenhuma é boa, por ser aconselhada no Evangelho pelo mesmo Jesus Cristo. Coisa singular! Os homens do século, quando alguém quer entrar na vida religiosa para viver em maior perfeição e mais a salvo dos perigos do mundo, começam logo a dizer que é indispensável refletir por muito tempo, para se averiguar bem se a vocação é de Deus ou do demônio. Mas já não andam com essas preocupações quando se trata de aceitar um emprego honroso na sociedade, onde os perigos de perdição são tão numerosos. Muito pelo contrário, Santo Tomás diz que se deveria abraçar a vocação religiosa ainda que viesse do demônio, da mesma forma que se deve seguir um bom conselho, ainda quando viesse de um inimigo.

São João Crisóstomo afirma que Deus, ao fazer tais chamamentos, exige que não hesitemos sequer um momento em obedecer.

Noutro lugar, diz o mesmo santo que, quando o demônio não pode dissuadir alguém da resolução de se consagrar a Deus, emprega pelo menos toda a sua astúcia a fim de levá-lo a deixar para mais tarde a execução desse desejo, e julga-se muito feliz se obtém dilação de um dia, de uma hora sequer.

E a razão disso é que, passado esse dia ou essa hora, sobrevindo outra ocasião, não lhe será custoso conseguir maior espaço de tempo, até que o jovem chamado, tornando-se mais fraco e menos favorecido pela graça, cede inteiramente e abandona a vocação.

Essa verdade levava São Jerônimo a dar aos que são chamados a sair do mundo o seguinte conselho: *Apressa-te, eu te rogo, não desates a amarra que*

prende o navio à terra; antes, corta-a. A intenção do santo é dizer-nos que, assim como quem se achasse num barco prestes a soçobrar, buscaria sem delongas cortar o cabo e não se demoraria em desatá-lo, assim o que se encontra no meio do mundo procurará desprender-se dele o mais depressa possível para fugir logo ao perigo de se perder, coisa aliás muito fácil.

Ouçamos o que acerca das vocações religiosas diz em suas obras o nosso São Francisco de Sales: “Para se ter um sinal de verdadeira vocação não se requer uma constância sensível: basta que esteja na parte superior do espírito. Por isso, não se deve dar como falsa a vocação, se a pessoa chamada, antes de executar o seu desígnio, não experimenta mais os sentimentos fortes que a princípio nutria, mas, pelo contrário, sente certas repugnâncias e friezas que porventura a fazem vacilar, dando-lhe a impressão de que tudo está perdido. O essencial é que a vontade conserve a resolução de seguir a voz de Deus e que sempre haja por ele certa afeição. Para saber se Deus quer que alguém seja religioso não é necessário aguardar que ele lhe fale ou envie um anjo do céu para manifestar-lhe sua vontade. Nem se exige um exame de dez doutores para resolver se se deve ou não seguir a vocação; o importante é corresponder e cultivar o impulso da graça, sem se preocupar com os desgostos ou a tibieza que podem sobrevir; porque, se nos guiarmos por essas normas, Deus não deixará de fazer com que tudo contribua para sua glória”.

Meios para conservar a vocação⁷

Podemos considerar a vocação ao estado religioso como a pérola preciosa do Evangelho, pérola que devemos guardar com grande zelo e diligência. Três meios nos propõe Santo Afonso para não a perdermos, a saber: segredo, oração e recolhimento. Eis o que diz Santo Afonso: “Em primeiro lugar, geralmente falando, não se deve manifestar a ninguém a vocação, a não ser ao diretor espiritual, porque os outros, por via de regra, não têm escrúpulos em dizer aos jovens chamados ao estado religioso que em toda parte, mesmo no mundo, se pode servir a Deus. De acordo: em toda a parte pode servir a Deus quem não é chamado a seguir a vida religiosa; mas não assim quem, uma vez chamado, teime em ficar no mundo; será muito difícil que esse viva conforme deve e sirva a Deus.

“Mas é sobretudo aos amigos e parentes que se deve ocultar a vocação. Lutero assegurava, segundo refere Belarmino, que os filhos pecavam entrando

⁷ Este capítulo é extraído de Alfonso Maria DE' LIGUORI, *Opuscoli relativi allo stato religioso*, em *Opere ascetiche di S. Alfonso Maria de' Liguori*. Vol. IV. Turim, Giacinto Marietti 1847, pp. 400-404 (opúsculo I, § 2).

no estado religioso sem o consentimento dos pais; porque, afirmava, os filhos são obrigados a obedecer-lhes em tudo. Mas essa opinião é comumente rejeitada pelos concílios e santos padres. O décimo Concílio de Toledo, no seu último capítulo, disse expressamente que os filhos podem fazer-se religiosos sem licença dos pais, uma vez que já tenham 14 anos de idade. O Concílio Tiburtino, no capítulo 24, formula a mesma prescrição. Assim o ensinam também Santo Ambrósio, São Jerônimo, Santo Agostinho, São Bernardo, Santo Tomás e outros, como São João Crisóstomo, que escreve de um modo geral: *Quando os pais se opõem ao bem espiritual, nem por pais os deveis reconhecer.*

“Acrescenta sabiamente o padre Pinamonti que os pais não têm experiência alguma nessas coisas e até costumam ter algum interesse material que os leva a aconselhar-nos o contrário, e por isso se transformam em inimigos. Falando das vocações religiosas, diz Santo Tomás: *“Em negócio de vocação, os pais não são amigos, mas inimigos, segundo a sentença do Senhor: Os inimigos do homem são os de sua casa”*. Os pais preferem que os filhos se condenem com eles a que se salvem separados deles. Por isso, exclama São Bernardo: *Ó pai desumano! Ó mãe cruel! Que preferem ver-nos perdidos em sua companhia a reinarmos sem eles.* São Cirilo, explicando o que disse Jesus Cristo ao jovem de que narra o Evangelho: *Não é apto para o reino dos céus quem, uma vez lançada mão ao arado, volta para trás seus olhares,* faz este comentário: quem se delonga em discutir com os parentes acerca de sua vocação, esse é precisamente quem Nosso Senhor declara inapto para o céu: *Olha para trás quem se detém a tomar conselho com os parentes.*

“Por esse motivo, vemos que muitos santos saíram de suas casas sem avisar seus pais. Assim fizeram Santo Tomás de Aquino, São Francisco Xavier, São Filipe Neri, São Luís Beltrão, Santa Clara, Santa Teresa, e grandíssimo número de outros.

“Até com milagres aprovou Nosso Senhor essas gloriosas fugas. Enquanto São Pedro de Alcântara ia para o mosteiro para fazer-se religioso, fugindo da casa de sua mãe a quem obedecia após a morte do pai, viu seus passos embargados por um rio caudaloso; nesse apuro encomenda-se a Deus, e num instante se acha na margem oposta. Tendo Santo Estanislau Kostka fugido de casa com o mesmo fim e sem licença do pai, foi-lhe ao encalço seu irmão num carro que rodava a toda velocidade. Mas quando estava a ponto de apanhá-lo, os cavalos estacaram e não houve como obrigá-los a dar mais um passo para frente; e logo que se decidiu voltar para a cidade, desataram a correr à rédea solta.

“Observe-se em segundo lugar que é impossível conservar essas vocações sem a oração. Quem a deixa, virá com certeza a deixar a vocação. É necessário rezar e rezar muito. Nunca se deixe por isso de fazer de manhã e à noite meia hora de oração. Nunca se omita a visita ao Santíssimo Sacramento e a Maria Santíssima, todos os dias, para alcançar a perseverança na vocação. O religioso nunca deixe de comungar várias vezes por semana. Medite com frequência sobre a vocação, considerando que grande graça Deus lhe fez ao chamá-lo para o servir mais de perto. Quanto mais fiel for a Deus em seguir a vocação, tanto melhor assegurará a salvação eterna. Do contrário, se for infiel, a quantos perigos de condenação não se exporá!

“Em terceiro lugar, é indispensável o recolhimento, que nunca poderemos obter se não voltamos as costas às conversações e aos divertimentos mundanos. Que se requer para perder a vocação ficando-se no mundo? Nada. Bastará um dia de liberdade, uma palavra dum amigo, uma paixão pouco mortificada, uma afeiçãozinha, um pensamento de temor, um desgosto não reprimido. Quem não abandona os divertimentos, convença-se de que sem dúvida perderá a vocação. Ficaré com remorso de a não ter seguido, mas por certo não a seguirá. Oh! quantos, por não fazerem caso dessas verdades, perderam a vocação e depois a alma!” Até aqui Santo Afonso, doutor da Santa Igreja.

Vantagens temporais

Quem entra na vida religiosa não deve ter outro pensamento senão o de assegurar a salvação de sua alma; todavia, podemos também estar certos de que nessa bendita fortaleza Deus não nos faltará com o necessário à vida temporal. Nas corporações religiosas, todo indivíduo é membro duma grande família, cujo chefe é Jesus Cristo representado pela pessoa do superior. Não andeis preocupados, diz ele, com o que se há de comer, beber ou vestir. Mostrai-vos solícitos somente pelo reino dos céus e pelas obras que a ele levam, e deixai ao Pai celestial o cuidado de tudo o mais. *Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas serão dadas por acréscimo.* De fato, em nossa mesma Congregação, que não tem nada de seu, faltou-nos por ventura alguma das coisas necessárias à vida?

Com o auxílio amoroso da divina Providência pudemos fundar igrejas e casas, adquirir para elas os móveis e prover a todas as necessidades dos alunos que nelas habitam. Muitos concluíram seus estudos, outros aprenderam a arte ou ofício que mais lhes convinha, e tudo se conseguiu sem faltar jamais coisa alguma para a moradia, alimento e roupa, quer em tempo de saúde, quer em caso de doença. Iniciamos também as missões da América e já organizamos

várias expedições de operários evangélicos; estamos preparando outras. Não só o nosso, mas todos os institutos religiosos, as congregações eclesíásticas, em particular as ordens mendicantes, sempre experimentaram os generosos cuidados da divina Providência.

Diz um santo que o religioso abandona uma casa e adquire cem, deixa um irmão e encontra mil. No caso de doença, temos a facilidade em podermos mudar de ares e achar o clima que mais convém ao nosso estado: o da planície, o das montanhas ou o do mar; coisas que não poderíamos gozar ficando no mundo, nem mesmo se estivéssemos com os nossos entes mais queridos.

Vantagens espirituais

Não queremos, porém, consagrar-nos a Nosso Senhor por coisas miseráveis da terra. Buscamos bens espirituais, bens que não mais estejam sujeitos a furtos ou a rapinas; queremos bens que nos valham para a vida futura e nos assegurem a posse das delícias do céu.

São Bernardo (*De bono religionis*) nos dá um conceito breve, mas claro, dos bens da vida religiosa, nestas palavras: *Homo vivit purius, cadit rarius, surgit velocius, incedit cautius, irroratur frequentius, quiescit securius, moritur confidentius, purgatur citius, remuneratur copiosius*. Demos delas uma rápida explicação.

Vivit purius. Vive com maior pureza. O homem que se consagra a Deus na vida religiosa liberta-se de todos os laços e das lisonjas do mundo e vive com maior pureza de coração, de vontade e de obras. Por isso, todas as suas ações e palavras são espontaneamente oferecidas a Deus com pureza de corpo e limpeza de coração: *Casto corpore et mundo corde*: coisa que, para não dizer impossível, certamente é muito difícil para quem vive no meio do mundo.

Cadit rarius. Cai mais raramente. A profissão religiosa não torna o homem impecável, mas ministra-lhe meios que, usados, impedem a queda ou, graças a eles, cairá menos vezes; e se ainda cair, será apenas em faltas leves, em defeitos ou venialidades de que as mesmas almas justas se tornam culpadas muitas vezes por dia.

Surgit velocius. Levanta-se mais depressa. Quem vive no século, quando por desgraça comete faltas, fica entregue a si mesmo, não tem quem o ajude; a maioria das vezes é até ridicularizado e desprezado se tenta levantar-se; por isso, disse o Espírito Santo: *Ai do que está só, porque, quando cair, não tem quem o levante*. Mas na vida religiosa, quem tiver a infelicidade de cair, não falta quem logo lhe dê a mão. As regras, os exercícios de piedade, o exemplo dos irmãos, os convites e conselhos dos superiores, tudo contribui para faci-

litar a sua emenda: *Se um cair, o outro o sustentará*. Os irmãos ajudam-no a levantar-se, diz Santo Tomás.

Incedit cautius. Caminha com maior cautela. Vive como numa fortaleza, guardada por Nosso Senhor. Por isso, numerosos são os meios à disposição para o defenderem e lhe assegurarem a vitória nas tentações.

Irroratur frequentius. A sua alma é mais banhada pelo orvalho das graças celestiais. Renunciou ao mundo e a todas as suas vaidades; agora, mediante a observância dos votos religiosos, unicamente ocupado no que pertence à maior glória de Deus, merece a cada momento bênçãos celestes e graças especiais.

Quiescit securius. Descansa com maior tranquilidade. Os que estão no mundo, queiram ou não, devem frequentemente sofrer as inquietações e as amarguras de que a vida humana é fértil. Ao contrário, quem põe de parte o cuidado das coisas temporais, pode com a máxima liberdade entregar-se ao serviço de Nosso Senhor, depositando todos os pensamentos do presente e do futuro nas mãos de Deus e dos superiores, que o representam. Pode gozar o paraíso antecipado se for fiel na observância da santa Regra.

Moritur confidentius. Morre com maior confiança em sua salvação eterna. Os homens do mundo sofrem terríveis pavores na hora da morte, por só terem amado os prazeres que devem abandonar e de que em breve darão contas no tribunal divino. Mas quem abandonou tudo para consagrar-se a Deus, quem renunciou às delícias terrenas só com a esperança do prêmio eterno, perde completamente a afeição a todas as coisas temporais. Por isso, só deseja com ardente ânsia sair deste vale de lágrimas e voar ao seio do Criador. Além disso, a consciência em bom estado, os sacramentos e os outros confortos religiosos que se recebem, a assistência e as orações dos irmãos, fazem-lhe ver a morte como termo das fadigas que devem abrir-lhe as portas do céu.

Purgatur citius. Mais breve será seu purgatório. As indulgências ganhas, os méritos dos sacramentos, os sufrágios que na morte e depois dela se fazem por ele em todas as casas da Congregação, asseguram-lhe que pouco ou nada ficará no purgatório. Ditosos os que, mortos para o mundo, morrem no Senhor, disse o Espírito Santo; pois esses, como observa São Bernardo, voam facilmente da cela para o céu..

Remuneratur copiosius. Recebe no céu mais brilhante coroa. Terá sua recompensa quem por amor do Pai celestial der um simples copo de água fresca; qual não será, pois, no paraíso, o prêmio daquele que abandona o mundo, renuncia a toda satisfação terrena e dispõe de sua vida e de suas riquezas para seguir o divino Mestre? As penitências padecidas e as orações que

fez, os sacramentos que recebeu, as almas que salvou com o seu bom exemplo e com as suas fadigas, os muitos sufrágios que por ele se continuarão a fazer na Congregação, sem dúvida o colocarão sobre um majestoso trono de glória, onde na presença de Deus resplandecerá eternamente qual sol luminoso.

Os votos

Quando o sumo pontífice Pio IX falou pela primeira vez da Sociedade Salesiana, disse estas palavras: “Numa congregação ou sociedade religiosa são necessários os votos para que todos os membros estejam ligados ao superior por um vínculo de consciência, e o superior conserve a si mesmo e os seus súbditos em união com o chefe da Igreja e, portanto, com o mesmo Deus”.

Por isso, os nossos votos podem ser como outros tantos laços espirituais com que nos ligamos a Nosso Senhor e colocamos nas mãos do superior a vontade própria, os bens, as nossas forças físicas e morais, a fim de formarmos todos um só coração e uma só alma para promovermos a maior glória de Deus, segundo as nossas Constituições; como precisamente nos convida a Igreja a fazer quando nos diz em suas orações: *Para que nos espíritos reine uma só fé, e nas ações o fervor.*

Os votos são uma oferta generosa que aumenta muito o mérito das nossas obras. Ensina-nos Santo Anselmo que uma obra boa feita sem voto pode comparar-se ao fruto de uma árvore; quem a faz com voto oferece a Deus o fruto e a árvore. São Bernardo diz que pela obra feita sem voto se oferecem os juros, mas não se oferece o capital; pelo voto, dá-se a Deus o juro e o capital. Além disso, ensinam unanimemente os santos padres que toda a ação acompanhada do voto tem duplo merecimento: o inerente à obra boa e o de se ter cumprido o voto feito.

Acresce que o ato da emissão dos votos religiosos, como ensina Santo Tomás, nos restitui a inocência batismal, isto é, por ele ficamos como se então recebêramos o batismo. Os doutores da Igreja ainda costumam comparar os votos religiosos ao martírio, dizendo que alcança iguais merecimentos quem faz os votos como quem sofre o martírio, afirmando que a intensidade é suprida nos votos pela duração.

Se, por isso, os votos religiosos aumentam de maneira tão extraordinária os méritos de nossas obras e as tornam tão agradáveis aos olhos de Deus, devemos empregar a maior solicitude em guardá-los bem. Quem não se acha com forças para observá-los não deve fazê-los, ou pelo menos deve protelar esse ato até que esteja em seu coração firmemente resolvido a cumprir o que eles exigem. Se assim não procede, faz a Deus uma promessa estulta e infiel, que

não pode deixar de desagradar-lhe, *pois*, como diz o Espírito Santo, *desagrada a Deus a promessa infiel e imprudente*. Portanto, preparemo-nos bem para essa consagração heroica; mas, uma vez que a tenhamos feito, procuremos mantê-la, ainda que isso nos custe longos e pesados sacrifícios: *Cumpra os votos feitos ao Altíssimo*, ordena-nos ele mesmo.

Obediência

A verdadeira obediência é a síntese de todas as virtudes, diz São Jerônimo. Toda a perfeição religiosa está na supressão da própria vontade, isto é, na prática da obediência, diz por sua vez São Boaventura. O homem obediente, declara o Espírito Santo, cantará vitória. São Gregório Magno conclui que a obediência traz consigo e conserva todas as outras virtudes.

Mas essa obediência deve ser como a do Salvador, que a praticou ainda nas coisas mais difíceis, até à morte de cruz; e se o exigir a glória de Deus, devemos também nós obedecer até darmos a própria vida.

Cumram-se, pois, bem, quer as ordens expressas dos superiores, quer as Regras da Congregação e os costumes especiais de cada casa. E se alguma vez se faltar nisso, deve-se com boas maneiras pedir desculpas àquele a quem se desobedeceu. Esse ato de humildade muito contribui para alcançarmos perdão da falta cometida, obtermos a graça de Nosso Senhor para o futuro e estarmos de sobreaviso a fim de não mais repetirmos essas falhas.

São Paulo apóstolo, ao recomendar essa virtude, acrescenta: Obedecei aos vossos superiores e submetei-vos às suas ordens; porque os superiores devem agir como se devessem responder diante de Deus pelo que se refere ao bem de vossas almas. Obedecei voluntária e prontamente para que eles possam desempenhar o cargo de superiores com alegria, e não entre gemidos e suspiros.

Considerai bem que o fazermos só as coisas que nos agradam e dão gosto não é verdadeira obediência, mas apenas lisonjear a própria vontade. A verdadeira obediência, que nos torna agradáveis a Deus e aos superiores, consiste em fazermos de boa vontade tudo o que nos for ordenado pelas nossas Constituições ou pelos superiores; porque Deus, como escreve São Paulo, *ama quem doa com alegria*. Consiste ainda em que nos mostremos dóceis, mesmo nas coisas mais custosas e contrárias ao nosso amor próprio, cumprindo-as corajosamente, ainda que isso nos ofereça alguma repugnância e nos custe algum sacrifício. Nesses casos, a obediência é mais difícil, porém muito mais meritória e nos leva à posse do reino dos céus, segundo as palavras do Divino Redentor: *O reino dos céus conquista-se com audácia e os esforçados são os que o arrebatam*.

Se assim obedecerdes, eu vos posso assegurar em nome de Deus que vivereis na Congregação tranquilos e felizes. Mas devo igualmente vos notar que o dia em que quiserdes proceder, não como manda a obediência, mas como manda a vossa vontade, começareis a viver desgostosos do vosso estado. E se nas várias congregações há os descontentes e aqueles para quem a vida da comunidade é um peso, observe-se atentamente e ver-se-á que tudo provém da falta de obediência e submissão da própria vontade. Nos dias de aborrecimento, refleti sobre esse ponto e aplicai-lhe o remédio.

Pobreza

Se não deixamos o mundo por amor deveremos deixá-lo um dia por força. Quem durante a vida mortal o abandona espontaneamente, terá um cêntuplo de graça na vida presente e um prêmio eterno na vida futura. Os que não se resolvem a esse sacrifício voluntariamente, à hora da morte deverão fazê-lo à força, mas sem recompensa, e até com a obrigação de darem a Deus estreitas contas daqueles bens que porventura tiverem possuído.

É verdade que as nossas Constituições permitem a posse e o uso de todos os direitos civis; mas, entrando na Congregação, já não é permitido administrar nem dispor dos próprios bens sem consentimento do superior e nos limites por ele estabelecidos; de modo que cada um seja considerado literalmente sem coisa alguma, tendo-se deveras feito pobre para se tornar rico em Jesus Cristo. Desse modo, o religioso imita o Salvador que nasceu na pobreza, viveu desprovido de tudo e morreu despojado na cruz.

Escutemos o que nos diz o Divino Mestre: “Quem não renuncia a tudo o que possui, não é digno de mim, não pode ser meu discípulo”. A um desses que queria segui-lo, disse: “Vai, vende primeiro o que tens, dá-o aos pobres; depois vem, segue-me e terás assegurado um tesouro no céu”. Dizia aos seus discípulos que não possuíssem mais de uma túnica, nem se preocupassem com o que lhes seria preciso durante as suas pregações. De fato, não lemos que Jesus, os apóstolos ou os discípulos tenham possuído campos, casas, móveis, roupas, provisões ou coisas dessa natureza. São Paulo diz claramente que os seguidores de Cristo, aonde quer que vão, façam o que fizerem, devem mostrar-se satisfeitos com o alimento estritamente necessário para viver e com roupa que baste para cobri-los: *Tendo com que nos sustentarmos e com que nos cobrirmos, contentemo-nos com isso.*

Tudo o que passa do necessário em questão de alimento e roupas é supérfluo para nós e contrário à vocação religiosa. É certo que por vezes teremos de sofrer algum incômodo nas viagens, nos trabalhos, em tempo de saúde ou

doença; outra vez, a comida, a roupa ou coisas semelhantes não nos agradarão. Mas é precisamente nesses casos que devemos recordar-nos que fizemos profissão de pobreza, e se queremos ter merecimento e prêmio, devemos suportar as consequências. Guardemo-nos bem de uma espécie de pobreza muito censurada por São Bernardo: alguns, diz ele, se vangloriam de ser chamados pobres, mas evitam os companheiros da pobreza; outros gostam de ser pobres, contanto que nada lhes falte.

Portanto, se o nosso estado de pobreza nos causa algum incômodo ou sofrimento, alegremo-nos com São Paulo que dizia estar no auge da alegria quando o salteavam as tribulações. Ou façamos como os apóstolos, que saíam radiantes de diante do sinédrio por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus. É justamente a esse gênero de pobreza que o Divino Redentor não só promete, mas assegura o paraíso, dizendo: *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus*. Ainda mais: viver em tal estado, habitar de bom grado num aposento incômodo ou mal mobiliado, vestir pobremente, contentar-se com alimentos frugais, honra muito a quem fez voto de pobreza porque isso o torna semelhante a Jesus Cristo. Faz também parte da pobreza não estragar nada, cuidar dos livros, da roupa e do calçado, bem como não ter vergonha de usar objetos ou vestir roupas velhas, remendadas ou já um tanto gastas.

Castidade

A virtude sumamente necessária, virtude grande, virtude angélica, à qual servem de coroa todas as outras é a virtude da castidade. Quem a possui pode aplicar a si mesmo as palavras do Espírito Santo: *todos os bens me vieram juntamente com ela*. O Salvador assegura-nos que ainda nesta vida mortal quem possui esse inestimável tesouro torna-se semelhante aos anjos de Deus.

Mas esse cândido lírio, essa rosa delicada, essa inestimável pérola sofre muitos e insidiosos ataques do inimigo de nossas almas, porque ele sabe que se consegue roubá-la, pode dizer-se arruinado o negócio da nossa santificação. A luz converte-se em trevas, a chama em negro carvão, o anjo do céu transforma-se em sataná e perde-se toda a virtude. Nesse ponto, meus caros, julgo de grandíssima utilidade para vossas almas indicar-vos alguns meios que, postos em prática, vos serão de grande vantagem; e parece-me poder assegurar-vos que conservarão em vossa alma essa e todas as demais virtudes. Atendei, pois:

1. Não entreis na Congregação sem primeiro tomardes conselho com pessoa prudente que vos julgue com forças de poderdes conservar essa virtude.

2. Evitai a familiaridade com pessoas de outro sexo, nem contraias amizades sensíveis com os meninos que a divina Providência confiou aos nossos cuidados. Caridade e boas maneiras com todos, mas nunca apego sensível a quem quer que seja: ou não amar a ninguém ou amar a todos igualmente, diz a esse respeito São Jerônimo.

3. Depois das orações da noite, recolhei-vos logo e não converseis com ninguém, senão no dia seguinte depois da santa missa.

4. Refreai os sentidos. O Espírito Santo diz claramente que o corpo é o opressor da alma. Isso levava São Paulo a domar o seu com severos castigos, embora alquebrado de fadigas, e escrevia: *Castigo o meu corpo e o reduzo à servidão*. Recomendo-vos especial temperança no comer e beber: vinho e castidade não podem coexistir.

5. São escolhos temíveis para a castidade os lugares, as pessoas e as coisas do mundo. Evitai-os com grande empenho e conservai-vos longe deles, não só com o corpo, mas também com a mente e o coração. Não me lembro de ter lido ou ouvido dizer que um religioso fosse à sua terra natal e voltasse mais aproveitado no espírito. Pelo contrário, contam-se aos milhares os que, não capacitados dessa verdade, quiseram fazer experiência, mas colheram por fim amargos desenganos; antes, não poucos acabaram vítimas desgraçadas de sua imprudência e temeridade.

6. A observância exata de nossas santas Regras, especialmente dos votos e das práticas de piedade, nos fará triunfar de todos os vícios e será guarda fiel da castidade. A religião cristã, com toda a razão, pode comparar-se a uma praça-forte, segundo as palavras de Isaías: *Sião é a cidade da nossa fortaleza, o Salvador será para ela o muro e o parapeito*. Pois bem, os votos e as Regras de uma comunidade religiosa são uma espécie de pequenos postos avançados; a muralha, ou os bastiões da religião, são os mandamentos de Deus e da sua Igreja.

O demônio lança mão de todas as artimanhas e enganos para nos arrastar a violá-los. Mas para induzir os religiosos a transgredi-los, ele trata antes de tudo de derrubar o parapeito e o posto avançado, isto é, as Regras ou Constituições do próprio instituto. Quando o inimigo das almas quer seduzir um religioso e instigá-lo à violação dos mandamentos divinos, começa por animá-lo a descurar as coisas mais pequeninas, e em seguida as de maior importância; depois disso, é-lhe fácil levá-lo à infração da lei do Senhor, verificando-se quanto diz o Espírito Santo: *Quem despreza as coisas pequenas pouco a pouco resvalará no abismo*.

Portanto, filhos queridos, sejamos fiéis na exata observância das nossas Regras, se quisermos ser fiéis aos mandamentos da lei de Deus, sobretudo ao

sexto e ao nono. Atendamos com constante solícitude e apliquemo-nos com especial diligência à observância exata das práticas de piedade, que são o fundamento e o apoio de todos os institutos religiosos, e viveremos castos como anjos.

Caridade fraterna

É impossível amar a Deus sem amar o próximo. O mesmo mandamento que nos preceitua o amor para com Deus nos obriga também a amar nossos semelhantes. De fato, lemos na primeira carta de São João Evangelista estas palavras: *Nós temos de Deus este mandamento: o que ama a Deus ame também a seu irmão.* Nesse ponto, adverte-nos o mesmo apóstolo que é mentiroso quem diz que ama a Deus e depois odeia seu irmão: *Se alguém disser: eu amo a Deus, e aborrecer a seu irmão, é um mentiroso.*

Quando numa comunidade reina o amor fraterno e todos os irmãos se amam reciprocamente, e cada qual se alegra do bem alheio como se fora próprio, então essa casa torna-se um verdadeiro paraíso e se comprova quanto é justa a palavra do profeta Davi: *Oh! como é bom e suave os irmãos habitarem juntos.* Mas logo que aí domina o amor próprio e lavram desavenças e dissabores entre os sócios, bem depressa essa casa se transforma num inferno. Muito se alegra Nosso Senhor em ver que em sua casa vivem os irmãos *in unum*, isto é, unidos numa só vontade, a de servirem a Deus e de se auxiliarem com caridade uns aos outros. Esse é o louvor que São Lucas faz dos primeiros cristãos: de que todos se amavam de modo que parecia tivessem um só coração e uma só alma.

Uma coisa que faz muito mal nas comunidades religiosas é a murmuração, que é diretamente contrária à caridade: *O maldizente contaminará a sua alma, e será aborrecido por Deus e pelos homens.* Como é edificante um religioso que fala bem do seu próximo e sabe desculpar-lhe os defeitos nas ocasiões oportunas! Procurai, por isso, fugir de toda a palavra que tem caráter de murmuração, especialmente se se trata de vossos irmãos e, mais ainda, de vossos superiores. Também se pode dizer murmuração, e é ainda pior, interpretar mal as ações virtuosas ou insinuar que foram feitas com má intenção.

Abstende-vos também de contar a um companheiro o que outro disse dele de mal, porque muitas vezes isso dá origem a perturbações e rancores que duram por meses e anos. Oh! quantas contas não devem dar a Deus os murmuradores nas comunidades! O Senhor aborrece o que semeia discórdia entre seus irmãos. Se ouvirdes dizer mal de alguém, fazei o que recomenda o Espírito Santo: *Ouviste alguma palavra contra teu próximo? Morra em ti.*

Tomai cuidado para não ferir algum irmão, ainda que o façais por brincadeira. Brincadeiras que desagradam ao próximo ou o magoam são contrárias à caridade. Gostaríeis de ser escarnecidos e postos em ridículo perante os outros, como fazeis àquele vosso irmão?

Procurai igualmente evitar as contendas. Às vezes, por bagatelas surgem contrastes dos quais se passa a discussões e a injúrias que destroem a união e ferem a caridade de maneira altamente deplorável.

Além disso, se amais a caridade, buscai ser afáveis e mansos com toda a classe de pessoas. A mansidão é virtude muito estimada de Jesus Cristo: *Aprendeí de mim que sou manso e humilde de coração*, deixou ele dito. Usai de doçura nas palavras e no trato, não só com os superiores, mas com todos, e sobretudo com os que antes vos ofenderam ou presentemente vos veem com maus olhos. *A caridade suporta tudo*; nunca, pois, terá verdadeira caridade quem não tolerar os defeitos dos outros. Não há neste mundo homem, por mais virtuoso que seja, que não tenha defeitos. Se, portanto, alguém quer que os outros suportem os seus, comece por sofrer os alheios e assim cumpra a lei de Jesus Cristo, como escreve São Paulo: *Levai as cargas uns dos outros, e dessa maneira cumprireis a lei de Cristo*.

Desçamos à prática. Antes de tudo, refreai a ira, que tão fácil se acende em momentos de discussões; e evitai com todo cuidado palavras que desagradam, maneiras altivas e ásperas, pois às vezes desgostam mais os modos grosseiros, que as mesmas palavras orgulhosas. Se o irmão que vos ofendeu viesse pedir-vos desculpa, tende cuidado em não acolhê-lo com semblante carregado, nem lhe respondais com meias palavras; pelo contrário, tratai-o bem, com afeto e benevolência.

Se acontecesse, porém, de vós terdes ofendido a outrem, procurai logo acalmá-lo e dissipar-lhe do coração toda sombra de rancor que possa ter para convosco. Segundo o aviso de São Paulo, não se ponha o sol sem que de coração tenhais perdoado qualquer sentimento e vos tenhais reconciliado com o vosso irmão. Antes, fazei-o logo que puderdes, esforçando-vos por vencer a repugnância que sentis na alma.

Não vos contenteis em amar vossos companheiros somente com palavras; mas ajudai-os sempre que puderdes, de todos os modos possíveis, como recomenda São João, o apóstolo da caridade: *Não amemos de palavra nem de língua, mas por obra e em verdade*. É também caridade satisfazer aos pedidos honestos; mas o melhor ato de caridade é zelar pelo bem espiritual do próximo. Quando se apresentar ocasião para fazer o bem, nunca digais: isso não me pertence, não quero meter-me nos trabalhos dos outros; pois essa é a resposta de Caim, que teve o atrevimento de dizer ao Senhor: *Acaso, sou eu o guarda de*

meu irmão? Todos somos obrigados, se pudermos, a salvar o próximo da ruína. O mesmo Deus ordena que cada um cuide de seu semelhante. Esforçai-vos, por isso, para auxiliar a todos, na medida do possível, com palavras e obras, especialmente com orações.

Muito pode estimular à caridade ver a Jesus Cristo na pessoa do próximo, e refletir que o Divino Salvador tem como feito a si mesmo o bem feito a um nosso semelhante, segundo estas suas palavras: *Na verdade vos digo que quantas vezes fizestes isso a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim é que o fizestes.* De tudo o que dissermos, bem podeis concluir quanto é necessária e bela a virtude da caridade! Praticai-a, pois, e recebereis em prêmio copiosas bênçãos do céu.

Práticas de piedade

Como os alimentos nutrem o corpo e o conservam, assim as práticas de piedade sustentam a alma e a tornam forte contra as tentações. Enquanto nos empenharmos deveras em fazer as nossas práticas de piedade, nosso coração estará em boa harmonia com todos e veremos o salesiano alegre e satisfeito com sua vocação. Pelo contrário, começará a duvidar dela e até a experimentar violentas tentações quando em seu coração começar a infiltrar-se a negligência nas práticas de piedade. A história eclesiástica nos ensina que todas as ordens e congregações religiosas floresceram e promoveram o bem da religião enquanto a piedade se manteve em vigor entre elas; pelo contrário, vemos que muitas decaíram e outras deixaram de existir. Mas quando? Quando se afrouxou o espírito de piedade e cada membro se pôs a pensar nas suas próprias coisas, e não nas que são de Jesus Cristo, como de alguns cristãos já se queixava São Paulo.

Portanto, meus filhos, se amamos a glória de nossa Congregação, se desejamos que se propague e conserve florescente para proveito de nossas almas e das de nosso próximo, procuremos com a maior solicitude não desleixar a meditação, a leitura espiritual, a visita cotidiana ao Santíssimo Sacramento, a confissão semanal, a comunhão frequente e devota, o terço de Nossa Senhora, a pequena abstinência das sextas-feiras e coisas semelhantes. Embora cada uma dessas práticas, consideradas de *per si*, não pareça muito necessária, todavia, contribui eficazmente para levantar mais o edifício da nossa perfeição e salvação eterna. Se queres crescer e tornar-te grande diante de Deus, diz Santo Agostinho, começa pelas coisas menores.

Mas a parte fundamental das práticas de piedade e que em certo modo as abraça a todas são os exercícios espirituais que se devem fazer cada ano e o

exercício da boa morte uma vez por mês. Se algum sócio, por suas ocupações, não puder fazer em comum o exercício da boa morte, faça-o sozinho, e quem estiver muito ocupado e não puder empregar nesse exercício todo o dia, aplique ao menos uma parte, deixando para outro dia o trabalho que não é estritamente necessário; mas guiem-se todos, mais ou menos, por estas normas.

1. Além da meditação normal de cada manhã, faça-se à tarde meia hora de meditação ou uma conferência sobre alguns dos novíssimos.

2. A confissão, que todos devem fazer nesse dia, seja mais acurada que de costume, pensando que bem poderá ser a última da vida, e receba-se como se fora por Viático a sagrada comunhão.

3. Considere-se, ao menos por meia hora, se no mês anterior houve progresso ou retrocesso na virtude, sobretudo no que se refere à observância das santas Regras e tomem-se resoluções de vida melhor.

4. Leiam-se nesse dia todas ou ao menos em parte as Regras da Congregação.

5. Também será bom que nesse dia se escolha um santo para protetor do novo mês.

Creio que se possa dizer assegurada a salvação do religioso que cada mês recebe os santos sacramentos e põe em dia as contas de sua consciência, como se de fato devesse sair dessa vida para entrar na eternidade.

Se, pois, temos amor à nossa Congregação, se desejamos salvar-nos, observemos as nossas Regras, sejamos pontuais ainda mesmo nas coisas mais comuns. Quem teme a Deus, nada descuida do que pode redundar em sua glória.

Dos rendicontos e da sua importância

A confiança nos superiores é uma das coisas que mais contribui para o bom andamento de uma congregação religiosa e para a paz e felicidade de cada sócio. Quando têm essa confiança, os súbditos abrem o coração ao superior e assim aliviam as próprias aflições, desaparecem as ansiedades que se poderiam encontrar no cumprimento dos deveres, e os superiores podem tomar as devidas providências para se evitar todo o desgosto, todo o descontentamento. Podem, além disso, conhecer as forças físicas e morais dos seus subordinados e confiar-lhes, por conseguinte, os encargos que mais lhes convenham. Se por acaso se fosse introduzindo alguma desordem, podem logo descobri-la e remediá-la. Este o motivo pelo qual se determinou que, ao menos uma vez por mês, cada irmão tenha um colóquio com o seu superior. A esse propósito, estabelecem as nossas Constituições que cada um deve manifestar com

simplicidade e prontidão as faltas exteriores cometidas contra a santa Regra, o progresso feito nas virtudes, as dificuldades que encontra e tudo o mais que julgar necessário manifestar para que possa receber conselhos e conforto.

Os pontos principais sobre os quais versarão as contas de consciência são estes: 1º. Saúde. - 2º. Estudo e trabalho. - 3º. Se se podem cumprir bem as próprias ocupações e que diligência se emprega no desempenho delas. - 4º. Se se tem comodidade em cumprir os deveres de piedade e que diligência se põe neles. - 5º. Como se faz a oração e a meditação. - 6º. Com que frequência e devoção se recebem os santos sacramentos. - 7º. Como se observam os votos e se há dúvidas em matéria de vocação. Mas note-se bem que as contas de consciência tratam somente de coisas externas e não de coisas de confissão. - 8º. Se se tem desgostos ou perturbações internas ou frieza para com alguém. - 9º. Se se conhece alguma desordem que se deva remediar, especialmente quando se trata de impedir a ofensa de Deus.

Eis algumas palavras de São Francisco de Sales quanto às contas de consciência: “Todos os meses, cada um abrirá sumária e brevemente o seu coração ao superior e com toda a simplicidade e fiel confiança lhe declarará todos os segredos, com a mesma sinceridade e candura com que um filho mostraria à sua mãe as arranhaduras, os pontos doloridos do corpo e as ferroadas das vespas. Dessa maneira não só prestará contas do que tem adquirido e avançado, mas ainda das perdas e faltas nos exercícios da oração, da virtude e da vida espiritual; manifestando igualmente as tentações e penas interiores, não só para receber alívio, mas também para se humilhar. Ditosos os que praticarem sincera e devotamente esse artigo, que inclui em si uma parte da sagrada infância espiritual, tão recomendada por Nosso Senhor, a qual produz e conserva a verdadeira paz de espírito”.

Recomenda-se calorosamente aos diretores que nunca sejam negligentes em receber as contas de consciência. E por seu lado, convença-se cada irmão de que, se as praticar como deve, com toda a franqueza e humildade, neles encontrará grande alívio para o próprio coração e um grande auxílio para progredir na virtude, e muito lucrará com essa prática toda a Congregação.

O ponto em que recomendo maior franqueza é o que se refere à vocação. Não tenhamos mistérios para com os superiores. Entre todos os pontos, este é o mais importante, porque dele depende o teor de vida que se há de seguir. Infeliz daquele que oculta as dúvidas sobre a sua vocação ou resolve sair da Congregação sem primeiro se aconselhar devidamente e sem pedir o parecer de quem dirige sua alma. Poderia pôr em perigo sua eterna salvação.

A primeira razão que mais nos convence da importância e necessidade de proceder com essa franqueza para com os superiores é para que possam go-

vernar e dirigir melhor os seus subordinados. O superior é obrigado a regê-los e dirigi-los, porque esse é seu ofício, isso é ser diretor e superior. Ora, se ele não os conhece porque não se abrem, não pode dirigi-los nem ajudá-los com seus conselhos e estímulos.

A segunda razão, que mais esclarece a precedente, é que, quanto maior conhecimento os superiores tiverem de toda a vida de seus súditos, com tanto maior cuidado e amor poderão ajudá-los e preservar-lhes as almas dos diversos inconvenientes e perigos em que poderiam incorrer, colocando-os nesse ou naquele lugar, nessa ou naquela ocasião.

A terceira razão da importância da franqueza e confiança nos superiores é que por ela os superiores podem melhor ordenar e providenciar o que convém ao corpo todo da Congregação, cujo bem e honra, simultaneamente com o bem e honra de cada irmão, eles são obrigados a zelar. Quando alguém se abre com eles e lhes dá conta exata do seu estado, então os superiores, tendo em tudo o cuidado da honra do sócio e sem nenhum desdouro para ele, podem igualmente atender ao bem geral da Congregação; mas se alguém não se abre com eles, exporá talvez a algum risco sua honra e sua alma, e até a honra da comunidade, que depende da sua.

Que alegria e satisfação não goza o religioso que se abre com o seu superior e lhe descobre tudo o que lhe perturba o espírito! Assim, quando depois lhe dão algum encargo, pode confiar deveras em Deus, que o ajudará e livrará de todo e qualquer inconveniente. Senhor, poderá dizer, não tomei por mim mesmo esta incumbência, nem por minha vontade me acho neste lugar; até fiz ver a minha insuficiência e minhas poucas forças espirituais para este peso; vós, ó Senhor, me colocastes aqui e me ordenastes: supri, pois, o que me falta. Animado com essa confiança, dirá com Santo Agostinho: Senhor, dai-me o que mandais, e mandai tudo o que quiserdes. Assim lhe parecerá ter constituído a Deus na obrigação de conceder-lhe aquilo que lhe pede. Mas o outro, que não manifestou o seu interior, antes, encobriu suas fraquezas, que consolação poderá ter? Dado que não é Deus quem o manda fazer essa coisa, nem aí o coloca a obediência, mas ele, de sua cabeça, se ingere e intromete, é intruso, não é chamado, nem mandado, e as coisas não lhe sairão bem.

Dúvidas sobre a vocação

Quem se consagra a Nosso Senhor pelos santos votos, faz à divina majestade uma oferta das mais preciosas e agradáveis.

Mas vendo o inimigo das almas que por esse meio o homem se liberta de seu serviço, costuma perturbar-lhe o espírito com mil ilusões para levá-lo a retroceder e a trilhar o caminho perigoso do século.

O principal desses enganos consiste em suscitar-lhe dúvidas acerca da vocação, seguindo-se o desânimo, a tibieza, e muitas vezes o regresso ao mundo, que tantas vezes reconhecera como traidor e que por fim abandonara por amor de Deus.

Se, por acaso, amadíssimos filhos, fordes assaltados por essa perigosa tentação, deveis logo responder em vosso interior que quando entrastes para a vida religiosa, Deus vos tinha concedido a graça inestimável da vocação. Se ela agora se tornou duvidosa, sois vítima de uma tentação a que vós mesmos dais talvez motivo e que deveis desprezar e combater como uma verdadeira insinuação do demônio. Muitas vezes o espírito perturbado diz a quem é tomado dessas dúvidas: *Podes fazer maior bem noutra parte*. Mas respondi imediatamente com as palavras de São Paulo: *Cada um permaneça na vocação a que foi chamado*. O mesmo São Paulo nos suplica que procedamos com coragem e firmeza na vocação em que nos achamos, quando diz: *Assim vos rogo eu, que andeis como convém na vocação a que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com paciência*. Se continuais na vossa Congregação e observais com fidelidade as suas Regras, estais seguros da vossa salvação. Pelo contrário, a triste experiência nos ensina que os que saíram da vida religiosa, quase sempre se enganaram. Alguns se arrependeram, perdendo a paz para sempre; outros ficaram expostos a graves perigos, e alguns houve que se converteram em pedras de escândalo, com grande risco da própria e da alheia salvação.

Enquanto, pois, vosso espírito e vosso coração estiverem agitados por dúvidas ou por uma paixão qualquer, recomendo-vos calorosamente não delibereis coisa nenhuma, porque essas deliberações não são por certo segundo a vontade de nosso Senhor, que no dizer do Espírito Santo *não se encontra na comoção*. Nesses casos aconselho-vos a irdes ter com vossos superiores e expor-lhes com muita sinceridade o que tendes no coração e seguir fielmente os avisos que vos derem. Sejam quais forem as recomendações que vos fizerem, ponde-as em prática e certamente não errareis; pois nos conselhos dos superiores está empenhada a palavra do Salvador, o qual nos assegura que as respostas que derem são como se ele mesmo as desse: *Quem vos ouve a mim ouve*.

Cinco defeitos que devemos evitar

A experiência tem dado a conhecer cinco defeitos que são como as traças da observância religiosa e a ruína das congregações, e são: o prurido de reforma, – o egoísmo individual, – a murmuração, – a negligência nos próprios deveres, – e esquecer que se trabalha para Nosso Senhor.

1º Fugamos do prurido de reformas. Esforcemo-nos para observar as nossas Regras, sem preocuparmo-nos em melhorá-las ou reformá-las. “Se os

salesianos, disse o nosso grande benfeitor Pio IX, sem pretenderem melhorar as suas Constituições, se esforçarem por observá-las com fidelidade, a sua Congregação será cada vez mais florescente”.

2º Renunciemos ao egoísmo individual. Por isso, nunca busquemos nossas vantagens particulares, mas empenhemo-nos com grande zelo em conseguir o bem comum da Congregação. Devemos amar-nos mutuamente, ajudar-nos uns aos outros, com o conselho e a oração, promover a honra dos nossos irmãos, não como coisa de um só, mas como essencial e nobre patrimônio de todos.

3º Não murmuremos dos superiores, nem desaprovemos as suas determinações. Toda a vez que chegar ao nosso conhecimento coisa que material ou moralmente nos pareça má, exponha-se com humildade aos superiores. Eles foram encarregados por Deus de vigiar pelas coisas e pessoas. Por isso, eles e mais ninguém deverão dar conta de sua direção e administração.

4º Ninguém transcure seus deveres. Os salesianos, considerados em conjunto, formam um só corpo, isto é, a Congregação. Se todos os membros desse corpo cumprem o seu dever, tudo caminhará com ordem e contentamento. Se assim não for, nascerão desordens, deslocções, rupturas, desmantelamentos, e por fim virá a ruína do corpo mesmo. Por isso, execute cada um o ofício que lhe foi designado, mas faça-o com zelo, humildade e confiança em Deus, e não desanime se tiver que se sujeitar a algum sacrifício que lhe seja penoso. Console-se, pelo contrário, com os pensamentos de que suas fadigas redundam em utilidade da Congregação, a cuja vantagem todos nos consagramos.

5º Em qualquer cargo, trabalho, pena ou desgosto, nunca nos esqueçamos que, tendo-nos consagrado a Deus, só por ele devemos trabalhar, e só dele esperar a recompensa. Deus tem em conta muito minuciosa as mais pequeninas coisas feitas em seu santo nome, e é de fé que a seu tempo nos premiará de forma superabundante. No fim da vida, quando comparecermos em seu divino tribunal, olhando-nos com olhos cheios de amor, dir-nos-á: *Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel nas coisas pequenas, dar-te-ei a administração das grandes: entra no gozo do teu Senhor.*

Caros salesianos,

Quanto com brevidade aqui se vos indica, ser-vos-á mais difusamente exposto em manual apropriado. Entretanto, recebi estas Constituições como testamento para toda a Congregação. Recebi ainda os pensamentos, que as precedem como lembranças que, como pai, vos deixo antes de partir para a eternidade, da qual percebo me vou avizinando a passos largos. Recomendai

a Nosso Senhor a salvação de minha alma, e eu também rezarei constantemente por vós, a fim de que, pela observância exata das nossas Constituições, possamos viver felizes no tempo e, por mercê da divina misericórdia, nos seja dado um dia reunirmo-nos todos para gozar e louvar a Deus na feliz eternidade. Assim seja.

Festa da Assunção de Maria Virgem ao céu, 15 de agosto de 1875

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

II. DOCUMENTOS CONSTITUCIONAIS

O primeiro documento contido nesta parte (n. 225) é o texto regulamentar mais antigo que possuímos. Foi passado a limpo pelo clérigo Miguel Rua entre 1858 e 1859, a partir de um esboço precedente de Dom Bosco que não foi conservado. Desta redação derivam as demais redações constitucionais até o documento definitivo de 1874⁸. Para sua composição, Dom Bosco, que não tinha experiência de vida consagrada, recorreu às constituições de outros institutos religiosos.

O texto, subdividido em nove artigos – origem, escopo, forma da Congregação, voto de obediência, pobreza, castidade, governo interno, outros superiores, aceitação – e introduzido por um proêmio e uma síntese histórica sobre a origem da Congregação, resulta ainda um texto no estágio de esboço e com lacunas, fruto, em parte, de experiência e, em parte, de elaboração literária. Todavia, já apresenta uma série de opções importantes atribuíveis ao próprio Dom Bosco. Em particular, os votos, a vida comum e a forma de governo assumem sua especificidade salesiana pela maneira como foram formulados, em termos que ultrapassam a pura norma e refletem as urgências espirituais do fundador. O unir-se em congregação é motivado por três razões: a imitação de Cristo “Divino Salvador”, o exercício da virtude cristã da caridade e a urgência de renovar a sociedade mediante o cuidado dos jovens, especialmente dos mais pobres e da “camada mais baixa do povo”.

O tema da caridade, “entendida como participação a uma graça divina e como prolongamento da obra salvífica de Cristo”, é o que melhor assinala a relação entre os salesianos e os destinatários da sua obra. É a caridade, “teologicamente entendida e psicologicamente enriquecida, que dá um sentido particular às clássicas virtudes evangélicas da pobreza, da castidade e da obediência”⁹. Mas o aspecto mais interessante é a função atribuída ao Oratório e à “casa anexa”: a consagração dos religiosos salesianos se dá em função da missão oratoriana, isto é, dos jovens a recolher e instruir na religião, a encaminhar a alguma arte ou ofício, “como atualmente se faz na casa anexa ao Oratório de São Francisco de Sales nesta cidade”. Em suma, para além dos modelos referenciais, o traço carismático emerge nesta tendência de Dom Bosco de dar à praxe do Oratório uma função normativa¹⁰.

O segundo documento (n. 226) é a tradução italiana das Regras ou Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales, publicada em 1875. A

⁸ Sobre as diversas etapas do processo redacional das Constituições Salesianas cf. Giovanni BOSCO, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858]-1875*. Textos críticos de Francesco Motto. Roma, LAS 1982.

⁹ Cf. Pietro STELLA, *Le Costituzioni salesiane fino al 1888*, in *Fedeltà e rinnovamento. Studi sulle costituzioni salesiane*. Por Joseph Aubry e Mario Midali. Roma, LAS 1974, pp. 30-31.

¹⁰ *Ibid.*, p. 32.

edição que reproduzimos aqui, confrontada com o texto latino aprovado em Roma (1874), apresenta algumas características singulares: certas cláusulas jurídicas são apresentadas de forma menos clara; o capítulo sobre o noviciado, composto por treze artigos, é reduzido a somente sete; os artigos 9º e 10º do capítulo XI (De acceptance) – não contrair hábitos mesmo indiferentes; para a glória de Deus e a salvação das almas estar dispostos a suportar incômodos como o calor, o frio, a fome, a sede – são transferidos para o capítulo XIII (Pietatis exercitia), como artigos conclusivos, 12º e 13º; além disso, é eliminado um artigo sobre a deposição do Reitor-Mor em caso de indignidade¹¹. Mas as modificações mais importantes se referem à economia, com formulações que na prática sancionam a quase completa autonomia no assunto de toda autoridade civil e eclesiástica: é uma exegese jurídica que Dom Bosco formula em nota ao art. 3º do capítulo VII sobre o governo interno da Sociedade: “A Sociedade Salesiana enquanto entidade moral nada possui, por isso, exceto no caso de ser aprovada legalmente por algum governo, não estará vinculada por este artigo. Pela mesma razão, cada salesiano pode exercer os direitos civis de compra, venda e coisas semelhantes sem recorrer à Santa Sé”.

O terceiro documento (n. 227), Regras ou Constituições para as Filhas de Maria Santíssima Auxiliadora agregadas à Sociedade Salesiana (1885), é a redação definitiva, a última revista pelo fundador, que ficou em vigor até 1906¹². O texto era precedido por uma carta de apresentação de Dom Bosco (cf. n. 48) e por uma introdução, substancialmente idêntica ao escrito Aos sócios salesianos, que aqui não reproduzimos. O documento foi composto tomando como base as Regras da Filhas da Imaculada de Mornese, das Constituições dos salesianos, das Regras das Irmãs de Sant’Ana (fundadas pelos marqueses Tancredi e Júlia di Barolo). Todavia, o perfil de religiosa que delas emerge é inconfundível: totalizador e sóbrio; permeado de intensa tensão apostólica, acentuada caridade educativa, humanismo tipicamente salesiano e toque espiritual propriamente feminino e afetuoso – como facilmente se pode constatar, por exemplo, no intenso e bellissimo Título XIII dedicado às Virtudes essenciais propostas ao estudo das noviças e à prática das professoras.

¹¹ *Constitutiones*, cap. VII, art. 8: “At si forte contingat, quod Deus avertat, ut rector maior gravissime officia sua negligat, praefectus vel quisque de superiore capítulo [...] poterit rectorem efficaciter admonere. Quod si non sufficiat [...] deponi potest” (G. BOSCO, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales...*, p. 125).

¹² Cf. Giovanni BOSCO, *Costituzioni per l’Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1872-1885)*. Textos críticos aos cuidador da Ir. Cecilia Romero fma. Roma, LAS 1983, p. 161.

225. Primeiro esboço das Regras da Congregação Salesiana (1858/1859)

Edição crítica em Giovanni BOSCO, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858]-1875*. Textos críticos de Francesco Motto. (= Instituto Histórico Salesiano – Fontes, Primeira série, 1). Roma, LAS 1982, pp. 58-172.

Congregação de São Francisco de Sales

Em todos os tempos houve especial solicitude por parte dos ministros da Igreja em se ocuparem segundo as próprias forças na promoção do bem espiritual da juventude. Da boa ou má educação dos jovens depende um futuro bom ou ruim para os costumes da sociedade. O próprio Salvador nos deu provas concretas desta verdade quando cumpria sua missão divina na terra convidando com especial afeto as crianças a se aproximarem dele: *Sinite parvulos venire ad me* [Mc 10,14]. Os sumos pontífices, seguindo os vestígios do pontífice eterno, o Divino Salvador, de quem fazem as vezes na terra, promoveram em todos os tempos, pela voz e pelos escritos, a boa educação da juventude e favoreceram de modo especial as instituições que se dedicam a este setor do sagrado ministério.

Nos nossos dias, porém, a necessidade urge muito mais. A negligência de muitos pais, o abuso da imprensa, o empenho dos heréticos para atraírem seguidores, mostram a necessidade que temos de nos unir em combater pela causa do Senhor sob o estandarte da fé e assim conservar a fé e os bons costumes particularmente entre aqueles jovens que, por serem pobres, estão facilmente expostos a maiores perigos quanto à sua salvação eterna. Este é o escopo da Congregação de São Francisco de Sales, iniciada em Turim em 1841.

Origem desta Congregação

Desde 1841 o sacerdote João Bosco se juntou a outros eclesiásticos para acolher em locais apropriados os jovens mais abandonados da cidade de Turim a fim de entretê-los com divertimentos e ao mesmo tempo alimentá-los com o pão da palavra divina. Tudo fazia de acordo com a autoridade eclesiástica. Tendo o Senhor abençoado aqueles inícios, o comparecimento de jovens foi muito grande e no ano de 1844 sua excelência dom Frasoni concedia que uma construção fosse transformada em capela, permitindo que ali se celebrassem as celebrações sagradas necessárias para a santificação dos dias festivos e para instrução dos jovens que a cada dia aumentavam de número.

Ali o arcebispo esteve diversas vezes para administrar o sacramento da crisma e no ano de 1846 concedeu que ali *todos os que participavam daquela instituição* podiam ser admitidos à santa comunhão e a cumprir o preceito pascal; permitia também cantar a santa missa, celebrar tríduos e novenas, caso fosse oportuno. Até 1847 tudo isso aconteceu no Oratório dito de São Francisco de Sales. Naquele ano, crescendo o número de jovens e ficando pequena a igreja, sempre com a anuência da autoridade eclesiástica, abriu-se em outra parte da cidade um segundo oratório sob o título de São Luís Gonzaga, com o mesmo escopo do precedente.

Sendo insuficientes também estes dois locais, em 1850 foi aberto um terceiro em outra parte da cidade sob o título de Anjo da Guarda.

Como os tempos se tornaram muito difíceis para a religião, o superior eclesiástico, num gesto de grande bondade, aprovou o regulamento para estes oratórios e constituiu o sacerdote Bosco como seu diretor-chefe, concedendo-lhe *todas as faculdades necessárias e oportunas para tal finalidade*.

Muitos bispos adotaram o mesmo plano de regulamento e se empenharam em introduzir nas próprias dioceses esses oratórios festivos. Entretanto, surgiu uma necessidade grave quanto a esses oratórios. Muitos jovens mais adultos não podiam ser suficientemente instruídos só mediante o catecismo nos dias festivos, por isso foi preciso abrir aulas e catecismos diurnos e noturnos. Aliás, muitos deles, absolutamente pobres e abandonados, foram acolhidos numa casa para serem tirados do meio dos perigos, instruídos na religião e encaminhados ao trabalho.

O que acontece ainda agora especialmente em Turim na casa anexa ao Oratório de São Francisco de Sales onde os internos são cerca de duzentos. O mesmo acontece em Gênova, na obra chamada dos “Artigianelli” [aprendizes], onde é diretor o sacerdote Francisco Montebruno: ali os internos são quarenta. Também há outra obra na cidade de Alessândria, confiada ao clérigo Ângelo Savio: nessa cidade os internos são 30.

Considerando a frequência de jovens que costuma ocorrer nos oratórios festivos, as escolas diurnas e noturnas e o número sempre crescente dos internos, a messe do Senhor se torna bastante copiosa. Como consequência, a fim de conservar a unidade de espírito e de disciplina, do que depende o bom êxito dos oratórios, desde o ano de 1844, alguns eclesiásticos se reuniram para formar uma espécie de congregação, ajudando-se reciprocamente mediante o bom exemplo e a instrução.

Eles não fizeram nenhum voto propriamente dito; tudo se limitou a fazer uma simples promessa de só se dedicarem ao que o superior considerasse ser para a maior glória de Deus e o bem da própria alma. Reconheciam seu superior na pessoa do sacerdote João Bosco. Embora não houvesse votos, todavia, na prática se observavam as regras que aqui são expostas. As pessoas que atualmente professam estas regras são quinze, a saber, 5 sacerdotes, 8 clérigos e 2 leigos.

Escopo desta Congregação

1. O escopo desta congregação é o de reunir seus membros eclesiásticos, clérigos e leigos a fim de se aperfeiçoarem ao imitar por quanto possível as virtudes do nosso divino Salvador.

2. Jesus Cristo começou a fazer e a ensinar; assim, os congregados começarão por aperfeiçoar a si mesmos mediante a prática das virtudes internas e externas e a aquisição da ciência, para depois se dedicar ao bem do próximo.

3. O primeiro exercício de caridade consistirá em recolher jovens pobres e abandonados para instruí-los na santa religião católica, principalmente nos dias festivos, da forma como atualmente se faz nesta cidade de Turim no Oratório de São Francisco de Sales, no de São Luís e do Santo Anjo da Guarda.

4. Havendo, porém, daqueles que são de tal modo abandonados que se torna inútil qualquer cuidado se não forem recolhidos, para eles, na medida do possível, se abrirão casas de acolhida, onde, com os meios que a divina Providência nos enviar, se lhes oferecerá moradia, comida e roupa; enquanto forem instruídos nas verdades da fé, também serão encaminhados a alguma arte ou ofício, como atualmente se faz na casa anexa ao Oratório de São Francisco de Sales.

5. Atualmente a necessidade de sustentar a religião católica é sentida de forma mais intensa também pelos adultos do povo simples, especialmente nos povoados do interior; por isso, os congregados se empenharão em pregar exercícios espirituais, difundir bons livros, usar de todos os meios que uma caridade industriosa sugerir a fim de que mediante a palavra e os escritos se ponha uma barreira à impiedade e à heresia, que de tantas maneiras tenta se insinuar entre os rudes e os ignorantes: no momento presente isto é feito ao pregar de vez em quando algum turno de exercícios espirituais e mediante a publicação das *Leituras Católicas*.

Forma da Congregação

1. Todos os congregados levam vida comum, ligados somente pela caridade fraterna e pelos votos simples que os unem para formar um só coração e uma só alma para amar e servir a Deus.

2. Cada um ao entrar na Congregação não perderá os direitos civis, mesmo depois de ter feito os votos; por consequência, conserva a propriedade das suas coisas, a faculdade de suceder e de receber heranças, legados e doações.

3. Todavia, o fruto desses bens, por todo o tempo que permanecer na Congregação, deve ser cedido em favor da Congregação ou dos próprios parentes ou de alguma outra pessoa.

4. Os clérigos e os sacerdotes, mesmo após ter emitido os votos, conservam o próprio patrimônio ou os benefícios simples; não podem, porém, administrá-los, nem usufruir deles em particular.

5. A administração dos patrimônios, dos benefícios e de tudo o que é trazido para a Congregação ou que é possuído por algum membro, pertence ao superior da casa, o qual, por si ou por outros, os administrará e receberá os frutos anuais enquanto o sócio estiver na Congregação.

6. Todo sacerdote entregará ao superior também a espórtula da missa; os demais, clérigos ou leigos, lhe entregarão toda espécie de dinheiro que de algum modo chegar às suas mãos, a fim de servir para o bem comum.

7. Igualmente, quem quiser dispor por testamento dos móveis de que é dono [em favor] da Congregação, pode deixá-los para quem melhor lhe parecer.

8. A quem morrer sem testamento sucederá quem de direito.

9. Os votos obrigam o congregado até que permanecer na Congregação. Os que se retiram espontaneamente ou que, por prudente juízo dos superiores, forem afastados da Congregação, pelo mesmo fato são dispensados dos seus votos.

10. Cada um procure perseverar até a morte na própria vocação; se alguém, porém, sair da Congregação, nada poderá pretender pelo tempo que nela passou, nem poderá levar consigo outros bens além dos que o superior da casa considerar conveniente.

11. Ocorrendo fundar alguma nova casa, em primeiro lugar se acerte com o bispo da diocese na qual se pretende abri-la tudo o que se refere ao espiritual e ao temporal.

12. Os congregados que vão abrir uma nova casa não devem ser menos de dois, dos quais pelo menos um seja sacerdote. Cada casa será autônoma na administração dos próprios bens; sempre, porém, nos limites fixados pelo superior.

13. O superior admitirá os noviços, os aceitará para a profissão ou então os dispensará, conforme lhe parecer melhor no Senhor. Todavia, não poderá excluir ninguém da casa sem primeiro consultar os superiores aos quais cabe decidir.

14. As obrigações que cada congregado assume na emissão dos votos não obrigam sob pena de pecado, a não ser quando for violado o direito natural, divino ou eclesiástico, ou no que for ordenado pelo superior em força da santa obediência.

Do voto de obediência

1. O profeta Davi pedia a Deus que o iluminasse para fazer a sua santa vontade. O Divino Salvador nos assegurou não ter vindo à terra para fazer a sua vontade, mas a do seu Pai celeste. É para garantir-nos que se faz a santa vontade de Deus que se emite o voto de obediência.

2. Este voto em geral visa a que não nos ocupemos com outras coisas que não sejam as que o respectivo superior julgar serem para a maior glória de Deus e o bem da própria alma.

3. Em particular, refere-se à observância das regras contidas no plano de regulamento da casa, tal como há vários [anos] se pratica na casa anexa ao Oratório de São Francisco de Sales.

4. A virtude da obediência nos assegura fazermos a vontade divina. Quem vos ouve, diz o Salvador, a mim ouve, quem vos despreza, é a mim que despreza.

5. Cada um, portanto, considere o superior como um pai, obedeça-lhe inteira e prontamente, com ânimo alegre e com humildade.

6. Ninguém se preocupe em pedir ou recusar alguma coisa. Se, porém, alguém julgar que alguma coisa lhe é nociva ou necessária, exponha o caso respeitosamente ao superior e aceite no Senhor a resposta, seja ela qual for.

7. Cada um tenha grande confiança no superior, nenhum segredo do coração lhe seja oculto. Tenha grande abertura de consciência sempre que for solicitado ou quando o próprio congregado sentir necessidade.

8. Cada um obedeça sem nenhuma resistência, nem de fatos, nem de palavras, nem de coração. Quanto mais uma coisa for repugnante a

quem a faz, tanto mais o congregado crescerá em méritos diante de Deus ao cumpri-la.

9. Ninguém envie cartas para fora de casa sem licença do superior ou de um seu delegado. Recebendo cartas, antes sejam entregues ao superior, que as lerá, caso considerar oportuno.

Voto de pobreza

1. A essência do voto de pobreza na nossa Congregação consiste em levar vida comum quanto à comida e ao vestuário, e em nada guardar à chave sem licença especial do superior.

2. Também faz parte deste voto manter os quartos em grande simplicidade, procurando ornar o coração de virtudes e não a pessoa ou as paredes do aposento.

3. Ninguém na Congregação conserve dinheiro consigo ou em depósito, por nenhum motivo.

4. Em caso de viagem ou de o superior enviar um congregado a abrir ou administrar alguma casa de beneficência ou a cumprir alguma tarefa do sagrado ministério, o superior dará as disposições conforme a necessidade.

5. Emprestar, receber ou desfazer-se sem licença dos superiores do que alguém dispõe para uso próprio ou que pertence à casa, não só é proibido fazê-lo com as pessoas externas, mas também com as de casa.

6. Se a alguém for dada uma esmola, entregue-a imediatamente ao superior que a dará ao procurador da casa para que a ponha na caixa comum da Congregação.

Do voto de castidade

1. Quem trabalha com a juventude abandonada, certamente deve procurar enriquecer-se de todas as virtudes. Mas a virtude angélica, tão cara ao Filho de Deus, a virtude da castidade, deve ser cultivada em grau eminente.

2. Quem não tiver certeza de conservar esta virtude nas obras, nas palavras e nos pensamentos, não entre nesta Congregação, porque a cada passo estará exposto a perigos. As palavras, os olhares mesmo indiferentes [são] mal interpretados pelos jovens que já foram vítimas das paixões humanas.

3. Por isso, o máximo cuidado em falar ou tratar com os jovens de qualquer idade ou condição.

4. Fugir das conversas das pessoas de outro sexo e dos seculares, quando se prevê algum perigo para esta virtude.

5. Ninguém vá à casa de conhecidos sem expressa licença do superior, o qual sempre lhe designará um companheiro.

6. Meios eficazes para guardar esta virtude são a prática exata dos conselhos do confessor, a mortificação e a modéstia em todos os sentidos do corpo, frequentes visitas a Jesus Sacramentado, frequentes jaculatórias a Maria Santíssima, a São Francisco de Sales, a São Luís Gonzaga, que são os principais padroeiros desta Congregação.

Governo interno da Congregação

1. A Congregação será governada por um Capítulo composto pelo reitor, um prefeito, um ecônomo, um diretor espiritual ou catequista e dois conselheiros.

2. O reitor será vitalício; a ele cabe propor ou não a aceitação dos postulantes, atribuir a cada um suas incumbências tanto no que tange ao espiritual, quanto ao temporal.

3. O reitor, dentre os membros da Congregação, nomeará para si um vigário e o designará com nome e sobrenome numa folha de papel lacrada, mantendo tudo em segredo e guardado à chave. No verso da folha se escreva: reitor provisório.

4. O vigário fará as vezes do reitor em caso de morte até que seja eleito definitivamente o sucessor.

5. Para que alguém possa ser eleito reitor deve ter vivido pelo menos seis anos na Congregação, ter completado trinta anos de idade e ser de comportamento exemplar para todos os congregados. Existindo todas as demais qualidades em grau eminente, o bispo ordinário pode diminuir a idade até 26 anos.

6. O reitor não estará definitivamente eleito enquanto não for aprovado pelo superior eclesiástico.

7. A eleição do sucessor do reitor falecido se fará deste modo: oito dias após a morte do reitor, se reunirão o prefeito, o ecônomo, o diretor espiritual e dois conselheiros, o vigário com outros dois dentre os mais idosos da Congregação. Se o tempo e o lugar permitirem, serão convidados também todos os reitores de todas as outras casas. Recitado o *De profundis* sem sufrágio do reitor falecido, invocada a assistência do Espírito Santo com o *Veni Creator Spiritus*, se fará a votação. O que conseguir dois terços dos votos será o novo reitor.

Os demais superiores

1. Os ofícios próprios dos demais superiores da casa serão distribuídos pelo reitor conforme o plano de regulamento para os jovens internos.
2. O diretor espiritual, porém, cuidará particularmente dos noviços e terá a máxima solicitude em fazer com que aprendam e pratiquem o espírito de caridade e de zelo que deve animar quem deseja dedicar inteiramente a própria vida ao bem dos jovens abandonados.
3. É também ofício do diretor espiritual vigiar a conduta do reitor, com a estrita obrigação de avisá-lo, caso houver algum descuido na observância das regras da Congregação.
4. Em particular, é ofício do diretor espiritual vigiar a conduta moral de todos os congregados.
5. O prefeito, o ecônomo, o diretor espiritual serão eleitos por maioria de votos dos superiores. Os dois conselheiros serão escolhidos somente pelo reitor.
6. Quando um congregado é enviado para responder pela direção de alguma casa assume a autoridade de diretor, mas a sua autoridade é limitada à casa da qual é diretor. Por ocasião da morte do reitor, ele também é convidado a estar presente e a dar o seu voto na eleição do futuro reitor.
7. Cada superior, com exceção do reitor, permanecerá no cargo por três anos e poderá ser reeleito.

Aceitação

1. Feito o pedido por alguém que pretende entrar na Congregação, o diretor espiritual tomará as devidas informações e as entregará ao reitor.
2. O reitor o apresentará ou não para a aceitação, conforme lhe parecer melhor no Senhor. Ao ser proposto ao Capítulo, só será aceito se obtiver pelo menos a maioria dos votos.
3. A prova para ser admitido aos votos durará um ano, mas ninguém poderá emití-los se não completou dezesseis anos.
4. Os votos serão renovados duas vezes, de três em três anos. Após seis anos, cada qual é livre para continuar a fazê-los de três em três anos, ou então de fazê-los perpétuos, isto é, de obrigar-se ao cumprimento dos votos por toda a vida.

226. Regras ou Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales (1874/1875)

Edição crítica em G. BOSCO, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858]-1875...*, pp. 73-90¹³.

I. Escopo da Sociedade de São Francisco de Sales

1. O escopo da Sociedade Salesiana é a perfeição cristã dos seus membros, toda obra de caridade espiritual e corporal em favor dos jovens, especialmente pobres, e também a educação do jovem clero. A Congregação se compõe de sacerdotes, clérigos e leigos.

2. Jesus Cristo começou a fazer e a ensinar; do mesmo modo os sócios salesianos começarão a se aperfeiçoar mediante a prática de todas as virtudes internas e externas e a aquisição da ciência, em seguida se empenharão em favor do próximo.

3. O primeiro exercício de caridade consistirá em recolher meninos pobres e abandonados para instruí-los na santa religião católica, especialmente nos dias festivos.

4. Acontecendo muitas vezes que há jovens de tal forma abandonados que todos os cuidados para com eles se tornam inúteis se não forem recolhidos, por isso, quanto for possível, se abrirão casas nas quais com os meios que a divina Providência nos enviar será dado a eles moradia, alimento e vestuário; e enquanto forem instruídos nas verdades da fé católica, também serão encaminhados a alguma arte ou ofício.

5. Sendo muitos e graves os perigos a que está exposta a juventude que aspira ao estado eclesiástico, esta Sociedade terá o maior cuidado em cultivar na piedade aqueles que mostrarem especiais aptidões para o estudo e que forem recomendáveis pelos seus bons costumes. Ao aceitar jovens para os estudos, acolham-se de preferência os mais pobres, precisamente porque não teriam como fazer seus estudos em outra parte; contanto que deem alguma esperança de vocação ao estado eclesiástico.

6. Como a necessidade de salvaguardar a religião católica entre os povos cristãos se torna cada vez mais grave, particularmente nas povoações do interior, os sócios salesianos se empenharão com zelo na pregação de exercícios

¹³ Trata-se da tradução italiana do texto latino aprovado pela Santa Sé em 1874, publicada em 1875: [Giovanni BOSCO], *Regole o Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales secondo il decreto di approvazione del 3 aprile 1874*. Turim, [Tipografia dell'Oratorio di San Francesco di Sales] 1875 (OE XXVII, 53-99).

espirituais para confirmar e orientar na piedade os que, movidos pelo desejo de mudar de vida, se dispuserem a ouvi-los.

7. Do mesmo modo se empenharão em difundir bons livros entre o povo, usando todos os meios que a caridade cristã inspirar. Finalmente, mediante as palavras e os escritos, procurarão pôr uma barreira à impiedade e à heresia que de tantas formas tenta insinuar-se entre os rudes e os ignorantes. A esta finalidade se devem dirigir as pregações que de quando em quando se fazem ao povo, os tríduos, as novenas e a difusão dos bons livros.

II. Forma desta Sociedade

1. Todos os sócios levam vida comum, ligados unicamente pelo vínculo da caridade fraterna e dos votos simples que os unem de modo a formarem um só coração e uma só alma para amar e servir a Deus com a virtude da obediência, da pobreza e da castidade e com o exato cumprimento dos deveres de bom cristão.

2. Os clérigos e os sacerdotes, embora tenham feito os votos, poderão conservar seus patrimônios ou benefícios simples, mas não poderão administrá-los, nem perceber seus frutos, a não ser de acordo com a vontade do reitor.

3. A administração dos patrimônios, dos benefícios e de tudo o que se levar para a Congregação cabe ao superior-geral, o qual, por si ou por outros, cuidará da administração e perceberá os frutos anuais enquanto o sócio permanecer na Congregação.

4. Ao mesmo superior, geral ou local, todo sacerdote é obrigado a entregar também a espórtula das missas. Todos, padres, clérigos ou leigos lhe entregarão todo dinheiro e presentes que de algum modo possam ter recebido.

5. Cada um é obrigado a observar os votos, sejam trienais ou perpétuos, e não poderá ser dispensado a não ser pelo sumo pontífice ou se for despedido da Sociedade pelo superior-geral.

6. Cada um procure perseverar até a morte na própria vocação, recordando-se sempre das gravíssimas palavras do divino Salvador: *Nemo mittens manum ad aratrum et respiciens retro aptus est regno Dei* [Lc 9,62]: Ninguém que põe mãos ao arado e depois olha para trás é apto para o Reino de Deus.

7. Apesar disso, se alguém sair da Congregação, nada poderá pretender pelo tempo que nela passou. Recuperará, porém, o pleno direito sobre os bens temporais e também sobre os bens móveis dos quais se tiver reservado a propriedade ao entrar na Sociedade. Mas não poderá reclamar nenhuma renda, nem pedir contas da administração dos mesmos pelo tempo que permaneceu na Sociedade.

8. Quem traz para a Sociedade dinheiro, móveis, ou qualquer outra coisa com a intenção de conservar a propriedade, deve entregar uma relação de tudo ao superior, o qual, feita a verificação, lhe dará um recibo. Quando o sócio quiser reaver coisas que com o uso se gastam, recebê-las-á no estado em que então se encontrarem, sem que possa exigir indenização.

III. Do voto de obediência

1. O profeta Davi pedia a Deus que o iluminasse para fazer a sua santa vontade. O Divino Salvador nos assegurou ter vindo à terra para fazer, não a vontade própria, mas a vontade de seu Pai celeste. O voto de obediência visa exatamente a assegurar-nos que cumprimos a santa vontade de Deus.

2. Por isso, cada um obedeça ao próprio superior e em tudo o considere qual pai amoroso, obedecendo-lhe sem reserva nenhuma, prontamente, com ânimo alegre e com humildade, persuadido de que na coisa mandada se manifesta a mesma vontade de Deus.

3. Ninguém ande em cuidados para pedir ou recusar alguma coisa. Conhecendo, porém, que alguma coisa lhe é nociva ou necessária, exponha isso respeitosamente ao superior, que terá o maior cuidado em prover às suas necessidades.

4. Cada um tenha a maior confiança nos superiores; será portanto de utilidade aos sócios prestar contas de vez em quando da própria vida exterior aos seus superiores imediatos da Congregação. Cada um, pois, manifeste com simplicidade e espontaneamente as faltas exteriores cometidas contra as Constituições e também seu proveito nas virtudes a fim de que possa receber conselhos e conforto e, se for necessário, também as convenientes admoestações.

5. Cada um obedeça sem nenhuma resistência, nem de fatos, nem de palavras, nem de coração. Quanto mais uma coisa repugna a quem a faz, tanto maior merecimento terá perante Deus se a cumprir.

IV. Do voto de pobreza

1. O voto de pobreza de que aqui se fala refere-se unicamente à administração dos bens, não à posse; por isso, os que professaram nesta Sociedade conservarão o domínio dos próprios bens, mas lhes está inteiramente vedada a administração, como também a distribuição e o uso de rendas. Além disso, antes de fazer os votos, devem ceder, mesmo de forma privada, a administração, o usufruto e o uso dos bens a quem eles quiserem, inclusive à Congregação, se

assim preferirem. Na cessão pode-se pôr como condição que ela seja revogável a qualquer momento: mas os professos não podem em consciência usar deste direito de revogação sem o consentimento da Santa Sé. Tudo isto também deverá ser observado quanto aos bens que o sócio adquirir por herança após emitida a profissão.

2. Todavia, os membros desta Congregação poderão dispor livremente do domínio dos bens, seja por testamento, seja com a autorização do Reitor-Mor, durante a vida, mediante outro ato público. Ocorrendo este caso, cessará a concessão feita por eles da administração, do usufruto e do uso, a não ser que tivessem querido que, apesar da cessão do domínio, a dita concessão durasse ainda pelo tempo determinado por eles.

3. Os professos, com a autorização do Reitor-Mor, poderão realizar todos os atos de propriedade que são prescritos pelas leis⁽¹⁴⁾.

4. Os professos não poderão atribuir a si ou reservar para si nada do que eles conseguiram mediante a própria indústria ou com os meios de que a Congregação dispõe; tudo deverá ser posto à disposição para a utilidade comum da Congregação.

5. Faz parte do voto de pobreza manter os quartos na máxima simplicidade, procurando ornar o coração de virtudes e não a pessoa ou as paredes do quarto.

6. Por nenhuma razão, ninguém conserve dinheiro consigo ou em depósito junto a outras pessoas, nem em casa, nem fora dela.

7. Finalmente, cada um tenha o coração desapegado de todas as coisas terrenas, esteja contente com o que a Sociedade providencia quanto à alimentação e ao vestuário, nem conserve consigo alguma coisa sem particular licença do superior.

V. Do voto de castidade

1. Quem dedica a sua vida em prol dos meninos abandonados deve por certo fazer todos os esforços para enriquecer-se de todas as virtudes. Mas a virtude que se deve cultivar de um modo todo particular e que se há de ter sempre diante dos olhos, virtude angélica, virtude mais que todas cara ao Filho de Deus, é a virtude de castidade.

¹⁴ Cada um pode propor livremente ao superior a destinação dos bens de sua propriedade, mas o uso deve ser sempre regulado pelo superior (nota no texto original).

2. Quem não tem fundada esperança de poder conservar, com o auxílio de Deus, a virtude da castidade nas palavras, nas obras e nos pensamentos, não professe nesta Sociedade, porque muitas vezes se encontrará em perigo.

3. As palavras, os olhares, embora indiferentes, são por vezes maliciosamente interpretados pelos jovens que já foram vítimas das paixões humanas. Por isso, dever-se-á usar a máxima cautela conversando ou tratando com eles, qualquer que seja a sua idade e condição.

4. Evitem-se as conversações com os seculares, com os quais esta virtude possa perigar e especialmente com pessoas de outro sexo.

5. Ninguém vá à casa de conhecidos ou amigos sem o consentimento do superior, o qual, sempre que seja possível, lhe designará um companheiro.

6. Para guardar com a máxima diligência a virtude da castidade, devem-se usar especialmente estes meios: receber com frequência os sacramentos da penitência e da Eucaristia, praticar fielmente os conselhos do confessor; fugir do ócio, a mortificação de todos os sentidos do corpo, fazer frequentes visitas a Jesus Sacramentado, dirigir frequentes jaculatórias a Maria Santíssima, a São José, a São Luís Gonzaga, que são os principais padroeiros desta Sociedade.

VI. Governo religioso da sociedade

1 Os sócios terão por árbitro e por supremo superior o sumo pontífice, ao qual, também em força do voto de obediência, estarão em todos os lugares, em todo o tempo e em todas as suas disposições, humilde e respeitosamente submissos. Será até principal solicitude de todos os sócios promover e defender a autoridade e a observância das leis da Igreja Católica e de seu chefe supremo, legislador e vigário de Jesus Cristo na terra.

2. Cada três anos o Reitor-Mor apresentará à Congregação dos Bispos e Regulares uma relação a respeito da Sociedade, que versará sobre o número das casas e dos sócios, sobre a observância das Regras e sobre o que se refere à administração econômica.

3. A fim de tratar dos assuntos de maior importância e providenciar a respeito do que as necessidades da Sociedade, os tempos e os lugares exigem, ordinariamente se reunirá o Capítulo-Geral cada três anos ⁽¹⁵⁾.

¹⁵ O Capítulo-Geral é composto pelos membros do Conselho Superior e pelos diretores das casas particulares. Cada diretor reunirá o seu Capítulo particular e com ele tratará do que for considerado mais necessário a ser proposto ao futuro Capítulo-Geral (nota no texto original).

4. O Capítulo-Geral reunido também pode propor acréscimos e mudanças nas Constituições conforme julgar mais oportuno, mas sempre dentro da finalidade e das razões pelas quais as Regras foram aprovadas. Todavia, os acréscimos e as mudanças, embora tenham recebido a aprovação da maioria dos votos, não poderão obrigar a ninguém enquanto não obtiverem a aprovação da Santa Sé.

5. Quanto ao governo interno, a autoridade suprema sobre toda a Sociedade cabe, em via ordinária, ao Reitor-Mor e ao seu Conselho, que se chama Capítulo Superior e consta do prefeito, do diretor espiritual, do ecônomo e de três conselheiros; em via extraordinária, cabe ao Capítulo-Geral.

6. Todos os atos capitulares dos Capítulos-Gerais serão enviados à sagrada Congregação dos Bispos e Regulares a fim de receberem aprovação.

7. Os sócios estarão sujeitos ao bispo da diocese onde se encontra a casa a que pertencem, conforme as prescrições dos sagrados cânones, salvo sempre o que está disposto pelas Constituições da Sociedade aprovadas pela Santa Sé.

8. Cada sócio se empenhará com todas as forças em ajudar o bispo da diocese; e, por quanto possível, defenda os direitos eclesiásticos, promova o bem da sua Igreja, principalmente se se tratar da educação da juventude pobre.

VII. Governo interno da Sociedade

1. No governo interno toda a Congregação depende do Capítulo Superior, que é composto por um reitor, um prefeito, um ecônomo, um catequista ou diretor espiritual e por três conselheiros.

2. O Reitor-Mor é o superior de toda a Congregação; ele pode estabelecer sua residência em qualquer casa da Congregação. Ofícios, pessoas, bens móveis e imóveis, coisas espirituais e temporais dependem totalmente dele. Por isso, caberá ao reitor aceitar ou não novos sócios na Congregação ⁽¹⁶⁾, atribuir a cada um os seus ofícios, tanto no espiritual, quanto no temporal, o que ele fará por si ou mediante outras pessoas por ele delegadas. Todavia, não poderá fazer nenhum contrato de venda ou aquisição de imóveis sem o consentimento do Capítulo Superior.

¹⁶ O superior-geral com sua autoridade pode receber os aspirantes e a seu tempo apresentá-los ou não, segundo julgar melhor no Senhor, para que sejam admitidos à prova do noviciado ou então aos votos (nota no texto original).

3. Ao vender bens da Sociedade e ao contrair dívidas, observe-se tudo o que se deve observar de direito segundo os sagrados cânones e as constituições apostólicas ⁽¹⁷⁾.

4. Ninguém, exceto o Capítulo Superior e os diretores das casas, pode escrever ou receber cartas sem a licença do superior ou de outro sócio para isso delegado pelo superior. Quanto ao mais, todos os sócios podem enviar cartas e outros escritos à Santa Sé e ao superior-geral sem pedir licença aos superiores da casa à qual pertencem e sem que os superiores possam nem mesmo ler.

5. O Reitor-Mor permanecerá no cargo por doze anos e poderá ser re-eleito; neste caso, não poderá governar a Sociedade se não for reconfirmado no cargo pela Santa Sé.

6. Falecendo o reitor, o prefeito fará suas vezes até quando não for eleito o sucessor; todavia, durante todo o tempo que governar a Sociedade, não poderá introduzir nenhuma mudança na disciplina ou na administração.

7. Apenas falecido o reitor, o prefeito avisará imediatamente os diretores de todas as casas, os quais logo se empenharão para que se façam os sufrágios prescritos pelas Constituições em favor do falecido. Em seguida, convide os mesmos diretores a se reunirem para a eleição do novo reitor.

8. Se por acaso ocorresse, *quod Deus avertat*, que o reitor descuidasse gravemente dos seus deveres, o prefeito ou alguém do Capítulo Superior, de acordo com os demais, poderá advertir eficazmente o reitor. Caso a advertência não for suficiente, o Capítulo avise a sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, pela qual o reitor poderá ser deposto¹⁸.

VIII. Da eleição do Reitor-Mor

1. Para que alguém possa ser eleito Reitor-Mor, exige-se que tenha vivido pelo menos dez anos na Congregação, completado trinta e cinco anos e dado provas evidentes de vida exemplar, de habilidade e prudência em administrar os negócios da Congregação, e finalmente que seja professo perpétuo.

2. Por dois motivos pode ocorrer que se deva eleger o reitor: por ter terminado doze anos no cargo ou por morte do antecessor.

¹⁷ A Sociedade Salesiana nada possui enquanto entidade moral, por isso, exceto no caso de ser legalmente aprovada por algum governo, não estaria vinculada por este artigo. Pela mesma razão, cada salesiano pode exercer os direitos civis de compra, venda e semelhantes sem recorrer à Santa Sé. Assim foi respondido pela Congregação dos Bispos e Regulares no dia 6 de abril de 1874 (nota no texto original).

¹⁸ Este artigo, presente na edição latina aprovada pela Santa Sé, foi omitido por Dom Bosco na edição italiana de 1875.

3. Se a eleição ocorrer por terem passado doze anos de mandato, proceder-se-á da seguinte maneira: três meses antes que termine o tempo do seu ofício, o reitor convocará o Capítulo Superior e o avisará de que está para terminar o prazo do seu cargo; fará a mesma comunicação aos diretores de cada casa e aos sócios, que segundo as Constituições são admitidos a dar o seu voto. Ao mesmo tempo em que comunicará a data em que termina o seu cargo, determinará o dia para a eleição do sucessor. Contemporaneamente mandará fazer orações para obter as luzes celestes e advertirá a cada um clara e distintamente a respeito da grave obrigação de dar o voto a quem considerar mais idôneo para promover a glória de Deus e a utilidade das almas na Congregação. A eleição do sucessor deve ser feita não mais de quinze dias depois que o reitor terminou o tempo do seu ofício.

4. Desde o fim do seu cargo até terminada a eleição do sucessor, o Reitor-Mor continuará a governar e administrar a Sociedade com a mesma autoridade que tem o prefeito por morte do reitor, até que o sucessor seja definitivamente constituído no ofício.

5. Para eleger o Reitor-Mor votarão: o Capítulo Superior e os diretores das casas particulares, acompanhados por um sócio perpétuo, eleito entre os professores da casa a que pertencem. Se por algum motivo alguém não puder ir dar o seu voto, a eleição de pleno direito e validamente será feita pelos demais.

6. A eleição será feita da seguinte maneira. Os sócios, ajoelhados diante da imagem do Crucificado, invocarão a ajuda divina recitando o hino *Veni, Creator Spiritus* etc. Em seguida, todos os sócios professores e presentes escreverão numa cédula o nome de quem considerarem digno e a colocarão numa urna destinada para isso. Em seguida, serão eleitos por todos os presentes, de forma secreta, três escrutinadores e dois secretários. Quem obtiver a maioria absoluta dos votos será o novo Reitor-Mor ou superior-geral.

7. Se a eleição for feita por morte do reitor, siga-se esta ordem: falecido o Reitor-Mor, o prefeito, por carta, comunicará o fato aos diretores das casas particulares, a fim de que, o mais cedo possível, se façam os sufrágios prescritos pelas Constituições pela alma do falecido. A eleição deverá ser feita não antes de três meses e não depois de seis da morte do reitor. Para esta finalidade convocará o Capítulo Superior e, com o seu consentimento, estabelecerá o dia mais oportuno para reunir os que devem intervir para a eleição, aos quais avisará e advertirá a respeito do que determina o artigo 3 deste capítulo.

8. Os votos serão dados por quem goza do direito de eleger o Reitor-Mor, conforme prescreve o artigo 5 deste capítulo.

9. Quem obtiver a maioria absoluta dos votos será o superior-geral a quem todos os irmãos deverão prestar obediência.

10. Terminada a eleição, o prefeito avisará todas as casas particulares, de tal modo que a notícia a respeito do novo Reitor-Mor chegue quanto antes ao conhecimento de todos os membros da Congregação. Com este ato cessa no prefeito toda autoridade de superior-geral.

IX. Dos outros superiores

1. O prefeito, o diretor espiritual, o ecônomo e os três conselheiros acima citados serão eleitos por sufrágio pelo reitor e pelos demais sócios, que, tendo feito os votos perpétuos, poderão participar da eleição do Reitor-Mor. Para serem eleitos requer-se que tenham vivido cinco anos na Congregação e tenham feito os votos perpétuos. A fim de que o ofício a eles atribuído não fique prejudicado, ordinariamente deverão residir na casa onde reside o Reitor-Mor.

2. O prefeito, o diretor espiritual, o ecônomo e os três conselheiros ficarão no cargo por seis anos.

3. Sua eleição será feita na festa de São Francisco de Sales, tempo em que todos os diretores das casas particulares costumam ser convocados. Três meses antes da festa o reitor comunicará a todas as casas o dia em que ocorrerá a eleição.

4. Portanto, todos os diretores reunirão os professos perpétuos da própria casa e junto com um sócio eleito por eles participarão da futura eleição.

5. No dia determinado, o Capítulo Superior com os diretores e os sócios vindos com eles darão o seu voto e farão publicamente o escrutínio. Para essa finalidade serão eleitos três escrutinadores e dois secretários. Quem obtiver a maioria dos votos será o novo membro do Capítulo Superior. Se por acaso algum diretor ou o sócio de alguma casa, pela grande distância ou por outra justa causa não puder participar da eleição, apesar disto, a eleição será válida e perfeita ⁽¹⁹⁾.

6. Os ofícios de cada membro do Capítulo Superior serão atribuídos pelo reitor conforme as necessidades.

7. Todavia, o diretor espiritual cuidará particularmente dos noviços. Ele, junto com o mestre dos noviços, terá o máximo cuidado a fim de fazer com que conheçam e pratiquem o espírito de caridade e o zelo que deve animar quem deseja dedicar inteiramente a própria vida ao bem das almas.

¹⁹ Na eleição do Reitor-Mor busca-se a maioria absoluta ou então que corresponda a mais da metade dos votos em seu favor. Para os demais membros do Capítulo é suficiente a maioria relativa, quer dizer, entre todos os que receberam votos (nota no texto original).

8. É também dever do diretor espiritual admoestar reverentemente o reitor, caso perceber nele alguma grave negligência em praticar e fazer observar as Regras da Congregação.

9. É especial ofício do diretor espiritual comunicar ao reitor tudo o que for útil para o bem espiritual, e o reitor providenciará segundo lhe parecer melhor no Senhor.

10. O prefeito, na ausência do reitor, fará suas vezes, quer no governo ordinário da Sociedade, quer em todas as coisas de que tiver recebido especial encargo.

11. Ele controlará as entradas e saídas, anotará toda herança ou doação de alguma importância que for feita com destinação para alguma casa. Todo fruto dos bens móveis e imóveis está sob a tutela e a responsabilidade do prefeito.

12. O prefeito, portanto, é como o centro do qual deve partir e ao qual se deve referir a administração de toda a Congregação. Ele está sujeito ao Reitor-Mor, a quem deve prestar contas da sua gestão pelo menos uma vez por ano.

13. O ecônomo está à frente de toda a parte material da Sociedade. Por isso, estão confiadas a ele as compras, as vendas, as construções e coisas semelhantes. Igualmente é ofício do ecônomo providenciar que cada casa esteja fornecida do que lhe é necessário.

14. Os conselheiros participam de todas as deliberações que se referem à aceitação para o noviciado, à admissão aos votos ou à exclusão de algum membro da Sociedade; à abertura de uma nova casa, à eleição do diretor de alguma casa particular, a contratos relativos a bens imóveis, compras e vendas; numa palavra, às coisas de maior importância que se referem ao bom andamento geral da Sociedade. A deliberação será feita por voto secreto. Se na contagem dos votos que têm força de deliberação a maioria não for favorável, o reitor adiará a deliberação.

15. Um dos conselheiros, por delegação do reitor, cuidará dos assuntos escolásticos de toda a Sociedade. Os outros dois, conforme a necessidade, farão as vezes de algum membro do Capítulo Superior que, por doença ou por outro motivo, não puder atender a seu ofício.

16. Cada um dos superiores, exceto o reitor, ficará no cargo por seis anos e poderá ser reeleito. Se algum membro do Capítulo Superior cessar do próprio ofício por morte ou por algum outro motivo antes de cumprir os seis anos de mandato, o Reitor-Mor confiará o encargo a quem julgar melhor no Senhor; este desempenhará seu ofício somente até o fim do sexênio iniciado pelo sócio que deixou o cargo.

17. Se for necessário, o Reitor-Mor, com o consentimento do Capítulo Superior, estabelecerá alguns visitadores, aos quais dará o encargo de visitar certo número de casas, se isso for requerido pelo número delas ou pela distância. Esses visitadores farão as vezes do Reitor-Mor nas casas e nos assuntos a eles confiados.

X. De cada casa em particular

1. Se, por especial favor da divina Providência, tiver que abrir uma nova casa, antes de tudo, o superior-geral procure obter o consentimento do bispo da diocese onde ela se há de abrir.

2. Nisto, porém, proceda com cautela, a fim de que ao abrir casas ou ao assumir administrações de qualquer tipo nada se estabeleça ou se faça contra as leis.

3. Se a nova casa for um pequeno seminário ou um seminário para clérigos adultos, além da dependência no que se refere ao sagrado ministério, haverá também a plena dependência do superior eclesiástico na questão do ensino. Quanto à escolha da matéria para o ensino, dos livros a usar, da disciplina e da administração temporal, será preciso ater-se ao que o Reitor-Mor acertar com o ordinário da diocese.

4. A Sociedade não poderá assumir o encargo da direção de seminários sem expressa autorização da Santa Sé, que será preciso solicitar em cada caso.

5. Nas novas casas a serem abertas, o número dos sócios nunca seja inferior a seis. O superior de cada uma delas é eleito pelo Capítulo Superior e tomará o nome de diretor. Cada casa poderá administrar os bens doados ou levados para a Congregação a fim de que sirvam para aquela casa em particular, mas sempre nos limites fixados pelo superior-geral.

6. O Reitor-Mor visitará cada casa pelo menos uma vez por ano, pessoalmente ou por meio de visitadores, para examinar diligentemente se se cumprem os deveres impostos pelas Regras da Congregação e observar se a administração das coisas espirituais e temporais tende de fato ao seu escopo, que é o de promover a glória de Deus e o bem das almas.

7. De sua parte, o diretor em tudo deve agir de tal modo que a qualquer momento possa prestar contas da sua administração a Deus e ao Reitor-Mor.

8. O primeiro cuidado do reitor será o de estabelecer em cada casa nova um Capítulo correspondente ao número dos sócios que ali residem.

9. Para constituir esse Capítulo intervirão o Capítulo Superior e o diretor da nova casa.

10. O primeiro a ser escolhido será o catequista, depois o prefeito e, se for necessário, também o ecônomo; finalmente os conselheiros, segundo o número dos sócios que residem naquela casa e as tarefas que se deverão cumprir.

11. Quando a distância, os tempos, os lugares aconselharem alguma exceção na formação desse Capítulo ou na atribuição das ocupações, o reitor tem plena autoridade para fazê-lo, mas com o consentimento do Capítulo Superior.

12. O diretor não pode comprar, nem vender imóveis, construir novos edifícios ou demolir os já existentes, introduzir novidades de acentuada importância sem o consentimento do Reitor-Mor. Na administração ele deve cuidar de todo o andamento espiritual, escolástico e material; mas nas coisas de maior importância será mais prudente reunir o seu Capítulo e não deliberar nada sem o seu consentimento.

13. O catequista cuidará dos assuntos espirituais da casa, tanto em relação aos sócios, quanto aos outros que não pertencem à Congregação, e caso for necessário, avisará o diretor a respeito dessas coisas.

14. O prefeito fará as vezes do diretor e seu principal ofício será o de administrar as coisas temporais, cuidar dos coadjutores, vigiar atentamente quanto à disciplina dos alunos, conforme as regras de cada casa e o consentimento do diretor. Ele deve estar preparado a prestar contas da sua gestão ao próprio diretor, sempre que este pedir.

15. O ecônomo, caso for necessário, ajudará o prefeito no seu ofício, especialmente nas questões temporais.

16. Os conselheiros intervêm em todas as deliberações de alguma importância e ajudam o diretor nos assuntos escolásticos e em tudo que lhes for atribuído.

17. Cada ano o diretor deverá prestar contas da administração espiritual e material da sua casa ao Reitor-Mor.

XI. Da aceitação

1. Quando alguém fizer o pedido para entrar na Congregação, exijam-se as cartas testemunhais ou os certificados, conforme o decreto de 25 de janeiro de 1848, que começa com as palavras *Romani Pontifices* etc., emanado pela Sagrada Congregação que trata do estado dos Regulares. À saúde do postulante seja tal que possa observar todas as Regras da Sociedade sem nenhuma exceção. Para que os leigos possam ser recebidos na Congregação, além de outras coisas, é necessário que saibam pelo menos os primeiros elementos da

fé católica. O Reitor-Mor aceitará o postulante, se este tiver obtido a maioria dos votos do Capítulo Superior.

2. Para admitir postulantes ou noviços que querem abraçar o estado eclesiástico, se tiverem alguma irregularidade, dever-se-á primeiro pedir dispensa à Santa Sé.

3. Após o tempo da segunda prova, o candidado dependerá do Capítulo da casa em que ele foi posto pelos superiores. Terminada a terceira prova, o sócio pode ser admitido à renovação dos votos pelos superiores da mesma casa, com o consentimento, todavia, do Reitor-Mor. Se tiver obtido a maioria dos votos, se avisará o reitor, o qual, com o Capítulo Superior, confirmará a admissão ou não, conforme julgar mais oportuno no Senhor.

4. Se o Capítulo não estiver presente, o Reitor-Mor, por justa causa, pode aceitar na Congregação e admitir aos votos ou também desligar da Sociedade em qualquer casa os que julgar melhor: mas isso se poderá fazer com o consentimento e a presença do Capítulo daquela casa. Nesse caso, o diretor da casa na qual se dá a admissão ou o desligamento, deverá comunicar o caso ao Capítulo Superior com as oportunas indicações, a fim de que o sócio seja inscrito no elenco da Sociedade ou cancelado.

5. No que tange à aceitação dos sócios e à sua profissão de votos simples, observem-se todas as normas que foram prescritas pelo decreto de 23 de janeiro de 1848 *Regulari disciplinae* da Sagrada Congregação para os Bispos e os Regulares.

6. Para ser admitido a fazer os votos requer-se que antes se tenha feito o tirocínio da primeira e da segunda prova. Mas ninguém poderá ser admitido aos votos se não tiver completado 16 anos de idade.

7. Estes votos são feitos por um triênio. Passados os três anos, com o consentimento do Capítulo, haverá a faculdade de cada qual renovar os seus votos por outro triênio e de fazê-los perpétuos, se desejar ligar-se por toda a vida. Todavia, ninguém pode ser admitido às sagradas ordenações *titulo congregationis*, se não tiver feito os votos perpétuos.

8. A Sociedade, apoiada na divina Providência, que nunca falta a quem espera nela, providenciará para cada um o necessário, seja em tempo de saúde, como em caso de doença. Apesar disso, ela só é obrigada a tomar essas providências para os que emitiram os votos temporâneos ou perpétuos.

XII. Do estudo

1. Os clérigos e todos os sócios que aspiram ao estado eclesiástico devem dedicar-se seriamente ao estudo da filosofia por dois anos e pelo menos por quatro anos às matérias eclesiásticas.

2. Seu estudo principal será aplicado com todo empenho à Bíblia, à história eclesiástica, à teologia dogmática, especulativa e também moral, e àqueles livros e tratados que tratam expressamente da intrusão da juventude em assuntos religiosos.

3. O nosso mestre será Santo Tomás e os demais autores que nas instruções catequéticas e na explicação da doutrina católica forem considerados mais célebres.

4. Para ensinar as ciências filosóficas e eclesiásticas se escolham de preferência mestres ou sócios ou externos que, por probidade de vida, engenho e doutrina, forem mais apreciados.

5. Cada sócio, a fim de completar os seus estudos, além de participar das conferências morais diárias, dedique-se também a compor um curso de pregações e meditações, em primeiro lugar para uso da juventude e depois adaptado à capacidade de todos os fiéis cristãos.

6. Os sócios enquanto se dedicam aos estudos prescritos pelas Constituições, não se apliquem demais às obras de caridade próprias da Sociedade Salesiana, a não ser que sejam obrigados pela necessidade, porque isso em geral resulta em prejuízo para os estudos.

XIII. Práticas de piedade

1. A vida ativa a que tende especialmente esta Congregação faz com que seus membros não possam ter comodidade de fazer muitas práticas de piedade em comum. Por isso, procurarão supri-las mediante o bom exemplo recíproco e cumprindo com perfeição os deveres gerais do cristão.

2. Cada sócio se aproximará todas as semanas do sacramento da penitência com confessores aprovados pelo ordinário diocesano e que exercem esse ministério para com os sócios autorizados pelo reitor. Os sacerdotes celebrarão diariamente a santa missa; os clérigos e os coadjutores assistirão a ela todos os dias e farão a santa comunhão nos dias festivos e todas as quintas-feiras. A compostura da pessoa, a pronúncia clara, devota e distinta das palavras dos ofícios divinos, a modéstia no falar, olhar, caminhar em casa e fora, devem ser tais nos nossos sócios que se distingam de todos os demais.

3. Além das orações vocais, cada um fará todos os dias não menos de meia hora de oração mental, a não ser que esteja impedido pelo sagrado ministério. Nesse caso, suprirá [a meditação] com a maior frequência de jaculatórias, oferecendo a Deus com grande fervor de afeto os trabalhos que o impedem de entregar-se aos exercícios ordinários de piedade.

4. Todos os dias se recitará a terceira parte do rosário de Maria Santíssima Imaculada e se fará um pouco de leitura espiritual.

5. Todas as semanas, na sexta-feira, haverá jejum em memória da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

6. O último dia de cada mês será dia de retiro espiritual no qual, deixando, na medida do possível, os assuntos temporais, cada qual se recolherá e fará o exercício da boa morte, dispondo as coisas espirituais e temporais como se tivesse que abandonar o mundo e encaminhar-se para a eternidade.

7. Todos os anos fará cerca de dez ou pelo menos seis dias de exercícios espirituais, que terminarão com a confissão anual. Cada um, antes de ser recebido na Sociedade e antes de emitir os votos, fará dez dias de exercícios espirituais sob a direção de mestres de espírito, e a confissão geral.

8. Quando a divina Providência chamar à vida eterna algum sócio, seja leigo, clérigo ou sacerdote, imediatamente o diretor da casa na qual o sócio falecido residia, procurará fazer celebrar dez missas em sufrágio da sua alma. Os demais que não são sacerdotes farão pelo menos uma vez a santa comunhão com esta finalidade.

9. Quando falecerem os pais de algum sócio, os sacerdotes da casa daquele sócio celebrarão igualmente 10 missas em sufrágio da sua alma. Os que não são sacerdotes farão a santa comunhão.

10. Ao falecer o Reitor-Mor, todos os sacerdotes da Congregação celebrarão por ele a santa missa e os sócios não sacerdotes oferecerão os costumes sufrágios, e isto por dois motivos: 1º como tributo de gratidão pelos cuidados e pelas fadigas despendidas no governo da Congregação; 2º para aliviá-lo das penas do purgatório, que talvez deverá padecer por nossa causa.

11. Todos os anos, no dia seguinte à festa de São Francisco de Sales, todos os sacerdotes celebrarão uma missa pelos sócios falecidos. Os demais se aproximarão da santa comunhão e recitarão a terceira parte do rosário da Bem-aventurada Virgem Maria, com outras orações.

12. Cada qual tenha especial cuidado em: 1º não adquirir hábitos de nenhuma espécie, mesmo de coisas indiferentes; 2º manter as roupas, a cama e o quarto limpos e decentes, e cada qual se esforce por evitar toda estulta afe-

tação e a ambição. Nada orna melhor o religioso do que a santidade de vida, pela qual serve de exemplo para os outros em tudo.

13. Quando a necessidade o exigir, cada qual esteja preparado a sofrer o calor, o frio, a sede, a fome, o cansaço, os desprezos, caso redundarem para a maior glória de Deus, a utilidade espiritual dos outros e a salvação da própria alma.

*XIV. Dos inscritos, ou seja, dos noviços*²⁰

1. Cada sócio antes de ser recebido na Congregação deve fazer três provas. A primeira deve preceder o noviciado e é chamada a prova dos aspirantes; a segunda é precisamente a do noviciado; a terceira é o tempo dos votos trienais.

2. Para a primeira prova bastará que o postulante tenha passado algum tempo numa casa da Congregação, ou então frequentado as nossas escolas, revelando-se constantemente dotado de bons costumes e de capacidades intelectuais.

3. Se algum adulto quiser se tornar membro da Sociedade e for admitido à primeira prova, antes do mais fará alguns dias de exercícios espirituais, em seguida pelo menos por alguns meses será empenhado nos diversos ofícios da Congregação, a fim de que conheça e pratique o tipo de vida que deseja abraçar.

4. *No tempo da primeira prova o mestre dos noviços e os demais superiores deverão observar diligentemente o comportamento dos aspirantes, a fim de referir ao Capítulo Superior tudo o que julgarem conveniente no Senhor.*

5. *Como o principal escopo da nossa Sociedade é o de ensinar aos jovens, especialmetne mais pobres, a ciência e a religião e orientá-los pelo caminho da salvação, todos os candidatos, no tempo da primeira prova, deverão mostrar que se empenham no conhecimento e em tudo o que se refere às aulas diurnas e noturnas, em instruir no catecismo os jovens e em prestar-lhes ajuda mesmo nos casos difíceis.*

6. *Superada positivamente a primeira prova e aceito o sócio na Congregação, imediatamente o mestre dos noviços se interesse pelo novo noviço e não descuide nada do que pode contribuir para a observância das Constituições.*

7. *O Reitor-Mor, com o consentimento dos demais superiores, veja quais casas convenha definir como lugar de prova dos aspirantes; todavia, esse tipo de*

²⁰ Na edição italiana impressa de 1875, Dom Bosco omitiu os artigos que aqui são reproduzidos em itálico.

casas nunca pode ser estabelecido [sem] a licença da Congregação dos Bispos e Regulares.

8. *O lugar do noviciado deve ser separado da parte da casa habitada pelos professores, e deve possuir tantas celas, separadas umas das outras, quantos forem os noviços; ou então, um dormitório tão amplo onde possa estar com comodidade a cama de cada um; além disso, para o mestre dos noviços, deve-se providenciar uma cela ou outro lugar idôneo.*

9. *O mestre dos noviços é eleito pelo Capítulo-Geral entre os sócios que tiverem feito os votos perpétuos. Deve ter completado dez anos na Sociedade. Ficará no cargo por seis anos e se morrer antes de terminar os seis anos, o Reitor-Mor, com o consenso do Capítulo Superior, indicará outro que desempenhará o ofício até a celebração do futuro Capítulo-Geral.*

10. *O mestre dos noviços procure ser benigno, bondoso, acessível a fim de que os noviços se sintam levados a lhe abrir a alma em tudo que pode ajudar a progredir na perfeição. Dirija-os e os instrua no cumprimento geral das Constituições, especialmente no que se refere ao voto de castidade, de pobreza e obediência. Da mesma forma, seja para eles de bom exemplo na observância e na realização das práticas de piedade prescritas pelas nossas Constituições. Todas as semanas faça para eles uma instrução religiosa ou conferência sobre tudo o que se refere ao nosso Instituto. Pelo menos uma vez por mês chame cada um dos noviços e amorosamente os exorte a terem confiança nele, a fim de que suas salutares [admoestações] sejam recebidas com maior proveito.*

11. *Na aceitação dos noviços observe-se tudo o que foi dito no capítulo precedente do artigo 1 ao artigo 5.*

12. *No tempo da segunda prova, isto é, no ano de noviciado, os noviços não devem dedicar-se a nenhum dos ofícios próprios da nossa Sociedade a fim de se aplicarem unicamente ao progresso na virtude e no aperfeiçoamento da própria vocação à qual foram chamados por Deus. Poderão, todavia, em sua própria casa, fazer aos domingos o catecismo aos meninos conforme o parecer do mestre e sob sua vigilância⁽²¹⁾.*

²¹ *Pius Papa IX benigne annuit tyrones, tempore secundae probationis, experimentum facere posse de iis, quae in prima probatione sunt adnotata, quoties ad maiorem Dei gloriam id conferre iudicabitur. Vivae vocis oraculo die 8 aprilis 1874* (O Papa Pio IX concedeu que os noviços possam ser postos à prova mediante o exercício dos ofícios que são considerados adequados para a primeira prova, sempre que isso for julgado ser para a maior glória de Deus. Concedido à viva voz, no dia 8 de abril de 1874); nota inserida na edição impressa do texto latino revisto pelos latinistas Vicente Lanfranchi, Tomás Vallauri e pelo barnabita Inocêncio Gobio, cf. *Regulae seu Constitutiones Societatis S. Francisci Salesii. Juxta approbationis descretum die 3 aprilis 1874*. Turim, ex Officina Asceterii Salesiani, 1874, p. 45 (OE XXV, 455).

13. *Passado um ano no noviciado, se o noviço demonstrar em tudo ser solícito pela maior glória de Deus e o bem da Congregação e exemplar nas práticas de piedade, se considerará terminado o tempo da sua prova; diversamente se adiará ainda por alguns meses ou mesmo por um ano.*

14. Terminado o noviciado e aceito o sócio na Congregação, com o parecer do mestre dos noviços, o Capítulo Superior pode admiti-lo a fazer os votos trienais. A prática dos votos trienais constituirá a terceira prova.

15. No espaço de três anos, quando estará ligado pelos votos trienais, o sócio pode ser enviado para qualquer casa da Congregação, contanto que ali se dedique aos estudos. Nesse tempo, o diretor daquela casa cuidará do novo sócio na qualidade de mestre dos noviços.

16. Durante todo esse tempo de provas o mestre dos noviços ou o diretor da casa cuidem de recomendar e inspirar docemente aos novos sócios a mortificação dos sentidos externos e a sobriedade. Mas em tudo isso é necessário usar de prudência para não enfraquecer demais as forças dos sócios e, como consequência, resultarem menos aptos para cumprir os deveres da nossa Congregação.

17. Terminadas de forma positiva essas três provas, se o sócio quiser de fato permanecer na Congregação com os votos perpétuos, pode ser admitido pelo Capítulo Superior e emití-los.

XV. Do hábito

1. O hábito da nossa Sociedade será diferente, conforme os usos dos países em que os sócios deverão estabelecer a própria residência.

2. Os sacerdotes usarão a veste talar, a não ser que por razões de viagem ou outro motivo conveniente aconselhe diferentemente.

3. Os coadjutores, quanto possível, vistam-se de preto. Mas cada qual procurará fugir de todas as novidades dos seculares.

Formulário da profissão religiosa para os sócios de São Francisco de Sales

Antes de fazer os votos, cada irmão fará dez dias de exercícios espirituais, prientados especialmente a refletir sobre a vocação e a instruir-se quanto à matéria dos votos que pretende emitir, caso compreenda claramente ser isso da vontade do Senhor. Terminados os exercícios espirituais, se reunirá o Capítulo e, se possível, também os irmãos daquela casa. O reitor ou algum outro por ele delegado, vestido de sobrepeliz e estola, convidará cada um a se

ajoelhar. Em seguida, todos juntos invocarão as luzes do Espírito Santo, recitando alternadamente o hino *Veni, Creator Spiritus*, etc.

V. Emitte Spiritum etc. / R. Et renovabis etc.

Oremus. Deus, qui corda fidelium etc.

Seguirão as ladainhas da Bem-aventurada Virgem, com os versículos:

Ora pro nobis etc., e com o *Oremus: Concede nos etc.*

Depois, em honra de São Francisco de Sales, *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória.*

V. Ora pro nobis, beate Francisce / R. Ut digni efficiamur etc.

Oremus Deus, qui ad animarum salutem etc.

O noviço, pondo-se de joelhos em meio a dois professos e diante do reitor ou de quem por ele, este lhe fará as perguntas, no singular se houver um só noviço, no plural se forem mais.

Reitor. Meu filho, o que pedis?

Noviço. Peço, meu reverendo superior, para professar as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales.

R. Conheceis bem estas Constituições e já as pusestes em prática?

N. Parece-me conhecê-las suficientemente e compreendê-las conforme as diversas explicações que delas me deram os meus superiores. Fiz o que pude para praticá-las no tempo do meu noviciado. E embora eu conheça a minha grande fraqueza, todavia, com a ajuda de Deus, espero poder praticá-las no futuro com maior exatidão e com maior vantagem para a minha alma.

R. Compreendestes bem o que significa professar as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales?

N. Parece-me tê-lo compreendido. Professando as Constituições Salesianas eu entendo prometer a Deus aspirar à santificação da minha alma, renunciando aos prazeres e às vaidades do mundo, pela fuga de todo pecado consciente e de viver em perfeita castidade, humilde obediência, em pobreza de espírito. Sei também que professando estas Constituições devo renunciar a todas as comodidades e a qualquer bem-estar da vida e isto unicamente por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem entendo consagrar todas as minhas palavras, todas as minhas ações e todos os meus pensamentos por toda a vida.

R. Portanto, estais disposto a renunciar ao mundo, às suas promessas e professar com voto as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales?

N. Sim, reverendo superior, estou pronto e o desejo de todo o coração, e com o auxílio de Deus espero ser fiel às minhas promessas.

R. Entendeis emitir os votos trienais ou perpétuos?

N. *Se fizer os votos trienais, responderá:* Embora eu tenha firme vontade de passar toda a minha vida nesta Congregação, todavia, para me conformar com o que prescrevem as nossas Constituições, por ora farei somente os votos trienais, tendo porém plena esperança de que depois poderei fazê-los em perpétuo.

Se fizer os votos perpétuos, dirá: Sendo minha firme vontade consagrar-me para sempre a Deus na Congregação de São Francisco de Sales, entendo fazer os votos perpétuos, isto é, obrigar-me com voto a observar as Constituições Salesianas por toda a minha vida.

R. Deus abençoe esta vossa boa vontade e vos conceda a graça de poder mantê-la fielmente até o fim da vida, até quando Jesus Cristo vos der a ampla recompensa por tudo o que abandonastes ou fizestes por ele.

Agora ponde-vos na presença de Deus e pronunciai a fórmula dos votos de castidade, pobreza e obediência conforme as nossas Constituições, que para o futuro serão a regra constante da vossa vida.

Fórmula dos votos

“Em nome da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. Eu N. N. me ponho diante de vós, Deus onipotente e eterno, e embora indigno da vossa presença, todavia, confiado na vossa suma bondade e infinita misericórdia, na presença da Bem-aventurada Virgem Maria Imaculada, de São Francisco de Sales e de todos os santos do céu, faço voto de pobreza, de castidade e de obediência a Deus e a vós N.N. superior da nossa Sociedade (*ou então*, a vós, que fazeis as vezes do superior da nossa Sociedade), por três anos (*ou então*, em perpétuo), segundo as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales. *Todos responderão:* amém.

R. Deus vos ajude com a sua santa graça a serdes fiel a esta solene promessa até o fim da vida. Lembrai-vos com frequência do grande prêmio que o Divino Salvador promete a quem abandona o mundo para seguir a ele: receberá o cêntuplo na vida presente e a recompensa eterna na futura. E se alguma vez a observância das nossas Regras vos for pesada, lembrai-vos das palavras do apóstolo São Paulo que diz: São momentâneos os padecimentos da vida presente, mas eternos os gozos da vida futura; e aquele que sofre com Jesus Cristo na terra, um dia será coroado de glória no céu.

Em seguida o novo sócio escreverá o seu nome no resgistro, preenchendo a ficha seguinte:

“Eu, abaixo assinado, li e compreendi as Regras da Sociedade de São Francisco de Sales e prometo observá-las constantemente segundo a fórmula dos votos que acabei de pronunciar”.

Turim, etc., ano etc. N.N.

Depois se recitará o *Té Deum*; em seguida, se o reitor julgar oportuno, fará uma breve exortação moral e se terminará com o salmo *Laudate Dominum, omnes gentes* etc.

Conclusão

Para tranquilidade das almas, a Sociedade declara que as presentes Regras por si não obrigam sob pena de pecado, nem mortal, nem venial; por isso, se alguém, ao violá-las, se sentir culpado diante de Deus, isto não provém diretamente das Regras, mas dos mandamentos de Deus e da Igreja, dos votos feitos ou finalmente das circunstâncias que acompanham a violação das Regras, como o mau exemplo, o desprezo e coisas semelhantes.

227. Regras ou Constituições para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (1885)

Edição crítica em Giovanni BOSCO, *Costituzioni per l'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1872-1885)*. Textos críticos aos cuidados da Ir. Cecilia Romero fma. (= Instituto Histórico Salesiano - Fontes, Primeira série, 2). Roma, LAS 1983, pp. 287-335.

Título I. Escopo do Instituto

1. O escopo do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora consiste em buscar a própria perfeição e em ajudar na salvação do próximo, especialmente proporcionando às meninas uma educação cristã.

2. O Instituto se destina unicamente a jovens solteiras, que professam em tudo a vida comum com votos simples, feitos de três em três anos ou também em perpétuo.

3. As Filhas de Maria Auxiliadora, antes de tudo, procurarão exercitar-se nas virtudes cristãs, em seguida se empenharão em benefício do próximo. Terão cuidado especial em assumir a direção de escolas, orfanatos, asilos in-

fantis, oratórios festivos, e também abrir oficinas em favor das meninas mais pobres das cidades, nas vilas e nas missões estrangeiras. Onde houver necessidade aceitarão também a direção de hospitais e de outros serviços de caridade semelhantes.

4. Poderão também abrir educandários, preferivelmente para moças de condição humilde, às quais só ensinarão as ciências e as artes que estiverem de acordo com o seu estado e que forem exigidas pelas suas condições sociais. Terão o cuidado em formá-las na piedade, torná-las boas cristãs e também capazes, a seu tempo, de ganhar honestamente o próprio pão.

Título II. Forma do Instituto

1. O Instituto é posto sob a alta e imediata dependência do superior-geral da Sociedade de São Francisco de Sales, ao qual se dá o nome de superior maior. Em cada casa pertencente à Congregação ele poderá fazer-se representar por um sacerdote com o nome de diretor particular, e para todo o Instituto por um membro do Capítulo Superior salesiano, ou por outro sacerdote idôneo, com o título de diretor-geral das irmãs. O diretor-geral cuidará de tudo o que se refere ao bom andamento material, moral e espiritual do Instituto.

2. O superior maior, de acordo com o Capítulo Superior das irmãs, após a religiosa cumprir louvavelmente uma ou duas vezes os votos trienais, pode também admiti-la aos votos perpétuos, sempre que julgar que esse favor é útil para a religiosa e para o Instituto. Cabe ao superior maior pessoalmente ou mediante um sacerdote por ele delegado dar o hábito e receber os votos.

3. Os votos obrigam por todo o tempo que se permanece na Congregação. Se alguma irmã, por motivos razoáveis ou após prudente juízo dos superiores, devesse sair do Instituto, poderá ser dispensada dos votos pelo sumo pontífice ou pelo superior maior. Por outro lado, cada irmã faça de tudo para perseverar na própria vocação até a morte, lembrando-se sempre das graves palavras do divino Salvador: Ninguém que, depois de ter posto mãos ao arado, olhar para trás, é digno do Reino de Deus.

4. Todas as casas do Instituto, no que se refere à administração dos santos sacramentos e ao exercício do culto religioso, estarão sujeitas à jurisdição do bispo. As irmãs de cada casa que pertence à Congregação terão como confessor ordinário um sacerdote salesiano escolhido pelo superior maior e aprovado para as confissões na diocese; e nas casas de propriedade alheia terão como confessor o pároco ou um sacerdote indicado pelo bispo. Entre os ofícios do diretor particular há o de fazer uma piedosa conferência às irmãs duas ou mais vezes ao mês, tratando de algum assunto sobre a perfeição religiosa ou explicando alguns pontos desta Regra.

5. As irmãs e as jovens das casas que não pertencem à Congregação Salesiana estarão sujeitas à jurisdição do pároco naquilo que se refere aos direitos paroquiais.

6. As irmãs conservam os direitos civis mesmo depois da profissão; todavia, não poderão administrar os próprios bens a não ser dentro dos limites e da maneira determinada pelo superior maior.

7. Os frutos dos imóveis e móveis levados para a Congregação devem ser cedidos à mesma.

8. O Instituto providencia para cada irmã o necessário quanto ao alimento, à roupa e a tudo o que ocorrer no que tange à saúde ou em caso de doença.

9. Se alguma irmã falecer sem fazer testamento, haverá de suceder-lhe quem de direito, conforme as leis civis.

10. A irmã que sair da Congregação não poderá pretender absolutamente nada pelo tempo que nela permaneceu, seja qual for o ofício que tiver exercido. Poderá, todavia, exigir os imóveis e também os objetos móveis, no estado em que se encontrarem, e dos quais tiver conservado a propriedade ao entrar para o Instituto. Não terá, porém, nenhum direito de pedir satisfação aos superiores dos frutos e da administração dos mesmos pelo tempo que passou na vida religiosa.

Título III. Do voto de castidade

1. A fim de se dedicar a contínuos trabalhos de caridade para com o próximo e tratar com fruto com as meninas pobres, é necessário um esforço permanente em grau não comum de todas as virtudes. Mas a virtude angélica, acima das demais a mais querida pelo Filho de Deus, a virtude da castidade, deve ser cultivada em grau eminente pelas Filhas de Maria Auxiliadora. Em primeiro lugar porque a missão que elas têm de instruir e orientar o próximo pelo caminho da salvação é semelhante à dos santos anjos; por isso, é necessário que elas vivam com o coração puro, num estado angélico, dado que as virgens são chamadas de anjos na terra. Em segundo lugar, porque a sua vocação, a fim de ser bem realizada, requer total desapego interior e exterior de tudo o que não é Deus. É por isso que elas fazem voto de castidade, pelo qual se consagram a Jesus Cristo, decididas a se conservarem castas de mente e de coração, como suas esposas puras e sem mancha.

2. Para a observância deste voto as irmãs devem praticar a mais vigilante guarda dos sentidos, que são as portas pelas quais o inimigo entra na alma.

Elas só podem viver e respirar pelo seu esposo celeste, com toda honestidade, pureza e santidade de espírito, de palavras, de comportamento e de obras, lembrando-se das palavras do Senhor, que disse: Bem-aventurados os puros de coração porque eles verão a Deus.

3. Para guardar tão grande tesouro é muito útil o pensamento da presença de Deus e dirigir-se a ele com atos de fé viva, firme esperança e ardente amor; a fuga do ócio e das ocasiões perigosas livres e voluntárias e de qualquer amizade que não seja por Jesus Cristo; a mortificação interna e externa, a primeira sem limites e a segunda na medida em que lhes for permitida pela obediência.

4. Servirá também eficazmente para conservar a bela virtude a devoção a Maria Santíssima Imaculada, ao glorioso São José e ao Anjo da Guarda; como também nunca esquecer que as esposas fiéis de Jesus Cristo que tiverem vivido e falecido em estado virginal, no céu terão uma glória particular e, com Maria, cantarão ao Divino Cordeiro um hino que não é concedido cantar aos demais bem-aventurados.

Título IV. Do voto de obediência

1. A vida das Filhas de Maria Auxiliadora, devendo ser um contínuo holocausto, viria a faltar no que há de melhor, se não entrasse o sacrifício da própria vontade, a qual precisamente mediante o voto de obediência é oferecida à divina majestade. Além disso, sabemos que o nosso Divino Salvador afirmou de si mesmo que não veio entre nós na terra para fazer a própria vontade, mas a do seu Pai celeste. É precisamente para garantir de fazer em cada ação a vontade de Deus que as Filhas de Maria Auxiliadora fazem também o santo voto de obediência.

2. Este voto obriga a não se ocupar senão com o que os superiores julgarem ser para a maior glória de Deus e a vantagem das almas, segundo a Regra deste Instituto.

3. As irmãs deverão obedecer em espírito de fé, vendo Deus nos seus superiores e persuadindo-se de que o que é disposto pela obediência resultará para elas de grande vantagem espiritual; aliás, quanto mais o que é mandado for repugnante, tanto maior será o prêmio que receberão de Deus, ao cumprirem-no fielmente.

4. Seja a sua obediência pronta, de ânimo alegre e com humildade, isto é, sem demoras, contestações ou tristeza, e sem julgar e criticar as razões manifestas ou ocultas da ordem recebida.

5. Nenhuma irmã se entregue a preocupações ansiosas para pedir ou recusar alguma coisa. Por outro lado, quem souber que alguma coisa lhe é nociva ou necessária, exponha o caso à superiora que se desdobrará maternalmente em providenciar à necessidade, segundo o espírito do Instituto.

Título V. Do voto de pobreza

1. A observância do voto de pobreza no Instituto de Maria Auxiliadora consiste essencialmente no desapego de todos os bens terrenos, o que as irmãs praticarão mediante a vida comum quanto ao alimento e às vestes, não conservando nada para o próprio uso sem especial licença dos superiores.

2. Faz parte deste voto manter os quartos na máxima simplicidade, procurando ornar o coração de virtudes e não a própria pessoa ou as paredes da própria habitação.

3. Nenhuma irmã poderá conservar no Instituto ou fora dele dinheiro como propriedade ou em qualquer tipo de depósito, seja qual for o motivo, sem a licença expressa dos superiores.

4. Tudo o que for dado como presente às irmãs será entregue à superiora, que disso disporá como julgar mais oportuno, sem ser obrigada a prestar contas de suas disposições. Por sua vez, as irmãs não darão nenhum presente a ninguém, nem mesmo entre si, sem licença expressa; como também não lhes será permitido emprestar ou mudar alguma coisa sem o consentimento da superiora.

5. Onde a necessidade o exigir, cada irmã esteja disposta a sofrer o calor, o frio, a sede, a fome, o cansaço e o desprezo, se isto resultar em maior glória de Deus, utilidade espiritual dos outros e a salvação da própria alma.

6. Para se animarem na observância da pobreza voluntária as irmãs reflitam que esta virtude as faz verdadeiras seguidoras do Divino Salvador, o qual, de rico se fez pobre, e para nos deixar um grande exemplo assumiu a pobreza como esposa e foi seu companheiro desde o nascimento até a morte.

Título VI. Governo interno do Instituto

1. O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora é governado e dirigido por um Capítulo Superior, composto pela superiora-geral, uma vigária, uma ecônoma e duas assistentes, em dependência do Reitor-Mor da Congregação Salesiana.

2. O Capítulo Superior será presidido pelo superior maior ou pelo diretor-geral ou pelo diretor local para isso delegado. O Capítulo Superior se

reunirá quando da abertura de uma nova casa ou estabelecimento ou por qualquer outro assunto que se refira aos interesses gerais do Instituto. Quando se tratar da admissão à vestidura ou à profissão participará também a mestra das noviças.

3. Nunca se poderá abrir uma casa ou assumir a direção de algum instituto, asilo infantil, escola ou semelhantes, antes que o superior maior tenha tratado com o bispo e esteja de pleno acordo com ele quanto à autoridade eclesiástica.

4. A superiora-geral terá a direção de todo o Instituto em subordinação ao superior maior. A ela cabe destinar as irmãs para os diversos ofícios e também transferir as diretoras de uma casa para outra, com o parecer dos seus superiores. Nos casos de compra e venda de bens imóveis, de demolição de edifícios ou do início de novas construções, primeiro deverá se entender com o diretor-geral e obter o consentimento do superior maior. Uma vez por ano e sempre que lhe for solicitado deverá também prestar contas gerais ao superior maior sobre o estado moral, físico e material do Instituto; e acontecendo dispor de dinheiro para além da estrita necessidade, o entregará a fim de que o use segundo julgar ser para a maior glória de Deus.

5. A vigária substituirá a superiora-geral e tomará nota das entradas e saídas de toda a Congregação; cuidará dos legados, testamentos e do modo de fazê-los, das doações que se referem às casas do Instituto e delas conservará um registro. A administração dos bens móveis e imóveis e dos seus frutos também é confiada aos seus cuidados e à sua responsabilidade. Ela, porém, dependerá da superiora-geral, à qual deverá prestar contas da sua gestão a cada trimestre.

6. À vigária é também confiado o ofício de monitora secreta da superiora-geral, mas só lhe fará alguma advertência por motivos graves e nunca antes de ter rezado e consultado a Deus a respeito, para conhecer se é conveniente fazer a admoestação, e também quanto ao modo, ao lugar, ao tempo em que poderia ser mais vantajosa. A própria superiora de quando em quando lhe pedirá se tem alguma observação a fazer a fim de facilitar a oportunidade de lhe prestar mais facilmente esse caridoso serviço.

7. A ecônoma cuidará de tudo o que se refere às coisas materiais das casas. As reformas dos edifícios, as novas construções, as compras e vendas, as provisões por atacado para roupas, alimentação, móveis e tudo o que se refere a essa gestão são confiadas de modo particular à ecônoma, dependentemente da superiora-geral.

8. A primeira assistente manterá a correspondência do Capítulo Superior com todas as casas do Instituto e também com os externos, mas sempre com

prévio encargo por parte da superiora-geral. Cuidará dos decretos, das cartas e de todo qualquer escrito que se refira às autoridades eclesiásticas, municipais e civis.

9. À segunda assistente será confiado o que se refere às escolas e ao ensino nas diversas casas do Instituto.

Título VII. Eleição da superiora-geral, da vigária, da ecônoma e das duas assistentes

1. A superiora-geral e as outras irmãs do Capítulo Superior ficarão no cargo por seis anos e podem ser reeleitas.

2. As eleições podem ser feitas em qualquer tempo, segundo o parecer do superior maior, mas se não houver algum impedimento, serão feitas na oitava da festa de Maria Auxiliadora, ou então por ocasião do Capítulo-Geral.

3. Três meses antes, a superiora-geral avisará todas as casas de que está para expirar o tempo do seu cargo e do das irmãs do Capítulo Superior. Ao mesmo tempo, o superior maior mandará as irmãs fazer orações a fim de obter as luzes celestes, e advertirá a todas que participarem das novas eleições quanto à obrigação de dar o voto para as irmãs que julgarem mais idôneas para o governo do Instituto e mais aptas para promover a glória de Deus e a salvação das almas.

4. A eleição da superiora-geral, na medida do possível, não deverá ir além de quinze dias após o término do prazo do seu ofício. Nesse tempo, a mesma superiora-geral fará de vigária em tudo o que se referir à direção e administração do Instituto

5. Da eleição da superiora-geral participarão o Capítulo Superior e as diretoras de cada casa. Caso alguma não puder comparecer a fim de dar o seu voto, a eleição será válida igualmente. A eleição será presidida pelo superior maior ou pelo diretor-geral, acompanhado por dois sacerdotes assistentes.

6. Como da eleição de uma boa madre geral costuma resultar grande bem para o Instituto e para a glória de Deus, a fim de facilitar a escolha, o superior maior, um pouco antes da eleição, poderá também propor uma série de nomes de irmãs que lhe parecerem mais idôneas para o ofício de superiora-geral.

7. O modo de proceder a esta eleição será o seguinte: posto sobre um altarzinho ou uma mesinha o crucifixo e acesas duas velas, o superior maior ou o seu delegado entoará o *Veni Creator*, seguido do *Oremus Deus qui corda* etc.

Em seguida, após breve alocução feita por ele a respeito, as eleitoras escreverão numa cédula o nome daquela que querem eleger, e dobrada a cédula, irão em ordem depositá-la na urna devidamente preparada. Em tudo se guardará o mais rigoroso segredo, de modo que uma não possa conhecer o voto da outra, nem antes, nem depois da votação. A que obtiver a maioria absoluta dos votos será eleita como superiora-geral. Por maioria absoluta dos votos se entende que mais da metade das cédulas postas na urna sejam a seu favor.

8. O superior maior confirmará com a sua autoridade a eleição realizada.

9. Se a eleição não puder ser efetuada na primeira votação, no mesmo dia ou nos dias seguintes poderá ser feita ainda uma vez nova votação. Caso a eleição, por dispersão de votos, não resultar após a segunda votação, caberá ao superior maior escolher como superiora-geral a irmã que julgar mais idônea para o cargo.

10. A eleição da vigária, da ecônoma e das duas assistentes se fará do mesmo modo, em cédulas distintas, mas a eleição será válida com a simples maioria relativa dos votos, o que significa que se considerará eleita a irmã que tiver obtido mais votos do que todas as demais. Também sua eleição será aprovada e confirmada pelo superior maior.

11. A superiora-geral cessante, contanto que não seja deposta, se não for eleita vigária ou ecônoma, naquele sexênio será de pleno direito a primeira assistente, sem necessidade de eleição.

12. O escrutínio das cédulas será feito por duas assistentes e pelo presidente, que em seguida mandará queimar as cédulas na presença do Capítulo das eleitoras.

13. Terminada e confirmada a eleição se cantará o *Te Deum*, e o diretor-geral, em nome do superior maior, comunicará o resultado das eleições a todas as casas.

14. Uma irmã para ser eleita superiora-geral, vigária, ecônoma ou assistente deverá: 1º Ter 35 anos de idade e 10 de profissão, mas sendo necessário, o superior maior, antes ou depois da eleição, poderá modificar essas condições; 2º Ter sido sempre exemplar; 3º Ser dotada de prudência, caridade e zelo quanto à observância regular; 4º Ser professa perpétua.

15. Embora não se possa supor que uma humilde Filha de Maria Auxiliadora se deixe levar pela ambição a usar de subterfúgios e intrigas para obter promoções, todavia, para prevenir o caso, declara-se que as irmãs notoriamente ambiciosas, dado que indignas e ineptas, são consideradas inelegíveis.

16. Verificando-se o caso de que alguma irmã do Capítulo Superior, antes de terminar seis anos, deva cessar do seu ofício, a superiora-geral, com o consentimento do superior maior, elegerá uma suplente conforme julgar melhor no Senhor; mas esta ficará no cargo somente até o fim do sexênio já iniciado por aquela que a precedeu no cargo.

17. Caso, durante o sexênio, ocorrer a morte da superiora-geral, ou ela por algum motivo deixar o seu ofício, far-se-á a eleição de uma nova superiora na forma acima descrita; a não ser que, para evitar maiores complicações, o superior maior a eleger com a sua autoridade. Em ambos os casos, a eleita ficará no cargo somente até o término do sexênio iniciado, quando haverá a nova eleição pelo Capítulo Superior.

18. Durante a vacância, a vigária governará o Instituto até a eleição da nova superiora.

19. Caso a nova superiora tiver que ser eleita pelo Capítulo-Geral, a vigária avisará todas as casas e de acordo com o superior maior escolherá o tempo oportuno para a dita eleição.

20. A superiora-geral visitará cada casa pelo menos uma vez por ano. Se, pela distância ou pelo número das casas, não puder fazer tal visita pessoalmente, com o consentimento dos seus superiores escolherá algumas visitadoras às quais dará o encargo de fazer suas vezes. As visitadoras farão as vezes da superiora-geral somente nas coisas e nos assuntos que lhes forem confiados.

Título VIII. Eleição das diretoras das casas particulares e do respectivo Capítulo

1. Cada casa do Instituto é presidida por uma diretora, à qual as irmãs que tiverem sido destinadas a tal casa lhe prestarão obediência.

2. Pelo Capítulo Superior das irmãs e com a aprovação e confirmação do superior maior, será eleita a diretora de cada casa e um Capítulo particular proporcionado ao número de irmãs que nela convivem. Após a diretora, as primeiras a serem eleitas são a vigária e as assistentes, conforme a necessidade. Para a eleição destas, participará do Capítulo Superior também a nova diretora.

3. A diretora poderá administrar os bens que levou para a Congregação e que foram doados para sua casa particular, mas sempre no limite fixado pela superiora-geral ou pelo diretor local, se as irmãs forem adidas a um instituto salesiano. Ela não poderá comprar, vender imóveis, construir novos edifícios, introduzir novidades de relevo sem o consentimento dos seus superiores. Na administração, ela deve cuidar de todo o andamento moral, material e escolar,

se houver escolas, e para os assuntos mais importantes reunirá o seu Capítulo e nada decidirá sem ouvir o seu parecer. Todos os anos prestará contas exatas da sua administração à superiora-geral.

4. A vigária fará as vezes da diretora quando esta se ausentar, e o seu ofício consistirá em administrar as coisas temporais. Por isso, cuidará de tudo o que se refere à economia doméstica. Estará atenta para que não falte nada, que nada se desperdice ou se estrague, e fará todas as provisões para a casa. Se esta for anexa a um colégio salesiano ou a algum outro instituto, ela receberá de quem de direito as orientações a respeito das despesas a serem feitas. A mesma vigária prestará contas da sua gestão à diretora sempre que esta lhe pedir.

5. As assistentes intervirão em todas as deliberações de alguma importância, ajudarão a diretora nos assuntos escolares e domésticos e em tudo o que lhes for confiado.

Título IX. Da mestra das noviças

1. A mestra das noviças será eleita e constituída pela superiora-geral com o parecer do seu Capítulo e com o consentimento do superior maior.

2. A mestra das noviças deve ser uma irmã de sólida virtude e prudência; tenha pleno e claro entendimento das santas Regras e seja conhecida pelo seu espírito de piedade, humildade e paciência à toda prova. Deve ter pelo menos 30 anos de idade e 5 de profissão. Sua permanência no cargo depende das determinações dos seus superiores.

3. A mestra das noviças terá o máximo cuidado em ser afável e cheia de bondade, para que as jovens lhe abram o coração em tudo o que pode ajudar a progredir na perfeição. Ela as dirigirá e instruirá na observância das Constituições, especialmente no que se refere ao voto de castidade, pobreza e obediência. Em tudo seja de modelo para elas, a fim de que se cumpram todas as prescrições da Regra. Recomenda-se também que inspire nas noviças o espírito de mortificação, mas que use de grande discrição nas mortificações externas para que as noviças não se enfraqueçam em suas forças a ponto de se tornarem ineptas para os ofícios do Instituto.

4. Vigie atentamente quanto às imperfeições das noviças e recorra com frequência a Deus para que a ilumine a fim de discernir os defeitos de ordem natural dos que provêm da vontade: os primeiros, ela saberá compadecer e orientar para uma útil reforma; os segundos, procurará corrigir, eliminar e aniquilar com prudente discrição e caridade.

5. Santa Teresa queria que as religiosas fossem alegres, sinceras e abertas. Por isso, a mestra das noviças ficará atenta para que as noviças sejam assim,

pois as irmãs dotadas dessas qualidades são as mais aptas a inspirar nas jovens e nas pessoas do mundo estima e amor à piedade e à religião.

6. Finalmente não esqueça que o espírito do Instituto é espírito de caridade e de doçura, de abnegação e de sacrifício; por isso procure informar e animar as noviças quanto a esse espírito a fim de que, feita a profissão, se tornem hábeis instrumentos da glória de Deus e da salvação das almas.

7. O que foi dito da mestra das noviças, em parte é aplicado também à assistente ou à mestra das postulantes. Esta, particularmente nos primeiros dias de experiência, seja para elas de consolo e conforto; em seguida, procure observar se têm verdadeira vocação ao estado religioso e se possuem as qualidades físicas e morais requeridas pelas Regras.

Título X. Capítulo-Geral

1. Cada seis anos e possivelmente quando se deve eleger o Capítulo Superior, se celebrará o Capítulo-Geral, do qual tomarão parte o superior maior e o diretor-geral com dois sacerdotes assistentes, o Capítulo Superior e as diretoras de cada casa, caso a distância e outras circunstâncias o permitirem.

2. No Capítulo-Geral serão tratados assuntos de interesse comum da Congregação e também se poderão modificar os artigos das Constituições, mas segundo o espírito do Instituto.

3. Se o superior maior não tiver participado pessoalmente do Capítulo-Geral, todos os atos do mesmo deverão ser submetidos ao seu exame e não obrigarão antes de receber sua aprovação.

Título XI. Condições para a aceitação

1. As jovens que desejam se agregar ao Instituto de Maria Auxiliadora farão seu pedido ao superior maior ou à superiora-geral, que por ela mesma ou por meio de uma irmã a isso destinada se informará quanto à sua condição, comportamento, habilidade, etc., e, encontrando-as dotadas das qualidades necessárias, as admitirá entre as postulantes.

2. Condições pessoais: nascimento legítimo, ótimos costumes, sincera disposição para as virtudes próprias do Instituto, atestado de bom comportamento emitido pelo pároco, testemunho do mesmo que comprove a honestidade da família da postulante; constituição sadia, compreendendo a isenção de qualquer defeito físico e de doença originária; certificado de vacina ou de ter sofrido a varíola; idade entre os 15 e os 30 anos, e que já não tenha sido religiosa em alguma outra congregação.

3. As postulantes pagarão a pensão de 30 francos mensais pelo tempo de experiência em preparação ao noviciado, prova que durará pelo menos 6 meses. Trarão consigo também um enxoval suficiente, segundo a orientação que lhes será comunicada. Dado que as irmãs conservam os direitos civis, trarão como dote o que lhes couber por parte da própria família. Esse dote, porém, nunca seja menor de mil liras. A superiora-geral pode modificar este artigo quando julgar ser para a maior glória de Deus.

4. Saindo ou falecendo uma jovem no tempo dessa prova será devolvido à família o dote e o enxoval, ficando porém a cargo dos parentes as despesas de pensão, doença e funeral.

5. Se uma noviça sair ou falecer, será restituído aos parentes o enxoval no estado em que se encontrar, contanto que do seu dote se possam retirar 15 liras mensais pelo tempo transcorrido no noviciado.

6. O dote e o enxoval passarão integralmente para o Instituto no caso de uma irmã sair ou morrer como professa.

Título XII. Da vestidura e da profissão

1. A jovem aceita entre as postulantes permanecerá ali pelo menos por 6 meses no exercício das virtudes próprias do Instituto, absorvendo seu espírito e habilitando-se para tudo o que lhe poderá ser útil nos diversos ofícios, particularmente em dar aula e catecismo.

2. Terminada essa primeira prova, a superiora-geral obterá do superior maior a faculdade para submetê-la a um exame da vocação pelo diretor que for incumbido para isso. Em seguida se passará à votação pelo Capítulo da casa na qual se encontra a postulante; se ela obtiver a maioria dos votos, far-se-á relação exata ao Capítulo Superior que decidirá quanto a admiti-la à vestidura com as cerimônias prescritas. No caso de a postulante não ser admitida à vestidura, serão avisados os parentes e ela lhes será restituída.

3. Após a vestidura haverá dois anos de noviciado. Um mês antes de terminar, será novamente submetido a exame o comportamento e a aptidão da noviça; se no escrutínio que se fará a seu respeito ela obtiver a maioria dos votos favoráveis, será admitida à santa profissão, segundo o formulário prescrito. Num livro apropriado se registrará o dia da profissão com a assinatura da professa e de duas irmãs testemunhas. Caso não for aprovada, retornará para a própria família, a não ser que o Capítulo julgue conveniente prolongar sua prova por mais 6 meses, após os quais se chegará a uma última e definitiva deliberação.

4. A vestidura será precedida por alguns dias de retiro e a santa profissão pelos exercícios espirituais regulares.

5. Em cada casa do Instituto se conservará um livro no qual se registrará a idade, o lugar de proveniência, o nome e sobrenome das irmãs que ali vivem e de seus pais.

6. Por graves motivos de moralidade e de comportamento, as noviças poderão ser despedidas do Instituto pela superiora-geral e as professoras pelo Capítulo Superior com o consentimento do superior maior, que no ato também as dispensará dos votos.

Título XIII. Virtudes essenciais propostas ao estudo das noviças e à prática das professoras

1. Caridade paciente e zelosa não só para com a infância, mas também com as jovens e com qualquer pessoa, a fim de fazer o maior bem possível às almas.

2. Simplicidade e modéstia, com santa alegria; espírito de mortificação interna e externa; rigorosa observância da pobreza.

3. Obediência de vontade e de juízo, humildade em aceitar de boa vontade e sem observações os avisos, as correções e os ofícios que lhes forem confiados.

4. Espírito de oração, mediante o qual as irmãs atendam de bom grado às obras de piedade, se mantenham na presença de Deus e se abandonem à sua doce Providência.

5. Estas virtudes devem ser muito provadas e enraizadas nas Filhas de Maria Auxiliadora, porque nelas deve caminhar com o mesmo passo a vida ativa e contemplativa, reproduzindo Marta e Madalena*, a vida dos apóstolos e dos anjos.

Título XIV. Distribuição do tempo

1. Dado que as ocupações das Filhas de Maria Auxiliadora são muitas e variadas, é necessária grande solícitude para desempenhá-las com exatidão e em boa ordem. Para isso será muito útil uma justa e cuidadosa distribuição das horas do dia.

* Maria Madalena é confundida com Maria, irmã de Marta e Lázaro, dado que também esta Maria ungira os pés do Senhor como fizera Maria Madalena. Maria e Marta, irmãs de Lázaro, se tornaram o ícone de vida ativa e contemplativa.

2. Por isso, a partir do dia 1º de abril até o fim de agosto, o levantar será às 5 horas; de 1º de setembro até o fim de março, será às 5h30min. Haverá meia hora para se vestir, arrumar a cama, lavar-se, etc. Ao sinal da campainha, as irmãs irão para a própria capela a fim de fazer em comum as orações, conforme o formulário prescrito. Em seguida se fará meia hora de meditação, para a qual se lerá em voz alta o assunto. Depois ouvirão a santa missa. O tempo que seguir até a hora do almoço será ocupado nos trabalhos que lhe serão indicados pela obediência, excetuando a meia hora destinada ao café da manhã.

3. Um quarto de hora antes do meio-dia irão para a igreja ou para o oratório privado a fim de fazer o exame particular de consciência e recitar o *Angelus*, após o qual irão para o refeitório para o almoço. Durante a refeição se fará leitura de algum livro de ordem moral, mas que seja fácil e apto a instruir e a aliviar o espírito. Nas principais solenidades a superiora poderá dispensar a leitura no todo ou em parte.

4. Antes e depois das refeições se farão as costumeiras orações. Após o almoço haverá cerca de uma hora de recreio. Durante esse tempo as irmãs se entreterão juntas como boas irmãs, animando-se reciprocamente no serviço divino e alegrando-se por se encontrarem na santa casa de Deus e longe do perigo de ofendê-lo. Para descansar o espírito e o corpo não são proibidas brincadeiras honestas e inocentes. Nenhuma irmã deve se ausentar do recreio sem licença. Terminado o recreio, irão para a capela fazer uma breve visita ao Santíssimo Sacramento, após a qual se dedicarão com diligência às próprias ocupações.

5. Às quatro horas e um quarto farão em comum quinze minutos de leitura espiritual, após a qual haverá meia hora de recreio. Cerca de meia hora antes do jantar irão para a capela e recitarão a terceira parte do santo rosário.

6. Durante o jantar haverá a leitura como ao almoço. Depois do recreio, irão para a capela, recitarão as orações em comum e, lido o assunto da meditação para o dia seguinte, em silêncio se entregarão ao descanso.

Título XV. Da clausura

As Irmãs de Maria Auxiliadora, embora não podendo professar estrita clausura por causa dos ofícios de caridade que devem prestar ao próximo, todavia, observarão as seguintes normas:

1. Não introduzirão pessoas externas, a não ser na parte da casa destinada a receber os externos, ou então em caso de necessidade somente nos dormitórios destinados às educandas. Nos demais ambientes ocupados pelas irmãs,

especialmente nos dormitórios, não será lícito introduzir outras pessoas, a não ser as que por dever ou necessidade forem chamadas ou quando ocorrerem casos extraordinários nos quais a superiora julgar conveniente fazer uma exceção. Na enfermaria só poderão introduzir o médico, o diretor e os parentes mais próximos da irmã doente, mas sempre acompanhados por alguma irmã.

2. Ao som da *Ave-Maria* da tarde, não se admitirá em casa mais nenhuma pessoa estranha, exceto em caso de grave enfermidade de alguma jovem.

3. Nenhuma irmã poderá sair de casa para passear ou fazer visitas, nem para desempenhar algum ofício, sem a licença da superiora, a qual vez por vez a fará acompanhar por uma irmã ou por uma pia pessoa externa.

4. Exceto em caso de viagem ou de uma obra de caridade, as irmãs não ficarão fora de casa depois do som da *Ave-Maria* da tarde.

5. Nunca pararão pelas ruas a conversar com quem quer que seja, a não ser por grave necessidade que as justifique diante de quem as observa.

6. Nunca se hospedarão, nem tomarão refeições ou bebidas em casa de externos, a não ser em caso de viagem ou de alguma outra necessidade ou conveniência.

7. No caso de alguma viagem, se tiverem que pernoitar em algum lugar onde houver irmãs do mesmo Instituto, sempre se hospedarão com elas, embora ali haja parentes ou conhecidos. As coirmãs religiosas as acolherão sempre com caridade e benevolência, não recebendo nenhuma compensação pela hospitalidade dispensada.

8. As irmãs não frequentarão nem mesmo a casa dos senhores párocos ou de outros sacerdotes ou de pessoas leigas, nem ali prestarão serviços, nem ficarão para almoçar, ou para participar de reuniões ou de práticas devotas. Com isso não se proíbem as visitas que o respeito e a gratidão exigem que sejam feitas especialmente aos benfeitores e às benfeitoras do Instituto.

9. As residências das irmãs serão completamente separadas das demais residências, de tal modo que nenhuma pessoa possa entrar ou sair a não ser pela porta da sua casa que dá para fora.

10. Onde as irmãs prestarem seu serviço nos colégios ou nos seminários devem se comunicar unicamente por meio da roda, tanto para a comida, quanto para as vestes, a roupa de cama, alfaias da igreja e coisas semelhantes.

11. Em cada casa haverá um locutório, onde, havendo necessidade, a superiora poderá conversar com o diretor e com pessoas externas; mas isso não deverá ocorrer de noite, a não ser diante de grave necessidade, e sempre com a porta fechada a chave.

12. Sem licença da superiora, nenhuma irmã, nem mesmo no locutório, poderá conversar a sós com alguma pessoa, a não ser que se trate do bispo, do superior maior e do diretor-geral.

13. As conversas sejam breves, a respeito de coisas necessárias ou úteis, e sempre marcadas de seriedade e reserva, como quem fala com Deus.

14. A superiora vigie atentamente quanto à escolha e ao modo de se comportar das irmãs que têm algum encargo relativo a pessoas externas, como no caso da escola, dos oratórios festivos e das oficinas, da cozinha, da rouparia e coisas semelhantes.

15. Em cada casa as irmãs terão uma capela própria para as práticas de piedade. Onde não for possível tê-la, assistirão as celebrações sagradas num coreto separado, na igreja da comunidade à qual são adidas, ou então na igreja paroquial, em lugar apropriado e conveniente.

16. A diretora cuidará para que as confissões das irmãs nunca sejam feitas à noite. Havendo necessidade, faça de tal modo que o lugar destinado para isso seja iluminado, a fim de não haver inconvenientes.

Título XVI. Do silêncio

1. Como o silêncio promove grandemente a observância da vida regular, numa casa religiosa onde ele for observado devidamente haverá fervor do espírito, recolhimento, piedade sólida e a união com Deus; por isso, se recomenda calorosamente às Filhas de Maria Auxiliadora que o observem com muita exatidão.

2. No Instituto, o silêncio se distingue em duas modalidades: rigoroso e moderado. O silêncio rigoroso começará a partir do sinal das orações da noite e durará até a manhã seguinte depois da santa missa. Este silêncio requer, não somente que não se converse, mas que se evite qualquer vaivém, barulho ou rumor que possa perturbar o recolhimento próprio e o da comunidade.

3. O silêncio moderado compreende todo o resto do dia, menos os recreios de que se trata no Título XIV. Além disso, será permitido falar em voz baixa quando houver necessidade ou obrigação, como na orientação no trabalho, ao cumprir tarefas, arrumar as coisas da casa ou atender a alguma tarefa solicitada por pessoas de fora.

4. Nas oficinas se poderá romper esse tipo de silêncio por meia hora, depois das 10 da manhã, falando moderadamente, ou também cantando loas sacras. O mesmo se poderá fazer, mesmo fora das oficinas, das 4h30min até as 5 horas da tarde.

5. Sem real necessidade, nenhuma irmã deve falar nos dormitórios, nos corredores e pelas escadas.

6. Nas casas particulares onde, por razões de ofício, não se pode observar o silêncio como acima, a diretora cuidará de fixar um tempo mais livre e mais adaptado para isso.

7. Cada irmã aproveite da ocasião propícia do silêncio para manter-se unida a Deus, pensando com frequência nele e dirigindo-lhe afetuosas aspirações.

Título XVII. Práticas de piedade particulares

1. Todos os dias as irmãs farão por sete vezes a comemoração das sete dores de Maria Santíssima, e no fim de cada uma delas recitarão uma *Ave-Maria* com a oração que depois repetirão frequentemente ao longo do dia: *Eterno Pai, nós vos oferecemos* etc. Das vésperas do sábado santo até o fim do domingo *in Albis* e durante toda a oitava da Assunção de Maria Santíssima ao céu, às mesmas horas, recitarão, distribuídas uma por vez, as sete alegrias de Maria Santíssima.

2. No quarto de hora determinado para a leitura espiritual se lerão os livros que lhes serão indicados pelos superiores. Recomendam-se particularmente a *Imitação de Cristo*, a *Monja santa* e a *Prática de amar Jesus Cristo* do doutor Santo Afonso; a *Filoteia* de São Francisco de Sales adaptada para a juventude, Rodríguez e as vidas dos santos e das santas que se dedicaram à educação da juventude. Por nenhum motivo, nem mesmo por busca de maior perfeição ou de estudo e instrução, as irmãs providenciarão para si ou lerão livros sem antes serem examinados ou permitidos pelos superiores.

3. Aos domingos e em todas as festas de preceitos, as irmãs recitarão o ofício da Beatíssima Virgem, a não ser que tomem parte nas celebrações paroquiais ou participem de alguma reunião. O ofício da Bem-aventurada Virgem seja recitado com a máxima devoção, lentamente, com voz uníssona, e ao asterisco se faça uma breve pausa.

4. As irmãs se aproximarão do tribunal da penitência cada oito dias. Se nesse espaço de tempo alguma irmã, havendo comodidade, quiser se confessar de novo ou falar de sua alma com o confessor, é livre de fazê-lo, mas antes ou depois informará a diretora, a qual se absterá de lhe perguntar o motivo. Na acusação das próprias faltas procurem omitir as circunstâncias inúteis; sejam breves e falem com simplicidade e humildade suas culpas como se as acusassem ao próprio Jesus Cristo. Tenham grande respeito e usem de grande confiança para com o próprio confessor, como convém a quem está destinado

por Deus a ser pai, mestre e guia das suas almas; nunca, porém, falem entre si de assuntos de confissão e muito menos a respeito do confessor.

5. No primeiro domingo ou na primeira quinta-feira do mês será dia de retiro espiritual, no qual, deixando na medida do possível os assuntos temporais, cada irmã se recolherá em si mesma, fará o exercício da boa morte, dispondo as suas coisas espirituais e temporais, como se tivesse que abandonar este mundo e encaminhar-se para a eternidade. Faça-se alguma leitura adequada à necessidade e, onde for possível, a superiora peça ao diretor uma pregação ou uma conferência sobre o assunto.

6. Cada seis meses as irmãs terão à disposição um confessor extraordinário, escolhido pelo superior maior e aprovado para as confissões na diocese. Fora desse tempo, se alguma irmã precisar, o solicitará à superiora que com facilidade lhe concederá.

7. A santa comunhão normalmente será feita em todos os domingos e nas festas de preceito, nas quintas-feiras e nos sábados de cada semana, no aniversário da vestidura e da profissão. Todavia, cada irmã poderá comungar todos os dias, se tiver a licença do confessor.

8. Se por algum motivo uma irmã julgar conveniente não fazer a comunhão, não é obrigada a prevenir a superiora; mas, caso a irmã se abstenha por mais de uma semana, a superiora procurará conversar com ela com boas maneiras, e havendo necessidade, providencie ajuda para sua necessidade espiritual.

9. Serão celebradas com particular devoção as festas de São José, de São Francisco de Sales e de Santa Teresa de Jesus, que são os padroeiros especiais do Instituto.

10. Festas principais do Instituto são as solenidades da Imaculada Conceição e de Maria Santíssima Auxiliadora, precedidas por uma devota novena. As irmãs se prepararão com sentimentos de grande piedade, aproximando-se dos santos sacramentos e agradecendo ao Senhor e à Bem-aventurada Virgem por lhes ter concedido a graça da vocação religiosa.

11. Não há norma que prescreva às irmãs abstinências e jejuns particulares, além dos que são ordenados pela Santa Igreja; quanto a isso, também elas não podem seguir o próprio arbítrio, mas obedecerão ao confessor e à superiora. Como também não farão penitências corporais sem antes pedir a devida autorização.

12. Todavia, procurarão uniformar-se ao louvável costume de jejuar cada sábado em honra de Maria Santíssima. Caso durante a semana houver algum jejum mandado pela Igreja ou o sábado cair num dia festivo, o jejum da Regra fica dispensado.

Título XVIII. Normas gerais

1. Todas as irmãs das diversas casas, uma vez por ano, deverão ir até a casa central, ou então, se a distância for muito grande, a uma casa determinada pelos superiores, para dedicar-se alguns dias aos exercícios espirituais. Se por causa das obras a que devem se dedicar não for possível que todas as irmãs os façam junto, farão os exercícios dividindo-se em duas ou mais vezes, conforme determinar a superiora. No fim dos santos exercícios as irmãs professas renovarão em comum e diante do Santíssimo Sacramento os votos emitidos no dia da sua profissão.

2. As cartas escritas às irmãs ou por estas escritas a outras pessoas, onde se julgar conveniente, sejam abertas e lidas pela superiora, a qual poderá dar-lhes seqüência ou retê-las.

3. As irmãs poderão escrever, sem pedir licença, ao sumo pontífice, ao superior maior, ao diretor-geral e à superiora-geral; igualmente receberão as cartas dessas pessoas sem que ninguém possa abri-las.

4. Quando receberem visitas dos próprios parentes ou de outras pessoas, irão para o locutório acompanhadas por alguma irmã indicada pela superiora. Em ocasiões semelhantes de visitas indispensáveis recomenda-se às irmãs que usem de grande prudência e modéstia cristã, e às superiores que tomem todas as medidas necessárias para prevenir qualquer inconveniente. Como as Filhas de Maria Auxiliadora têm muitas ocupações, assim, quando não se tratar de assuntos importantes, as próprias irmãs pedirão aos seus parentes que não as visitem mais de uma vez por mês.

5. As irmãs se amarão umas às outras no Senhor, mas terão grande cuidado para não se prenderem entre si ou com qualquer pessoa mediante afetos ou amizades particulares, que afastam do perfeito amor a Deus e se tornam a peste das comunidades.

6. A nenhuma irmã é permitido atribuir encargos, nem a meninas da escola, nem a seus parentes, nem a quem quer que seja, a não ser com a prévia licença da superiora, à qual deverá referir qualquer encargo a ser feito.

7. Cada irmã deve reconhecer-se como a mínima entre todas, por isso nenhuma delas se absterá de ações humildes, nem se recusará a se ocupar dos ofícios mais baixos da casa, nos quais a superiora a exercitará conforme as suas forças e segundo o que prudentemente julgar conveniente no Senhor.

8. As Filhas de Maria Auxiliadora se mostrarão alegres com as coirmãs, rirão, brincarão, etc., sempre, porém, como parece que devam fazer os anjos entre si; mas na presença de pessoas de outro sexo conservarão sempre uma atitude nobre. Andando pelas ruas, caminharão com a máxima compostura e

modéstia, nunca fixando as pessoas, nem os que encontrarem pelo caminho, saudando, todavia, com inclinação da cabeça a quem as saudar e às pessoas eclesiásticas, se passarem perto delas.

9. Em casa e fora dela usarão sempre um modo de falar humilde, nunca pretendendo impor aos outros os próprios sentimentos, evitando particularmente toda palavra áspera, pungente, de reprovação, de vaidade relativa a si mesmas ou ao bem que o Senhor se dignar fazer surgir das suas obras, cumprindo todas as suas ações particulares e comuns unicamente por amor de Deus. Nunca falarão do próprio nascimento, da idade ou de riquezas, se por acaso no mundo tiveram alguma. Nunca levantarão a voz falando com quem quer que seja, mesmo durante o tempo de recreio.

10. Dos ministros de Deus sempre falarão com grande respeito; e quando alguma irmã tiver alguma observação a fazer a respeito de algum deles a confidenciará unicamente aos seus superiores. A mesma atitude as irmãs usarão falando das próprias superiores e das religiosas de outras congregações, como também das próprias coirmãs que deixaram o Instituto.

11. Quando tiverem que tratar com pessoas de outro sexo, falarão de modo afável, com um misto de espontânea gravidade, porque, se forem de condição superior a elas, por exemplo, eclesiásticos, assim exige o respeito devido ao seu estado; se forem leigos, assim exige o decoro e o bom exemplo. Todo o seu empenho consistirá em mostrar-se, no trato e no modo de olhar e em toda a sua pessoa, como devem ser, isto é, esposas de Jesus Cristo crucificado e filhas de Maria.

12. Na igreja estarão com a máxima compostura, direitas na pessoa, e se ajoelharão até o chão passando diante do altar onde se conserva o Santíssimo Sacramento. As professoras levarão ao peito o crucifixo e as noviças a medalha de Maria Auxiliadora.

13. Cada irmã cuidará da própria saúde; por isso, se uma irmã não estiver bem de saúde, sem esconder ou exagerar o mal, avisará a superiora para que ela possa providenciar àquela necessidade. Durante a doença obedecerá à enfermeira e ao médico cirurgião, para que cuidem do seu corpo conforme julgarem melhor diante de Deus. Procurará também se mostrar paciente e resignada à vontade de Deus, suportando as privações inseparáveis da pobreza e conservando sempre uma imperturbável tranquilidade de espírito, nas mãos daquele Senhor que é Pai amoroso, tanto quando nos conserva a saúde, como quando nos aflige com doenças e sofrimentos. A fim de fortalecê-las mais no espírito, às enfermas obrigadas a manter o leito se dará a santa comunhão uma ou mais vezes por semana, onde o tipo de doença e o lugar o permitirem.

14. As irmãs procurarão manter-se sempre estreitamente unidas pelo doce vínculo da caridade, pois seria deplorável se aquelas que assumiram como finalidade da própria vida a imitação de Jesus Cristo descuidassem o cumprimento da observância daquele mandamento que foi o mais recomendado por ele, a ponto de qualificá-lo como o seu preceito. Portanto, além da compreensão recíproca e do amor imparcial, fica também prescrito que, se a alguma irmã ocorrer faltar de caridade para com outra, peça desculpas no primeiro momento em que, de espírito calmo, se der conta da própria falta, ou pelo menos antes de dormir, e a irmã ofendida lhe conceda imediatamente o perdão mais cordial.

15. Para maior perfeição da caridade, cada irmã preferirá com prazer o bem-estar das coirmãs antes que o próprio, e em todas as ocasiões se ajudarão e se apoiarão com demonstrações de benevolência e de santa amizade; nunca se deixarão vencer por algum sentimento de ciúme de umas contra as outras. Enquanto ao tratamento recíproco, as irmãs se tratarão por “tu” ou por “vós”, as súditas tratarão as superiores do Instituto e as diretoras por “senhora”.

16. Desejem e procurem eficazmente fazer ao próximo todo o bem que lhes seja possível, entendendo sempre ajudar e servir a Nosso Senhor Jesus Cristo na pessoa dos seus pobres, especialmente assistindo, servindo, confortando as coirmãs doentes e aflitas e promovendo o bem espiritual das meninas dos lugares onde residem. Além disso, evitem pedir ou permitir que as jovens externas da escola, das oficinas ou dos oratórios festivos, lhes falem de divertimentos mundanos, ou narrem ações e práticas mais ou menos inconvenientes.

17. Considerem-se felizes quando puderem prestar um serviço a alguma pessoa; mas estejam muito atentas para nunca ofender alguém mediante escritos, com palavras ou com atos menos gentis. Quando não puderem prestar um favor solicitado, usem as expressões mais cordiais para demonstrar desprazer ao ter que recusar. Como também, nas conversas especialmente com pessoas estranhas ao Instituto e com as inferiores, usem de certa esperteza para orientar a conversa, ora sobre Deus, ora sobre assuntos de religião ou sobre alguma virtude ou fato edificante. Fazendo assim, cada irmã poderá, na sua pequenez, ser sal e luz do próximo e merecer o elogio que a Igreja faz de Santa Catarina de Sena, isto é, que nenhuma pessoa se afastava dela sem se sentir melhor.

18. Para crescer na perfeição religiosa será muito útil ter o coração aberto para com as superiores, como sendo as pessoas destinadas por Deus para dirigi-las no caminho da virtude. Portanto, todas as irmãs tenham grande confiança na superiora e na diretora, considerem-na qual mãe afetuosa, e ela

procure de fato mostrar-se tal. Recorram a ela nas suas dúvidas, manifestem-lhe suas penas e lhe exponham suas necessidades e dificuldades.

19. Farão o mesmo com o superior maior e com quem o representa, e isto especialmente nos rendicontos e sempre que forem especificamente interrogadas, persuadindo-se de que os superiores não desejam outra coisa senão ajudá-las a amar a Deus e a se santificarem.

20. As irmãs de cada casa, uma vez por mês e também mais frequentemente, se for preciso, manifestarão à própria superiora ou diretora o seu comportamento externo, com toda simplicidade e franqueza, e receberão dela os avisos e conselhos para terem bom êxito na prática da mortificação e na observância das santas Regras do Instituto. Excluem-se, porém, desse rendiconto, as coisas íntimas e também as exteriores quando forem matéria de confissão.

21. Todas as irmãs assistirão à conferência que a superiora ou o diretor fará para elas todos os domingos a fim de instruí-las quanto aos seus deveres, ou para corrigi-las dos defeitos que poderiam diminuir o fervor e a observância na comunidade.

22. Todas as irmãs façam o maior esforço para cumprir os exercícios de piedade, de cuja observância deriva o fervor interior que move docemente a pessoa a se adequar em tudo a Jesus Cristo, nosso divino modelo e esposo das almas fiéis.

23. A caridade que em vida manteve unidas as Filhas de Maria Auxiliadora não deverá cessar depois da sua morte. Por isso, quando alguma irmã for chamada à eternidade, será celebrada a santa missa *de requie* e as irmãs da casa onde ocorreu a morte farão a santa comunhão e recitarão por inteiro o rosário da Bem-aventurada Virgem. O cadáver será vestido com o hábito religioso e acompanhado decorosamente à sepultura, conforme o costume de cada lugar.

24. Se a irmã falecida era professa, a diretora, além da missa *de requie*, fará aplicar outras 5 missas em sufrágio de sua alma. Todos os anos, no dia seguinte à festa de Maria Auxiliadora, na casa-mãe se cantará ou se celebrará uma missa e todas as irmãs farão a comunhão em sufrágio das coirmãs falecidas; farão o mesmo no fim de cada turno de exercícios espirituais.

25. Por ocasião da morte do superior maior, do diretor-geral e da superiora-geral, além dos sufrágios acima indicados, será celebrado um funeral em todas as igrejas pertencentes ao Instituto.

26. Sobre todas as irmãs que seguirem fielmente estas santas regras, desça copiosa a paz e a misericórdia de Deus.

III. CARTAS CIRCULARES AOS SALESIANOS E ÀS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

As cartas circulares de Dom Bosco aos salesianos e às Filhas de Maria Auxiliadora são pequenas obras-primas de espiritualidade. Nelas o Santo exprime a sua vigorosa visão da vida consagrada: com os votos nos entregamos totalmente a Deus, prontos a enfrentar com força de ânimo as fadigas e as dificuldades, contanto que se possam conquistar almas para Deus, dispostos a segui-lo no caminho das tribulações até a morte, se for preciso. Nessa perspectiva, o salesiano e a salesiana são exortados a permanecer firmes na sua vocação; a fugir do espírito do mundo; a praticar a obediência e a pobreza com magnanimidade; a cultivar a união com Deus e a confiança nos superiores; a suportar serenamente, com fortaleza, todo incômodo, contanto que se possam “salvar almas”; a observar exatamente as Regras.

Aqui reproduzimos somente uma seleção de circulares nas quais se evidenciam de forma mais explícita temas de vida espiritual.

Particularmente expressiva é a carta às Filhas de Maria Auxiliadora de 24 de maio de 1886 (n. 237), na qual Dom Bosco escreve: “Pedi a graça de vos conservardes sempre fiéis à vossa santa vocação, de serdes religiosas amantes da perfeição e da santidade; que com a prática das virtudes cristãs e religiosas, com uma vida edificante e exemplar façais honra a Jesus Cristo, vosso esposo celeste, e honra a Maria, vossa Mãe amorosíssima”.

Em seguida, são enumeradas as qualidades da irmã salesiana: obediência exata; domínio sobre os próprios defeitos; coração voltado unicamente para Deus; nenhuma queixa por ter abandonado os bens do mundo, alegria em praticar a pobreza e suportar as privações para “seguir Jesus Cristo humilhado na terra, coroado de espinhos e pregado na cruz, para depois no céu, rodeá-lo, exaltado, revestido de glória entre os esplendores dos anjos e dos santos”; boa constituição física, boa índole, “espírito honestamente alegre”; desejo de tornar-se santa mediante as obras comuns para servir de bom exemplo e de estímulo às jovens; vontade de “tornar-se instrumento da glória de Deus, desempenhando os ofícios e cumprindo as ocupações que são próprias do Instituto”²².

²² *Cronistoria*. Por Giselda Capetti, vol. V. *Ultimi anni sotto lo sguardo del Fondatore (1885-1888)*. Roma, Istituto FMA 1978, pp. 93-94.

228. Primeiro escopo da nossa Sociedade é a santificação dos seus membros

Edição crítica em E(m) II, pp. 385-387²³.

Turim, 9 de junho de 1867, dia de Pentecostes.

Dentro de pouco tempo a nossa Sociedade será talvez aprovada de maneira definitiva, e por isso eu precisaria falar com frequência aos meus amados filhos. Não o podendo fazer sempre pessoalmente, procurarei fazê-lo ao menos por carta. Começarei, então, dizendo algo da finalidade geral da Sociedade e depois passaremos a falar outra vez das observâncias particulares.

O primeiro objetivo da nossa Sociedade é a santificação dos seus membros. Por isso, ao entrar nela, deve cada um desembaraçar-se de qualquer outro pensamento ou preocupação. Quem entrasse para gozar uma vida tranquila, prosseguir comodamente os estudos, libertar-se das ordens dos pais, ou eximir-se da obediência de algum superior, estaria objetivando um fim desvirtuado, que não seria mais o *Sequere me* do Salvador, pois visaria à própria utilidade temporal, não ao bem da alma.

Os Apóstolos foram elogiados pelo Salvador e foi-lhes prometido um reino eterno, não por terem abandonado o mundo, mas porque, abandonando-o, dispunham-se a segui-lo nas tribulações, como de fato aconteceu, consumindo a própria vida nas fadigas, na penitência e nos sofrimentos, padecendo depois o martírio pela fé.

Tampouco tem um bom fim quem entra, ou permanece na Sociedade, convencido de ser a ela necessário. Gravem todos bem na mente e no coração: a começar pelo superior-geral até ao último dos sócios, ninguém é necessário à Sociedade. Somente Deus deve ser seu chefe, o patrão absolutamente necessário. Por isso, os membros da Sociedade devem dirigir-se ao seu chefe, ao seu verdadeiro patrão, ao remunerador, a Deus, e por amor dele é que cada um se deve inscrever na Sociedade; por amor dele trabalhar, obedecer, abandonar quanto possuía no mundo, para no fim da vida poder dizer ao Salvador, escolhido como modelo: *Ecce nos reliquimus omnia et secuti sumus te; quid ergo erit nobis?*

Quando se diz que cada um deve entrar na Sociedade guiado somente pelo desejo de servir a Deus com maior perfeição e fazer bem a si próprio, entende-se fazer a si próprio o verdadeiro bem, bem espiritual e eterno.

²³ É a primeira circular de Dom Bosco aos salesianos.

Quem busca vida cômoda, vida de conforto, não entra com bom fim na nossa Sociedade. Nós pomos como base a palavra do Salvador que diz: Quem quiser ser meu discípulo, venda quanto possui no mundo, dê-o aos pobres e me siga. Mas aonde ir, aonde segui-lo, se não tinha um palmo de terra onde repousar a cabeça cansada? Quem quiser ser meu discípulo, diz o Salvador, siga-me com a oração, com a penitência, e especialmente renegue a si mesmo, tome a cruz das tribulações diárias e me siga. *Abneget semetipsum, tollat crucem suam quotidie, et sequatur me* [Lc 9,23]. Mas segui-lo até quando? Até à morte, e, se preciso, até à morte de cruz.

É o que faz na nossa Sociedade quem consome as suas forças no sagrado ministério, no ensino ou outro exercício sacerdotal, até a uma morte, mesmo violenta, de cárcere, exílio, ferro, água, fogo, e depois de sofrer ou morrer com Jesus Cristo na terra, vai gozar com ele no céu.

Parece-me ser este o sentido das palavras de São Paulo quando diz a todos os cristãos: *Qui vult gaudere cum Christo, oportet pati cum Christo*.

O sócio que entrar com essas boas disposições deve mostrar-se sem pretensões e aceitar com prazer qualquer trabalho que lhe for confiado. Magistério, estudo, trabalho, pregação, confissão, na igreja, fora da igreja; as ocupações mais baixas devem-se assumir com alegria e prontidão de ânimo, porque Deus não olha a qualidade do cargo, mas a finalidade de quem o exerce. Portanto, todos os encargos são igualmente nobres, porque igualmente meritórios aos olhos de Deus.

Meus queridos filhos, tende confiança nos vossos superiores; eles devem dar estritas contas a Deus das vossas obras; porque eles estudam a vossa capacidade, as vossas propensões e dispõem delas de maneira compatível com as vossas forças, mas sempre como lhes parece ser para a maior glória de Deus e proveito das almas.

Oh! se os nossos irmãos entrarem na Sociedade com tais disposições, as nossas casas tornar-se-ão por certo um verdadeiro paraíso terrestre. Reinará a paz e a concórdia entre os membros de todas as famílias, e a caridade será a veste cotidiana de quem manda, a obediência e o respeito precederão os passos, as obras e até os pensamentos dos superiores. Ter-se-á em suma uma família de irmãos reunidos ao redor do seu pai para promover a glória de Deus na terra e para ir um dia amá-lo e louvá-lo na imensa glória dos bem-aventurados no céu.

Que Deus vos cumule a vós e vossos trabalhos de bênçãos, e a graça do Senhor santifique as vossas ações e vos ajude a perseverar no bem.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

229. Unidade de Espírito e Unidade de Administração

Edição crítica em E(m) II, pp. 529-531

[Turim, fim de abril de 1868]

Aos meus queridos filhos e irmãos da Sociedade de São Francisco de Sales.

O mês de maio que nós costumamos consagrar a Maria está para começar e desejo servir-me desta oportunidade para falar aos meus queridos filhos e irmãos e expor-lhes algumas coisas que não pude dizer na conferência de São Francisco de Sales.

Eu estou convencido de que todos vós tendes vontade firme de perseverar na Sociedade e, portanto, de esforçar-vos com todas as forças para ganhar almas para Deus e, em primeiro lugar, salvar a própria alma. Para ter êxito nesse grande empreendimento, devemos, como coisa fundamental, usar a máxima solícitude em pôr em prática as Regras da Sociedade. Porque de nada serviriam as nossas Constituições se fossem letra morta para ficarem no quarto e nada mais. Se quisermos que a nossa Sociedade progrida com as bênçãos do Senhor é indispensável que cada artigo das Constituições seja norma de agir. Todavia, há algumas coisas que são práticas e bastante eficazes a fim de alcançar o objetivo que nos propusemos: entre elas, faço-vos notar a unidade de espírito e a unidade de administração.

Por unidade de espírito eu entendo a decisão firme, constante, de querer ou não querer o que o superior considera ser para a maior glória de Deus. Esta decisão nunca cessa, por mais graves que sejam os obstáculos que se opõem ao bem espiritual e eterno, segundo a doutrina de São Paulo: *Caritas omnia suffert, omnia sustinet* [1Cor 13,7]. Esta decisão induz o irmão a ser pontual nos seus deveres, não só pela ordem que recebeu, mas pela glória de Deus que ele intenta promover. Disso deriva a prontidão em fazer na hora marcada a meditação, a oração, a visita ao Santíssimo Sacramento, o exame de consciência, a leitura espiritual. Verdade é que estas coisas são prescritas pelas Regras, mas se não houver empenho em nos estimular para observá-las por um motivo sobrenatural, as nossas Regras cairão no esquecimento.

O que contribui poderosamente para conservar esta unidade de espírito é a frequência dos santos sacramentos. Os sacerdotes façam todo o possível para celebrar com regularidade e devotamente a santa missa; os que não são

sacerdotes procurem fazer a comunhão o mais frequente possível. Cada um procure observar o que as Regras prescrevem a esse respeito.

Depois, é absolutamente necessária uma confiança especial com o superior da casa onde cada um reside. O grande defeito consiste nisto: muitos procuram interpretar de forma errônea certas disposições dos superiores, ou então as julgam de pouca importância; enquanto isso, descuidam a observância das Regras com prejuízo de si mesmos, desgosto para os superiores e com a omissão ou pelo menos o desleixo no que poderia contribuir poderosamente para o bem das almas. Por isso, cada um se despoje da própria vontade e renuncie a pensar só no próprio bem; assegure-se somente se o que deve fazer é para a maior glória de Deus, e depois vá em frente.

Aqui, por sua vez, nasce a seguinte dificuldade: na prática, encontramos casos em que parece melhor agir diversamente do que nos foi ordenado. Não é verdade. O melhor é fazer sempre a obediência, nunca mudando o espírito das Regras tal como é interpretado pelo respectivo superior. Portanto, cada um procure sempre interpretar, praticar, recomendar a observância das Regras entre os seus irmãos; e executar para com o próximo tudo o que o superior julgar ser vantajoso para a maior glória de Deus e o bem das almas. Esta conclusão eu a considero a base fundamental de uma Sociedade religiosa.

A unidade de espírito deve andar unida à unidade de administração. Um religioso se propõe pôr em prática as palavras do Salvador: quer dizer, renunciar ao que ele pode ter no mundo pela esperança de um recompensa maior no paraíso. Pai, mãe, irmãos, irmãs, casas, bens de qualquer espécie, tudo ofereceu ao amor de Deus. Dado que a alma ainda está unida ao corpo, precisa dos meios materiais para alimentar-se, vestir-se e agir. Por isso, enquanto renuncia a tudo o que tinha, ele procura agregar-se a uma Sociedade em que possa providenciar acerca das necessidades da vida sem ter que suportar o peso da administração temporal. Como, pois, ele deve comportar-se na Sociedade quanto às coisas temporais? As Regras da Sociedade pensam em tudo; portanto, praticando as Regras, toda necessidade fica providenciada. Uma roupa, um pedaço de pão, devem bastar a um religioso. Quando houver necessidade de mais alguma coisa, fale com o superior e será atendido. Aqui, porém, deve concentrar-se o esforço de cada um. Quem puder obter uma vantagem para a Sociedade, faça-o, nunca, porém, centralize tudo em sua pessoa. Esforce-se para que haja uma só caixa, assim como deve existir uma só vontade. Quem pretendesse vender, comprar, trocar ou conservar dinheiro para interesses próprios... seria como um camponês que, enquanto os ceifeiros

recolhem o grão, ele o dispersa e joga fora como palha²⁴. Quanto a isso eu devo recomendar que não se conserve dinheiro nem mesmo sob o pretexto de torná-lo útil para a Sociedade. A coisa mais útil para a Sociedade é a observância das Regras.

As roupas, o aposento, os móveis fujam do requinte. O religioso deve estar sempre preparado para abandonar a própria cela e apresentar-se diante do Criador sem nada que o aflija ao deixá-la e sem dar motivos ao juiz para repreendê-lo.

Por isso, tudo proceda sob a guia da obediência, com humildade e confiança. Nada se oculte ao superior, nada se esconda a ele. Assim o superior estará em condições de conhecer a situação dos próprios irmãos, de providenciar para eles suas necessidades e de tomar as decisões que ajudam a facilitar a observância das Regras e a vantagem de toda a Sociedade.

Ainda haveria muitas coisas a dizer a esse respeito. Faremos isso em outra carta, por meio de conferências apropriadas e especialmente nos próximos exercícios espirituais de Trofarello, se Deus na sua grande misericórdia nos conservar, como espero, e nos ajudar a todos a estarmos lá no próximo mês de setembro para fazermos esses exercícios.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco e nos conceda o espírito de fervor e o precioso dom da perseverança na Sociedade.
Amen.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco.

²⁴ [...].

230. A confiança entre os superiores e os coirmãos

Edição crítica em E(m) III, pp. 125-126.

Dia solene da Assunção de Maria Santíssima de 1869

Filhos muito amados,

A divina Providência dispôs que a nossa Pia Sociedade fosse definitivamente aprovada pela Santa Sé e nós, enquanto na humildade do nosso coração agradecemos a bondade do Senhor, devemos empenhar-nos com toda a solicitude para corresponder ao escopo que nos propusemos ao entrar para a Congregação e manter a exata observância das Regras por parte de todos que as professaram.

Entre os artigos há o que se refere ao relacionamento e à confiança que deve existir entre superiores e inferiores. Cada qual, diz o cap. 5º art. 6º, tenha grande confiança no seu superior e não lhe esconda nenhum segredo do próprio coração.

Este artigo é da máxima importância e já se observou como o entretimento do superior com os seus subalternos resulta sempre de grande utilidade, pois, dessa maneira, os irmãos podem expor com toda liberdade suas necessidades e pedir conselhos, enquanto o superior estará em condições de conhecer a situação dos seus irmãos, providenciar às suas necessidades e tomar as decisões que concorrem para facilitar a observância das Regras e o bem de toda a Sociedade.

Parece-me que isso quer significar o que o Espírito Santo diz: *Vae soli, quia cum ceciderit non habet sublevantem se* (Ecl 4, 10). Ai de quem estiver sozinho porque ele não tem quem o ajude a levantar-se da queda. Em seguida acrescenta: Para quem vive em sociedade, se um cai ou está em perigo de cair, sente-se apoiado pelo outro e de certo modo sua queda é amparada. *Si unus ceciderit, ab altero fulcietur (ibid.)*. Dessa maneira, diz Santo Tomás, o religioso obtém o seu escopo, ele é avisado nos perigos, é ajudado a se levantar em caso de queda: *Iuvatur a sociis ad resurgendum*.

A fim de se obter maior vantagem por parte da nossa Sociedade pensou-se em tomar algumas deliberações que se podem dizer consequências práticas do artigo acima mencionado:

1º Todo mês haverá duas conferências, uma a respeito da leitura e explicação das Regras da Congregação, a outra, de assunto moral, mas de modo prático e adaptado às pessoas a quem se fala.

2º Todo sócio, uma vez por mês, se apresentará ao diretor da casa a que pertence e lhe exporá o que considerar útil para o bem da sua alma, e se tiver alguma dúvida quanto à observância das Regras, a manifestará, pedindo os conselhos que lhe parecerem mais oportunos para seu proveito espiritual e material. De sua parte, o diretor, com atenciosa caridade, a seu tempo, ouvirá tudo; aliás, procurará interrogar separadamente cada sócio quanto à saúde corporal, aos ofícios que desempenha, à observância religiosa, aos estudos e aos trabalhos a que deve atender. Finalmente, procurará encorajá-lo, ajudá-lo com sua ação e seus conselhos a fim de que possa gozar de paz do coração e de tranquilidade de consciência, que deve ser o escopo principal de todos que fazem parte desta Pia Sociedade.

3º Em via ordinária, o diretor de cada casa particular, uma vez por mês, prestará contas exatas ao Reitor-Mor a respeito da situação moral e sanitária dos irmãos, e fará um aceno sobre o andamento material da casa a ele confiada. Faz-se uma pequena exceção para a casa-mãe.

Os que compõem o Capítulo e os sacerdotes que o pedirem podem apresentar-se ao Reitor-Mor a fim de expor-lhe quanto julgarem conveniente.

Prestar contas de si mesmo ao próprio superior é prática geral de todas as casas religiosas, e há nisso grande vantagem, de tal modo que eu espero que daí resulte um grande bem também entre nós, particularmente para conseguir a tão necessária paz de coração e a tranquilidade de consciência.

Seria preciso dizer muitas coisas a respeito disso. O que será feito mediante outras cartas, conferências apropriadas e especialmente nos próximos exercícios espirituais em Trofarello, se Deus na sua grande misericórdia nos conservar, como espero, e nos ajudar a reunirmo-nos todos juntos no próximo mês de setembro.

Ânimo, meus caros filhos. Nós temos uma grande empresa em nossas mãos. Muitas almas esperam de nós a salvação; entre essas almas, a primeira deve ser a nossa; em seguida a dos nossos sócios e a de qualquer fiel cristão a quem pudermos proporcionar alguma utilidade. Deus está conosco, esforcemo-nos por corresponder aos favores celestes que nos concedeu e que esperamos queira nos conceder para o futuro em ainda maior abundância.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco e nos conceda o espírito de fervor e o precioso dom da perseverança na Sociedade.
Amen.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

P.S. Esta carta será lida aos sócios reunidos, com as observações que o diretor considerar oportunas.

231. Austeridade de vida

Edição crítica em E(m) IV, pp. 113-115.

[Turim], 4 de junho de 1873

Aos amados filhos de São Francisco de Sales que residem em...

Filhos muito amados, a experiência é uma grande mestra. Se dela se aprende o que pode ser de vantagem comum ou particular das famílias, certamente será ainda de maior utilidade nas famílias religiosas, nas quais não se deve objetivar senão conhecer o bem para praticá-lo e o mal para fugir dele.

Por isso, julgo oportuno expor-vos algumas coisas que observei na visita há pouco feita às nossas casas e isto para utilidade dos sócios em particular e em geral de toda a nossa Congregação. Algumas delas se referem ao interesse material, outras à moral e à disciplina. Isto será o assunto de três cartas distintas.

O andamento material das nossas casas neste momento deve ser objeto das nossas solitudes, pois a aquisição, a construção, a readaptação e o mobiliário de nossas casas foram causa de pesadas despesas: além disso, o aumento de todos os gêneros alimentícios faz com que as saídas mensais sejam muito superiores às entradas. Por isso, devemos pensar seriamente em economizar e estudarmos juntos coisas práticas por meio das quais possamos conseguir alguma economia.

Indicarei brevemente:

1º Que neste ano só se inicie uma construção se for estritamente necessária. Façam-se somente as readaptações que se consideram indispensáveis. Nesse caso, observe-se o que se considera imprescindível, com o cálculo aproximativo das despesas, e se envie o projeto preventivamente ao Capítulo Superior.

2º Só se façam viagens por causa das nossas necessidades e na medida do possível evitem-se compromissos, encargos e incumbências pelas quais deveríamos assumir despesas ou perda de tempo. Quem estiver em condições de enfrentar essas despesas por si ou por meio de outros, saiba aproveitar prudentemente da oportunidade.

3º Chame-se a atenção para a observância dos artigos 2, 3, 4, 5, 6, do capítulo IV das nossas Regras, e sejam explicados de forma prática pelos diretores; se for preciso, fale-se em particular ou se comunique a situação aos

superiores. Estes artigos são a base da vida religiosa e por sua natureza levam ao desapego das coisas terrenas, das pessoas e de si mesmo; e fazem com que as solitudes comuns se voltem para o cumprimento dos próprios deveres, para maior vantagem da Congregação.

4° Limite-se ao indispensável a compra de livros, roupa de cama, calçados, móveis e objetos de uso; na medida em que o decoro permitir, façam-se restaurar as coisas que já temos.

5° Também na alimentação se pode fazer alguma economia; cuidar do que se pode conservar: comprar por atacado, usar de moderação nos gêneros mais caros, como carne e vinho; a regularidade e a qualidade dos condimentos; cuidar para que não se desperdice pão, comida em geral, vinho, lenha; fazer convites somente em caso de estrita conveniência, e nesses convites nunca esquecer que vivemos da Providência, não temos nenhuma renda e o espírito de pobreza deve informar tudo o que é nosso. Todos estes são pontos a levar em consideração.

6° Enviar correspondência de uma casa para outra para nos ajudar nas compras e no fornecimento dos gêneros que nos diversos lugares podem ter melhores preços.

Recomendar que se economize sempre que possível; mas é minha intenção que nada se omita do que pode contribuir para a conservação da saúde corporal ou para a conservação da moralidade, tanto entre os queridos filhos da Congregação, quanto entre os alunos que a divina Providência confia aos nossos cuidados.

Outros pontos de menor relevo, espero poder escrever-vos em breve.

Entretanto, o diretor leia e explique o que aqui foi exposto; converse com o prefeito da casa; e depois de alguma semana, refira o que foi feito e o que se pensa fazer para alcançar o escopo.

Finalmente, em geral eu estou bastante contente pela moralidade, saúde e aproveitamento científico que se vai difundindo em nossas casas; e disto demos graças a Deus criador e doador de todos os bens, ao qual seja honra e glória por todos os séculos. *Amen.*

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco e, do céu, Deus abençoe e sustente todas as nossas obras.

Rezai por mim, que com afeto paterno, sou para vós, nos sagrados corações de Jesus e de Maria

Afeçoadíssimo irmão e amigo

Sac. João Bosco

232. Dar bom exemplo e promover a moralidade

Edição crítica em E(m) IV, pp. 177-180.

Roma, 4 de fevereiro de 1874

Aos meus filhos salesianos da casa de Turim,

Enquanto trato dos assuntos da nossa Congregação nesta cidade eterna, consagrada pelo sangue dos dois príncipes dos apóstolos Pedro e Paulo; depois de ter rezado na santa missa e invocar as luzes do Espírito Santo; tendo pedido uma bênção especial ao supremo hierarca da Igreja, vos escrevo sobre um dos assuntos mais importantes: sobre a maneira de promover e conservar a moralidade entre os jovens que a divina Providência se compraz em nos confiar.

A fim de não tratar dessa matéria brevemente demais, creio conveniente dividi-la em duas partes:

1º necessidade da moralidade nos sócios salesianos;

2º meios para difundir-la e conservá-la nos nossos alunos.

Pode-se estabelecer como princípio invariável que a moralidade dos alunos depende de quem os ensina, assiste e dirige. Quem não tem, não pode dar, diz o provérbio. Um saco vazio não pode fornecer trigo, nem uma jarra cheia de vinagre pode derramar vinho bom.

Por isso, antes de propor-nos como mestres aos outros é indispensável que possuamos o que queremos ensinar aos demais. São claras as palavras do Divino Mestre: Vós, diz ele, sois a luz do mundo; esta luz, ou seja, o bom exemplo, deve resplandecer perante todos os homens para que, vendo as vossas boas obras, de certo modo se sintam atraídos também eles a vos seguir e assim glorificar o Pai comum que está nos céus.

São Jerônimo diz que seria mau médico quem quisesse curar os outros e não fosse capaz de curar a si mesmo. Certamente lhe responderiam com as palavras do Evangelho: *Medice, cura te ipsum* [Lc 4,23].

Se, portanto, nós queremos promover a moralidade e a virtude nos nossos alunos, devemos possuí-la nós primeiro, praticá-la nós e fazer com que ela brilhe nas nossas obras, nas nossas conversas, e que nunca pretendamos que os nossos dependentes pratiquem um ato de virtude que por nós foi descuidado.

De fato, como podemos pretender que os nossos jovens sejam exemplos e religiosos, se em nós notam negligência nas coisas de igreja, ao levantar,

na meditação, em aproximar-nos da confissão, da comunhão ou ao celebrar a santa missa? Como podem pretender obediência o diretor, o professor, o assistente que, por motivos frívolos, se eximem das próprias obrigações e, em geral sem licença, saem de casa e se ocupam com coisas que nada têm a ver com os próprios deveres?

Como conseguir que os outros tenham caridade, paciência, respeito, se quem manda se enfurece com todos, usa de violência, censura as disposições dos superiores, crítica os horários e até mesmo o tratamento à mesa e quem o prepara? Todos nós certamente estaremos de acordo em dizer: *Medice, cura te ipsum*.

Não faz muito tempo que um jovem repreendido porque lia um livro mau, respondeu com toda simplicidade: eu não pensava que estava fazendo mal ao ler um livro que várias vezes vi ser lido pelo meu professor. Outra vez perguntou-se a outro por que tinha escrito uma carta na qual criticava o andamento da casa: ele respondeu que só tinha escrito as palavras ouvidas diversas vezes da boca do seu assistente.

Portanto, meus caros filhos, se quisermos promover os bons costumes nas nossas casas, devemos ser mestres mediante o nosso bom exemplo. Propor aos outros uma coisa boa enquanto nós fazemos o contrário é como alguém que, na escuridão da noite, quisesse iluminar com uma luz apagada; ou então quisesse trazer vinho num recipiente vazio.

Aliás, parece-me que uma pessoa assim pode ser comparada a quem procura temperar a comida com substâncias venenosas; pois, dessa maneira, não somente não se promovem os bons costumes, mas se dá ocasião de escândalo. E então nós nos tornamos sal insosso, sal estragado que não serve para mais nada a não ser para ser jogado no lixo: *Vos estis sal terrae*, nos diz Cristo, *quod si sal evanuerit in quo salietur? Ad nihilum valet ultra nisi ut mittatur foras et conculcetur ab hominibus* [Mt 5,13].

O povo com frequência lamenta fatos imorais que aconteceram para a ruína dos costumes e com escândalos horríveis. É um grande mal, é um desastre; eu peço ao Senhor que faça de tal modo que as nossas casas sejam todas fechadas, antes que nelas aconteçam semelhantes desgraças.

Por outro lado, não vos quero esconder que vivemos em tempos calamitosos. O mundo atual é como o descreve o Salvador: *mundus in maligno positus est totus* [1Jo 5,19]. Ele quer ver tudo, julgar tudo. Além dos juízos perversos que ele faz a respeito das coisas de Deus, muitas vezes aumenta os fatos, e mais frequentemente ainda os inventa para prejudicar os outros. E se porventura consegue apoiar o próprio juízo em fatos reais, imaginai quanto barulho, quanto estardalhaço!

Todavia, se com ânimo imparcial procurarmos a razão desses males, em geral descobriremos que o sal se tornou insosso, que a luz foi apagada; isto é, que o abandono do esforço de santidade em quem manda ocasionou os desastres ocorridos nos seus dependentes.

Oh castidade, castidade, tu és uma grande virtude! Enquanto tu resplandeceres entre nós, isto é, até que os filhos de São Francisco de Sales brilharem por praticar o recolhimento, a modéstia, a temperança e tudo o que com voto prometemos a Deus, entre nós sempre ocupará um lugar glorioso a moralidade e a santidade dos costumes como facho ardente que resplandecerá em todas as casas que dependem de nós.

Se Deus me der vida, espero dentro de não muito tempo escrever-vos de novo a respeito de alguns meios que me parecem ajudar eficazmente a promover e conservar os bons costumes entre nossos alunos.

Entretanto, para obter algum fruto a respeito do que vos escreve este amigo das vossas almas, peço-vos quanto segue:

1º Que se façam três conferências distintas ou melhor três exames práticos nos quais se leia e explique o que se deve praticar e o que se deve evitar a respeito do voto de pobreza. Em seguida, cada um aplique a si mesmo o teor de vida descrito nesses três capítulos e decida firmemente corrigir o que encontrar de defeituoso nas próprias palavras, no próprio comportamento, na pobreza, na castidade e na obediência.

2º Leia-se também o capítulo que trata das práticas de piedade e depois, de joelhos, aos pés de Jesus crucificado, decidamos, eu daqui o farei com o pensamento junto convosco, querer cumpri-las exemplarmente mesmo ao custo de qualquer sacrifício.

Meus caros filhos, nós nos encontramos no momento mais importante da nossa Congregação. Ajudai-me com a vossa oração, ajudai-me com a exata observância das Regras, e Deus fará de tal modo que os nossos esforços sejam coroados de bom êxito e resultem em maior glória de Deus, de utilidade para as nossas almas e as dos nossos alunos, que serão sempre mais a glória da Sociedade Salesiana.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco e nos conserve constantemente no caminho do céu. *Amen.*

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

233. A memória dos irmãos falecidos

Edição crítica E(m) IV, pp. 381-382.

[Turim, janeiro de 1875]

Aos irmãos salesianos,

Filhos muito amados, o ano de 1874 foi para nós sumamente memorável. Sua Santidade reinante Pio IX, depois de nos conceder grandes favores, em data de 3 de abril dignou-se aprovar definitivamente a nossa humilde Congregação. Enquanto este glorioso acontecimento nos enchia de verdadeira alegria, logo foi amargurado por uma série de acontecimentos. De fato, no dia 13 do mesmo mês, Deus chamou a si o padre Provera, em seguida o padre Pestarino, depois o clérigo Ghione e o padre José Cagliero, e isso no espaço de somente quatro meses.

Nesses nossos queridos coirmãos nós perdemos quatro operários evangélicos, todos professos perpétuos, todos afeiçoadíssimos à Congregação Salesiana, observantes fiéis das nossas Constituições, verdadeiramente zelosos em trabalhar para a maior glória de Deus.

Portanto, não é para admirar que estas perdas sejam amargamente sentidas na nossa Sociedade. Mas Deus, que é bondade infinita e que conhece as coisas que podem servir para um bem maior, considerou-os dignos dele. De fato, deles se pode dizer que viveram pouco, mas fizeram muito, como se tivessem vivido um tempo muito longo: *Brevi vivens tempore, explevit tempora multa* [Sb 4,13]. E nós temos motivos bem sólidos para crer que estes nossos irmãos, deixando de trabalhar conosco na terra, se tornaram nossos protetores junto a Deus no céu.

Sendo assim, parece conveniente dizer uma breve palavra a respeito da vida de cada um, a fim de que a sua memória seja conservada entre nós.

O que fazemos por eles, com a ajuda do Senhor esperamos que se fará também pelos coirmãos já chamados à vida eterna no passado e por aqueles que Deus chamar a si no futuro. Faremos isso por três motivos particulares:

1º Porque assim costumam fazer as outras ordens religiosas e as outras congregações eclesíásticas.

2º A fim de que os que viveram entre nós e praticaram exemplarmente as mesmas Regras, sirvam de incitamento para fazer de nós seus seguidores em promover o bem e em fugir do mal.

3º A fim de que, conservando os seus nomes e lembrando suas ações principais, nos lembremos mais facilmente de elevar a Deus orações pelo descanso eterno de suas almas, caso já não tiverem sido acolhidas no seio da misericórdia divina.

Nós certamente não devemos servir ao Senhor para que a memória das nossas ações seja conservada pelos homens, mas para que os nossos nomes, como diz o Salvador, sejam escritos no livro da vida. Não obstante, isso nos deve lembrar que, assim como as nossas ações más podem ser de escândalo para os outros mesmo depois da nossa morte, assim as boas obras poderão servir de edificação.

Portanto, enquanto lermos a breve relação a respeito destes nossos irmãos, não cessemos de elevar a Deus orações especiais por eles e por todos os irmãos que, desde o princípio da Congregação, foram chamados para a outra vida.

Ao longo deste ano (1875) devemos demonstrar a nossa indelével gratidão elevando incessantes súplicas à divina majestade pelas necessidades da Santa Igreja, especialmente pela conservação dos dias preciosos do sumo pontífice, nosso insigne benfeitor, por parte de quem fomos muitas vezes brindados com benefícios espirituais e temporais. Ele se dignou conceder-nos a aprovação definitiva das nossas Constituições para que sejamos exatos em observá-las; procuremos mostrar-nos dignos servindo-nos delas para maior glória de Deus e o bem das almas.

Deus vos abençoe a todos, meus caros filhos, e rezai também por mim, que serei sempre para vós em Jesus Cristo afeiçoadíssimo

Sac. João Bosco

234. Meios para cultivar as vocações e conservar o espírito de piedade

Edição crítica em E(m) V, pp. 41-44.

Turim, 12 de janeiro de 1876

Meus caríssimos filhos em Jesus Cristo,

Terminada a visita das nossas casas, sinto a necessidade de entreter-me um pouco convosco, caríssimos filhos, a respeito do que pode contribuir para a maior glória de Deus e para utilidade da nossa Congregação.

Antes de tudo, alegro-me em poder assegurar-vos que fiquei bastante satisfeito com o procedimento material e moral, seja no que tange à administração interna, seja no que se refere ao relacionamento social. Trabalha-se, observam-se as Constituições da Sociedade, mantém-se a disciplina, frequentam-se os santos sacramentos, promove-se o espírito de piedade e cultivam-se as vocações nos que, porventura, dão sinais de ser chamados ao estado eclesiástico. Por tudo sejam dadas graças ao Senhor, a cuja bondade e misericórdia é devido o pouco de bem que se vai fazendo entre nós.

Tenho também a consolação de dizer-vos como a nossa Sociedade vai se incrementando sempre mais a cada dia. No ano que terminou há pouco abriram-se diversas novas casas; outras serão abertas neste ano de 1876. O pessoal cresce em número e aptidão; apenas alguém se tornou idôneo para desempenhar algum cargo, a divina Providência imediatamente oferece a oportunidade de colocá-lo a trabalhar.

E que dizer dos pedidos que se fazem de abrir casas em tantas partes? Em muitas cidades da Itália, da França, da Inglaterra, na América do Norte, do Centro, do Sul e particularmente no grande Império do Brasil e na República Argentina; na Argélia, no Leste da África, no Egito, na Palestina, nas Índias, no Japão, na China, na Austrália, há milhões e milhões de criaturas racionais que, ainda sepultadas nas trevas do erro, das margens do abismo da perdição levantam suas vozes dizendo: “Senhor, mandai-nos operários evangélicos que venham trazer a luz da verdade e nos apontem o único caminho que pode conduzir à salvação”. Vários nossos irmãos, como bem sabeis, já atenderam a estas vozes comoventes e partiram para a República Argentina, donde foram ao encontro das tribos selvagens da Patagônia; em todas as cartas escritas durante a sua viagem e desde os lugares de sua missão fazem ressoar continuamente a mesma voz: “Mandai, mandai operários”. Entre tantas coisas, obser-

vam como a arquidiocese do Rio de Janeiro tem dois milhões de habitantes com pouquíssimos sacerdotes e com apenas cinco clérigos no seminário.

Oh, meus caros, eu sinto profunda dor ao refletir na copiosíssima messe que em cada momento e em toda parte se nos apresenta, e que somos forçados a deixar sem cultivar por falta de operários. Nós, porém, não desanimemos, e por ora nos aplicaremos seriamente ao trabalho, por meio da oração e da virtude, a preparar uma nova milícia para Jesus Cristo, que buscaremos conseguir particularmente pelo cultivo das vocações religiosas; se for necessário, a seu tempo, ofereceremos também nós os sacrifícios que Deus se dignar nos pedir para a nossa salvação e a dos outros. Entretanto, desejando referir-me a coisas que podem ajudar a cultivar vocações religiosas e que são eficazes para conservar o espírito de piedade entre os salesianos e os jovens a nós confiados, eu desejo recomendar-vos algumas coisas que a experiência me fez compreender como sumamente necessárias.

1º Em cada casa e especialmente no Oratório de São Francisco de Sales, cada um ponha a máxima solicitude em promover as pequenas associações, como o Pequeno Clero, a Companhia do Santíssimo Sacramento, de São Luís, de Maria Auxiliadora e da Imaculada Conceição. Ninguém receie falar delas, recomendá-las, favorecê-las, expor sua finalidade, a origem, as indulgências e outras vantagens que com elas é possível obter. Eu creio que essas associações podem ser chamadas a chave da piedade, o conservatório da moral, o apoio das vocações eclesíásticas e religiosas.

2º Tende grande cuidado com os relacionamentos, as amizades, as conversas, em geral ou em particular, por escrito, oralmente ou por meio de livros ou de presentes de qualquer tipo. Assim, apertos de mão, carícias no rosto, beijos, caminhar de braço dado ou passear com os braços um sobre os ombros do outro, são coisas rigorosamente proibidas, não digo somente entre vós e entre vós e os jovens, mas também entre os próprios meninos. Tenhamos firmemente fixas em nossa mente as palavras de São Jerônimo: “Afeição por ninguém ou então afeição igual para todos”.

3º Fuga do mundo e de seu modo de pensar. As relações com aquele mundo que nós abandonamos e que quereria levar-nos de volta para ele são fontes de desgostos e de desordens. Muitos, até que viveram numa casa religiosa, pareciam modelos de virtude; indo para outros lugares, junto aos parentes ou aos amigos, em pouco tempo perderam a boa vontade e, voltando para a casa religiosa, não conseguiram mais se recuperar, e alguns chegaram a ponto de perder de fato a vocação. Portanto, nunca ir em família a não ser por motivos graves; e existindo esses grandes motivos, nunca ir sem a devida licença e, na medida do possível, acompanhados por algum irmão escolhido

pelo superior. Assumir compromissos, tratar de negócios, comprar ou vender em nome de outros, são todas atitudes que se devem evitar constantemente porque são ruinosas para as vocações e para a moralidade.

4º À noite, após as orações, cada um vá imediatamente repousar. Ficar passeando, conversando ou terminando algum trabalho, são coisas prejudiciais à saúde espiritual e também corporal. Sei que em certos lugares, graças a Deus não nas nossas casas, foram motivos para deplorar dolorosas desordens e, buscada a origem, observou-se que nasceram de conversas iniciadas e continuadas nas horas a que nos referimos.

A pontualidade em ir para a cama liga-se à prontidão em levantar-se de manhã que, com igual insistência, pretendo inculcar. Acreditai, meus caros, a experiência fatalmente fez conhecer que atrasar a hora do descanso de manhã sem necessidade foi sempre considerada muito perigosa. Pelo contrário, a prontidão em levantar-se, além de ser o princípio de um dia bom, pode ser também um bom exemplo para todos. A este propósito não posso omitir uma calorosa recomendação aos superiores para que se esforcem a fim de que todos, particularmente no caso dos coadjutores e do pessoal de serviço, tenham tempo de participar cada manhã da santa missa, comodidade de receber com frequência a santa comunhão e aproximar-se com regularidade do sacramento da penitência, segundo as nossas Constituições.

Esta carta, que eu dirijo a todos em geral, gostaria que fosse considerada como escrita a cada um em particular, que cada palavra fosse dita, repetida mil vezes ao ouvido de cada um, para que jamais fosse esquecida.

Mas eu espero que, pelo amor que tendes por mim, pelo empenho que atualmente mostrais nos vossos deveres, particularmente em pôr em prática os conselhos do vosso pai e amigo espiritual, me dareis a grande consolação de ser, não somente fiéis a estas recomendações, mas mais ainda as interpretareis no sentido que melhor poderão contribuir para a maior glória de Deus e da nossa Congregação.

Assim persuadido, rezo a Deus que vos abençoe a todos e vos conceda saúde estável e o precioso dom da perseverança no bem. Finalmente, rezai também por mim que sou sempre para vós em Jesus Cristo Senhor

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

235. Estreia para os irmãos e os jovens

Edição em E IV, p. 195.

Turim, 28 de dezembro de 1882

Caríssimo diretor da casa de...

Estamos no fim do ano e no início do ano novo.

Recomendo-te agradecer cordialmente todos que nestes dias me enviaram mensagens e que rezaram por mim.

Da minha parte, imploro de Deus para todos saúde e graça de uma vida feliz.

E a minha estreia é esta:

1° Para o diretor: caridade e doçura com todos.

2° Para os irmãos da Congregação: exata observância dos votos com que nos consagramos ao Senhor.

3° Para todos os jovens: confissão frequente e comunhão devota.

4° A todos dirás que recomendo queiram me dizer, conjunta e separadamente, o que pretendem fazer para me ajudar a salvar a sua alma, que foi e sempre será o objeto de minha solicitude até o fim da minha vida.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco.

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

236. Pusemos mão ao arado: fiquemos firmes

Edição impressa em *Lettere circolari di DB*, pp. 20-22²⁵.

Turim, 6 de janeiro de 1884

Meus queridos e amados filhos,

Experimento grande consolação toda vez que me é dado ouvir palavras de deferência e afeto que vós, meus queridos filhos, me dirigis. Mas os afetuosos sentimentos que por meio de cartas ou pessoalmente me manifestastes desejando boas-festas e bom ano-novo requerem com razão que vos faça um especial agradecimento, como resposta à vossa demonstração de afeto filial.

Digo-vos, pois, que estou muito contente convosco, pela dedicação com que enfrentais toda a espécie de trabalho, assumindo mesmo grandes fadigas a fim de promover a maior glória de Deus nas nossas casas e entre os meninos que a divina Providência nos vai dia a dia confiando, para que os guiemos pelo caminho da virtude, da honra, pelo caminho do céu.

Mas vós, de tantas maneiras e com expressões tão diversas, me haveis agradecido o que fiz por vós, vos oferecestes para trabalhar corajosamente comigo e comigo partilhar as fadigas, a honra e a glória na terra para conseguir o grande prêmio que Deus preparou para todos nós no céu; dissestes também que não desejas outra coisa senão conhecer o que eu acho bom para vós, e que haveríeis de ouvir e pôr em prática com toda a fidelidade. Aceito com prazer essas preciosas palavras, às quais como pai respondo simplesmente que vos agradeço de todo o coração e que *me haveis de fazer a coisa mais grata do mundo se me ajudardes a salvar a vossa alma*²⁶.

Bem sabeis, amados filhos, que vos aceitei na Congregação, empreguei constantemente todos os cuidados possíveis para o vosso bem, para assegurar-vos a salvação eterna; por isso se me ajudardes nesta grande empresa, fareis quanto o meu coração paterno pode esperar de vós. Podeis facilmente adivinhar as coisas especiais que deveis praticar a fim de ter bom êxito neste grande projeto. Observar as nossas Regras, as Regras que a Santa Madre Igreja dignou-se aprovar para nossa guia e para o bem da nossa alma e para vantagem espiritual e temporal dos nossos queridos alunos. Estas Regras, nós as lemos, estudamos e constituem agora o objeto das nossas promessas e dos votos com que nos consagramos ao Senhor. Portanto recomendo com todo o meu coração que ninguém deixe escapar palavras de desgosto, pior ainda de arre-

²⁵ A mesma carta, com as adaptações para o caso, foi enviada às Filhas de Maria Auxiliadora, cf. *Cronistoria*. Por Giselda Capetti. Vol. IV. *L'eredità di madre Mazzarello passa nelle mani di madre Daghero (1881-1884)*. Roma, Istituto FMA 1978, pp. 281-284.

²⁶ Os textos sublinhados são de Dom Bosco.

pendimento por se haver consagrado ao Senhor. Seria isso um ato de negra ingratidão. Tudo o que temos, tanto na ordem espiritual como na temporal, pertence a Deus; por isso, quando na profissão religiosa nos consagramos a ele, não fazemos senão oferecer a Deus o que ele próprio, por assim dizer, nos emprestou, mas que é coisa de sua absoluta propriedade.

Nós, portanto, afastando-nos da observância dos nossos votos, fazemos um furto ao Senhor, ao passo que diante dos seus olhos retomamos, pisamos, profanamos o que lhe havemos oferecido e depositado nas suas santas mãos.

Alguém poderia dizer: mas a observância das nossas Regras custa fadiga. A observância das Regras custa fadiga para quem as observa de má vontade, para quem as descuida. Mas nos que se mostram diligentes, em quem ama o bem da alma, essa observância se torna, como diz o Divino Salvador, um jugo suave, e um peso leve: *Jugum meum suave est et ónus meum leve*. [Mt 11,30].

Meus caros, queremos talvez ir de carruagem para o céu? Nós nos fizemos religiosos não para gozar, mas para sofrer e conquistar méritos para a outra vida; consagramo-nos a Deus não para mandar, mas para obedecer; não para apegar-nos às criaturas, mas para praticar a caridade para com o próximo, por amor de Deus; não para levar uma vida confortável, mas para ser pobres com Jesus Cristo, sofrer com Jesus Cristo na terra para que sejamos dignos da sua glória no céu.

Coragem, pois, filhos queridos e amados, pusemos mão ao arado, estejamos firmes, ninguém de nós se volte para trás para olhar o mundo falaz e traidor. Vamos para a frente. Custar-nos-á fadiga, dificuldades, fome, sede e quiçá a morte; nós responderemos sempre que, se nos deleita a grandeza dos prêmios, não nos devem absolutamente desanimar as fadigas que devemos suportar para merecê-los. *Si delectat magnitudo praemiorum, non deterreat certamen laborum*.

Julgo interessante manifestar ainda uma coisa. De todas as partes os nossos coirmãos me escrevem, e eu seria bem feliz se pudesse responder a cada um. Como isso não me é possível, procurarei enviar-vos cartas com maior frequência; cartas que, enquanto me oferecem a oportunidade de abrir-vos o meu coração, poderão também servir de resposta, antes, de guia aos que por motivos santos vivem em países distantes e por isso não podem ouvir pessoalmente a voz do pai que tanto os ama em Jesus Cristo.

A graça do Senhor e a proteção da santa Virgem Maria estejam sempre conosco e nos ajudem a perseverar no divino serviço até os últimos momentos da vida. Assim seja.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco.

237. Atitudes e virtudes da Filha de Maria Auxiliadora

Edição em *Cronistoria*. Por Giselda Capetti. Vol. V. *Ultimi anni sotto lo sguardo del Fondatore (1885-1888)*. Roma, Istituto FMA 1978, pp. 91-94.

Turim, 24 de maio de 1886

Caríssimas filhas em Jesus Cristo,

Hoje, que em Turim celebramos a soleníssima festa de Maria Auxiliadora com extraordinária presença de pessoas provenientes de todas as partes, quais filhos e filhas junto à terníssima mãe, é consolador para mim dirigir um pensamento também a vós e ao Instituto que traz o seu nome. Sim, recordei-me especialmente nesta manhã na santa missa das Irmãs de Maria Auxiliadora e rezei por elas.

Entre tantas coisas pedi a graça de que vos conserveis sempre fiéis à vossa santa vocação, que sejais religiosas amantes da perfeição e da santidade; que com a prática das virtudes cristãs e religiosas, com uma vida edificante e exemplar, honreis a Jesus Cristo vosso esposo celeste e honreis a Maria vossa mãe amorosíssima. Espero que também vós tenhais rezado por mim e que Maria Auxiliadora ouvirá as nossas orações e nos obterá do Senhor a graça de todos vivermos no santo temor de Deus e de salvar a nossa alma e a de muitos outros.

Entretanto vos anuncio que neste ano termina o sexênio desde a eleição dos membros do Capítulo Superior do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e, por isso, conforme o título VII das Constituições, deveis efetuar uma nova eleição.

Se Deus quiser, a faremos na segunda metade de agosto, num dia da oitava da Assunção de Nossa Senhora. Com este escopo convido todas as diretoras para que, podendo, antes do dia 15 do mês indicado, estejam na casa-mãe de Nizza Monferrato, na qual provavelmente acontecerá a eleição.

Como da eleição de um bom Capítulo e particularmente de uma sábia superiora-geral depende em grande parte o bem de todo o Instituto e a glória de Deus, assim as irmãs eleitoras precisam ser iluminadas de modo particular para escolher e dar o voto nas que são consideradas mais indicadas para o ofício.

É necessário, portanto, que o Senhor as ilumine e dirija a cumprir bem este dever segundo a sua divina vontade e disso resulte um grande bem.

Por isso, recomendo que, a partir do dia em que for recebida esta carta, cada diretora faça recitar ou cantar em comum, pela manhã, o hino *Veni Creator* e a noite a *Ave Maris Stella* até o momento da eleição.

Além disso, exorto cada irmã a pessoalmente acrescentar orações especiais, de modo particular depois da santa comunhão e a fazer algum ato de virtude ou de mortificação para obter para as diretoras as luzes convenientes que lhes são necessárias.

Às eleitoras, além da oração, será útil também refletir sobre as necessidades que atualmente o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora tem. Do que me parece no Senhor, ele precisa de irmãs cheias do espírito de mortificação e de sacrifício, de tal modo que gostem muito de trabalhar e sofrer por Jesus Cristo e pela salvação do próximo. Precisa de irmãs que estejam bem persuadidas de que a obediência exata, sem observações ou lamentações, é o caminho pelo qual devem caminhar com coragem para alcançar quanto antes a perfeição e a santidade. Precisa de irmãs que saibam dominar os próprios defeitos e ter seu coração voltado somente para Deus, de tal modo que possam dizer como São Francisco de Sales: “Se eu soubesse que uma fibra do meu coração não é para Deus, eu a arrancaria”. De irmãs, que não fiquem se lamentando de ter deixado o mundo, nem os bens, nem as comodidades a que renunciaram; de irmãs que consideram ser glória para elas viver no estado de pobreza e de privação, como o seu divino esposo Jesus, o qual, sendo rico, se fez pobre para enriquecer as almas com suas graças e para torná-las herdeiras do paraíso; de irmãs que não tenham outra ambição senão a de na terra seguir Jesus Cristo humilhado, coroado de espinhos e pregado na cruz, para depois estar com ele no paraíso, exaltado, revestido de glória, entre os esplendores dos anjos e dos santos.

Precisa de irmãs de boa constituição física, de boa índole, de espírito honestamente alegre, desejosas sobretudo de se tornarem santas, não por meio de ações extraordinárias, mas pelo caminho das obras comuns, a fim de que sejam para o próximo e particularmente para as meninas de estímulo e convite para as virtudes cristãs. Finalmente, precisa de irmãs que sejam ou pelo menos possam tornar-se hábeis instrumentos da glória de Deus, desempenhando aqueles ofícios e aquelas ocupações que são próprias do Instituto.

Para ter irmãs assim é muito importante, antes de tudo, que estejam à frente do Instituto superiores que tenham critérios convenientes para provar e discernir as vocações das jovens antes de admiti-las à vestidura e à profissão. É muito importante ter superiores que possuam a fundo e que pratiquem por primeiras as virtudes que deverão inculcar às suas súditas. É muito importante que as superiores amem todas as irmãs sem distinção, como suas irmãs, como

filhas de Maria, como esposas de Jesus Cristo; mas que a uma caridade paciente e benigna conjuguem certa firmeza de ânimo que, a seu tempo, sem violência, mas também sem receio, impeça abusos e transgressões das Constituições; firmeza de alma, todavia, prudente e discreta que, enquanto faz florescer a piedade e a observância regular, não ponha em risco a saúde das irmãs.

Cada diretora reflita, portanto, quais irmãs possuem mais ou menos estas qualidades e, a seu tempo, dê seu voto às que diante de Deus e da própria consciência parecem mais idôneas para o cargo que deverão ocupar.

Na esperança de eu ainda poder assistir ao Capítulo-Geral convocado, peço a Deus que vos conserve na sua santa graça e vos conceda amá-lo e servi-lo fielmente, como superiores ou como súditas, como sadias ou doentes, em qualquer lugar e ocupação a que a obediência vos indicar, a fim de que em qualquer dia e hora que Nosso Senhor Jesus Cristo venha chamar-vos para a eternidade, cada uma possa responder-lhe: “Eis-me pronta, ó meu Deus; vamos gozar a felicidade que na vossa infinita misericórdia vós me preparastes”.

Rezai por mim e crede-me no Senhor

Vosso afeiçoadíssimo

Sac. João Bosco.

IV. CARTAS PESSOAIS A SALESIANOS E A FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

Estas breves correspondências, redigidas de forma modesta e familiar, contêm simples conselhos de vida espiritual. Dom Bosco conhece os seus destinatários, seu caráter, seus defeitos, as condições em que trabalham. Com sentido prático os convida a se concentrarem em atitudes concretas, essenciais para alimentar o apego à vocação salesiana, a constante orientação do coração a Deus e à caridade.

O santo fundador, escrevendo aos seus salesianos, põe em relevo o primado da caridade; encoraja seu zelo pela salvação das almas e pelo bem do próximo; exorta a ter confiança no diretor e a obedecer generosamente. Em particular, acentua a importância da temperança e da sobriedade de vida, do desapego de si e das coisas; recomenda a força de ânimo nas adversidades, o suportar-se reciprocamente, a paciência e a doçura; recomenda solícita exemplaridade, observância das Regras, espírito de piedade e de união com Deus; encoraja a perseverança mesmo que seja com sacrifícios.

238. Ao clérigo João Bonetti

Edição crítica em E(m) I, pp. 591-592.

Santo Inácio (Lanzo), 20 de julho de 1863

Meu caríssimo Bonetti,

O que me escreves não deve causar-te a menor inquietação. O demônio vê que lhe queres escapar definitivamente das mãos, por isso esforça-se por enganar-te. Segue os meus conselhos, e vai para frente com tranquilidade. Entrementes poderás fazer passar a tristeza cantando esta canção de São Paulo: *Si delectat magnitudo praemiorum, non deterreat multitudo laborum. Non coronabitur nisi qui legitime certaverit* [2Tm 2,5]. *Esto bonus miles Christi et ipse coronabit te* [cf. 2Tm 2,3]. Ou então canta esta canção de S. Francisco de Assis: *Tanto è il bene che io aspetto / ch'ogni pena mi è diletto, / il dolor si fa piacere, / ogni affanno un bel godere, / ogni angoscia allegra il cuor**.

* Tradução: “É tão grande o bem que espero, que qualquer sofrimento é motivo de alegria; toda preocupação é um autêntico gozo; toda angústia alegra o coração”.

De resto, reza por mim e eu não deixarei de rezar também por ti e de fazer quanto posso para tornar-te feliz no tempo e na eternidade. *Amen.*

Teu afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

239. Ao clérigo Constâncio Rinaudo

Edição crítica em E(m) II, p. 174.

Veneza, 14 de outubro de 1865

Caríssimo Rinaudo,

Tu podes e deves estudar a maneira de inflamar de santo amor de Deus todos os irmãos da nossa Sociedade, e não pares, a não ser quando de todos for feito um só coração e uma só alma para amar e servir ao Senhor com todas as forças durante toda a nossa vida. Certamente tu darás o exemplo *verbo et opere*. Deus te abençoe e reza por mim que sou teu

Afeiçoadíssimo no Senhor

Sac. João Bosco.

240. Ao clérigo Júlio Barberis

Edição crítica em E(m) II, pp. 187-188.

Turim, 6 de dezembro de 1865

Caríssimo Júlio,

Eis a resposta que pedes:

1º No café da manhã um pão²⁷, no almoço conforme o apetite, na merenda nada, no jantar de acordo com o apetite, mas com temperança.

²⁷ [...].

2º Nenhum jejum, a não ser o da Sociedade.

3º Descansa de acordo com o horário da casa; acordando, põe-te logo a repassar alguma parte dos tratados escolares.

4º O estudo essencial é o do seminário, o restante é somente acessório; dedique-se ao primeiro toda a solícitude.

5º Faze tudo, sofre tudo para ganhar almas para o Senhor.

Deus te abençoe e reza pelo

Teu afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

241. Ao padre João Bonetti

Edição crítica em E(m) II, pp. 616-617.

Turim, 30 de dezembro de 1868

Caríssimo padre Bonetti,

Muito obrigado pelos votos de feliz ano novo. Servem maravilhosamente para romper o sossego da casa. Obrigado também ao padre Provera.

Passemos agora à estreia.

Tu e padre Provera dizei-vos sempre os defeitos sem nunca vos ofender.

Para a Sociedade [Salesiana]: poupar viagens e por quanto possível não ir à casa de parentes. O Rodríguez tem matéria estupenda sobre esse assunto.

Para os jovens: mediante as obras e as palavras, promovam a comunhão frequente e a devoção à Beatíssima Virgem.

Três assuntos para quem prega:

1º Evitar as más conversas e as más leituras.

2º Evitar os companheiros levianos ou que dão maus conselhos.

3º Fuga do ócio e prática de tudo o que pode contribuir para conservar a santa virtude da modéstia.

Tu procura ver tudo, fala com todos, o resto o fará a bondade do Senhor.
Desejo todos os bens a ti e a toda a família de Mirabello: *Amen*.
Afeioadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

P.S. O diretor da escola promova as associações para a *Biblioteca Italiana*.

242. Ao padre Domingos Belmonte

Edição crítica em E(m) III, pp. 137-138.

Trofarello, 22 de setembro 1869

Caríssimo P. Belmonte,

Alguém disse ao Salvador: *Domine, sequar te quocumque ieris, sed per-
mitte me primum ire et sepelire patrem meum. Jesus ait: Sequere me et dimitte
mortuos sepelire mortuos. (Mt 8,19). Tu vade, annuntia regnum Dei (Lc 9,60).
Alius ait: Domine, sequar te quocumque ieris, sed permitte mihi renuntiare his,
quae domi sunt. Ait ad illum Jesus: : Nemo mittens manum etc. (ibid.)²⁸*. Por
isso, escreve a carta e reza, eu farei o mesmo. Agora falemos de outra coisa.

Tu acrescentas algumas palavras que demonstram, ou melhor, me con-
firmam a filial afeição que sempre nutriste para comigo e que eu de maneira
ainda mais intensa sempre tenho tido para contigo. Sempre procurei e me es-
forcei para pôr em tuas mãos o que me parecia consentâneo com o teu caráter
e segundo a maior glória de Deus. Com este pensamento eu teria pensado em
confiar-te o ofício de prefeito [ecônomo] de Mirabello. Como vês, o passo é
gigantesco: hoje simples súbdito, amanhã superior e árbitro de um instituto
onde vivem quase 200 pessoas! Tu te sairás bem:

1º Ao procurar a glória de Deus no que farás. Fazer bem a quem pode,
mal a ninguém. Vigilância em tudo.

²⁸ Dom Bosco sugere ao padre Belmonte a maneira de responder aos parentes que fazem pressão para que volte para casa.

2º Dependência filial do diretor, procurando atender ao que ele deseja e ajudando-o em suas fadigas. Muitas coisas são superiores às tuas forças, por isso, algumas atribuições são reservadas ao diretor.

3º O dinheiro fique com o diretor, os pagamentos sejam feitos por ele ou com o seu consentimento.

4º Procura conciliar a economia da casa com o contentamento dos subalternos. O que for necessário, que seja para todos: mas intrépido em opor-te aos abusos e ao desperdício.

Eu te aconselharia outra coisa para a tua tranquilidade e é que mandes teu irmão para Turim. Isso te evitaria problemas e talvez desgostos. Quanto ao mais, abandonemo-nos nas santas mãos do Senhor; ele está conosco e diremos com são Paulo: *Omnia possum in eo qui me confortat* [Fl 4,13].

Deus abençoe a ti e às tuas canseiras. Saúda o padre Provera e todos os demais nossos irmãos, e acredita-me sempre.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco.

243. Ao clérigo Pedro Guidazio

Edição crítica em E(m) III, p. 250.

Turim, 13 de setembro de 1870

Caríssimo Guidazio,

Estarás sempre inquieto e diria infeliz enquanto não puseres em prática a obediência prometida e te abandonares inteiramente à direção dos teus superiores. Até agora o demônio te atormentou cruelmente te levando a fazer o contrário. De tua carta e das conversas que tivemos não aparece nenhum motivo para dispensar-te dos votos. Caso existissem, deveria escrever à Santa Sé, à qual são reservados. Mas *coram Domino* eu te aconselharia a considerar o *abneget semetipsum* [Mc 16,24] e lembrar que *vir oboediens loquetur victorias* [Pr 21,28].

Acredita na minha experiência. O demônio quereria enganar-me a mim e a ti; conseguiu em parte contigo; comigo falhou por completo com relação a ti. Tem plena confiança em mim como sempre tive em ti; não de palavras, mas de fatos, de vontade eficaz, de obediência humilde, pronta, ilimitada. São essas coisas que farão a tua felicidade espiritual e temporal e me proporcionarão verdadeira consolação.

Deus te abençoe e te conceda o precioso dom da perseverança no bem.
Reza por mim que te sou afetuosamente pai

Afeiçãoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

244. À irmã Madalena Martini

Edição crítica em E(m) IV, p. 499.

[Turim, 8 de agosto de 1875]

Diletíssima filha em Jesus,

A vossa ida para Mornese deu tamanha bofetada no mundo, que ele mandou o inimigo das nossas almas perturbar-vos.

Mas vós escutai a voz de Deus, que vos chama para vos salvar por um caminho fácil e plano, e desprezai toda sugestão contrária. Antes, deveis estar contente com as perturbações e inquietudes que experimentais, porque o caminho da cruz é o que vos conduz a Deus. Pelo contrário, se vos tivésseis encontrado logo alegre e contente, haveria a temer algum engano do inimigo maligno. Portanto lembrai:

1º Não se vai à glória, senão com grande fadiga;

2º Não estamos sozinhos, pois Jesus está conosco e são Paulo diz que com a ajuda de Jesus nos tornamos todo-poderosos;

3º Quem abandona pátria, parentes e amigos e segue o Divino Mestre, tem assegurado um tesouro no céu, que ninguém lhe poderá roubar;

4º O grande prêmio preparado no céu deve animar-nos a tolerar qualquer pena na terra.

Coragem, pois; Jesus está conosco. Quando tiverdes espinhos, colocai-os junto aos da coroa de Jesus Cristo.

Eu vos recomendo a Deus na santa missa; rezai também por mim, que sou sempre em Jesus Cristo

Vosso humilíssimo servo

Sac. João Bosco.

245. Ao padre Domingos Tomatis

Edição crítica em E(m) V, pp. 84-85.

Alassio, 7 de março de 1876

Meu caro padre Tomatis,

Tive notícias tuas e experimentei grande satisfação por haveres feito boa viagem e teres boa vontade de trabalhar. Continua. Uma carta que escreveste para Varazze mostrou que não andas às boas com algum coirmão teu. Isso causou má impressão, especialmente por haver sido lida em público.

Escuta-me, caro P. Tomatis: um missionário deve estar pronto a dar a vida pela maior glória de Deus; e então não deve ser capaz de suportar um pouco de antipatia por um colega, ainda que tivesse grandes defeitos? Ouve, pois, o que diz São Paulo: *Alter alterius onera portate, et sic adimplebitis legem Christi* [Gl 6,2]. *Charitas benigna est, patiens est, omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet* [1Cor 13,4-7]. *Et si quis suorum et maxime domesticorum curam non habet, est infideli deterior* [1Tm 5,8].

Portanto, meu caro, dá-me esta grande consolação, antes faze-me um grande favor, é Dom Bosco que te pede: para o futuro, Molinari seja teu grande amigo, e se não o podes amar porque imperfeito, ama-o por amor de Deus, ama-o por amor para comigo. Farás assim, não é verdade? De resto estou contente contigo, e todas as manhãs na santa missa recomendo ao Senhor a tua alma, os teus trabalhos.

Não esqueças a tradução da aritmética, acrescentando as medidas e pesos da República Argentina.

Dirás ao benemérito Dr. Ceccarelli que não pude receber o catecismo dessa arquidiocese, e desejo tê-lo, o pequeno, para inserir os atos de Fé no *Jovem Instruído* de acordo com os que são rezados na diocese..

Deus te abençoe, caro padre Tomatis; não te esqueças de rezar por mim, que serei sempre em Jesus Cristo teu

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

246. Ao padre Júlio Barberis

Edição crítica em E(m) V, pp.112-113.

Roma, Páscoa de 1876

Caríssimo padre Barberis,

Sou portador de boas notícias e tu és o primeiro a recebê-las. Ontem, às 7 da noite, estive em audiência com o santo padre e pude entreter-me com ele cerca de uma hora. Falou-se muito da Congregação e dos nossos noviços; depois leu de ponta a ponta o endereço deles, o nome de cada um, perguntando a respeito das qualidades deste ou daquele e se em algum deles apareciam virtudes extraordinárias. Procurei satisfazê-lo. Ficou muito satisfeito e disse que o seu número é um milagre da bondade do Senhor.

Em seguida acrescentou estas palavras textuais: São oliveiras novas que é preciso cultivar; mas é preciso que as plantinhas permitam ao cultivador cortar as raízes, os brotos inúteis e nocivos; extirpar as ervas daninhas e a praga que poderia arruiná-las. Vós compreendeis, mas havereis de explicá-lo mais detalhadamente. Estas plantas tenras devem crescer por si e depois dar frutos para o seu patrão. Ai da planta que ficar inoperante e não frutificar: ela é totalmente inútil para o seu patrão.

Deus abençoe essas plantinhas, Deus as dirija e as faça frutificar para sua maior glória.

Em seguida tomou a pena e escreveu de próprio punho embaixo do endereço: *Dominus vos benedicat* etc., como podes ver no envelope que te devolvo porque tem a assinatura do santo padre.

Saúda-me de modo especial Peloso, Schiapino, Tosello etc. Outras coisas escreverei em outro momento.

Deus nos abençoe a todos e tu acredita-me em Jesus Cristo
Afeioadíssimo amigo

Sac. João Bosco

P.S. Recebi a tua carta e está bem tudo o que me diz. É bom que haja alguns passeios para os noviços.

247. Ao padre Luís Guanella (santo)

Edição crítica em E(m) V, p. 342.

Turim, 10 de abril de 1877

Caríssimo padre Luís,

Várias vezes recebi suas cartas e sempre senti grande satisfação.

Agradeço ao Senhor que em tão breve tempo nos ajudou a fazer tudo o que já se fez e espero que no futuro se fará ainda mais.

Não podendo vê-lo e falar-lhe com frequência, aqui lhe darei algumas normas que costumo dar aos diretores das nossas casas.

1º Vigiai quanto à moralidade dos salesianos e dos jovens a eles confiados. Procurai chamá-los uma vez por mês para fazer o rendiconto e que cada um faça o exercício da boa morte uma vez por mês.

2º *Age quod agis*. Todos os negócios são secundários; esquecer as coisas exteriores e ocupar-nos em aperfeiçoar as coisas, os trabalhos, as pessoas e ajudá-las o mais possível nos sofrimentos e nas doenças.

3º Organizar a administração material de tal modo que tudo caminhe por si mesmo; antes, se for possível, também enviar alguma ajuda à casa-mãe que deve enfrentar tantas despesas para sustentar o corpo da Congregação.

4º Preparar as pregações, escrevê-las, ajudar os salesianos em seus estudos, fornecer-lhes ou indicar-lhe livros que os ajudem nessas coisas.

5º Ler, meditar, praticar e fazer com que os outros pratiquem as Regras da Congregação.

Faça o que puder para praticar estas sugestões amigáveis; saúde cordialmente no Senhor todos os nossos salesianos, isto é, Traversino, Depert, Liduani e Boassi.

Todos rezem por mim que serei sempre em Jesus Cristo
Afeioadíssimo amigo

Sac. João Bosco

248. Ao salesiano coadjutor Bartolomeu Scavini

Edição crítica em E(m) V, pp. 516-520.

Turim, 1º de dezembro de 1877

Meu caro Scavini,

Chegou-me aos ouvidos que te achas tentado a abandonar a congregação salesiana. Não faças isso. Tu, consagrado a Deus com votos perpétuos, tu, salesiano missionário, tu, dos primeiros a ir à América, tu, grande confidente de Dom Bosco, quererás agora voltar àquele mundo onde são tantos os perigos de perversão? Espero que não farás tal despropósito. Escreve as razões que te perturbam, e eu qual pai darei ao filho amado conselhos capazes de torná-lo feliz no tempo e na eternidade.

Deus te abençoe e acredita-me sempre em Jesus Cristo
Afeioadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

249. Ao padre Luís Guanella (santo)

ASC A1820305 *Fotocopie di originali autentici*; edição em E III, pp. 311-312.

Roma, 8 de março de 1878

Caríssimo senhor padre Luís Guanella,

A seu tempo sempre recebi suas cartas que li com real satisfação. Antes de tudo, devemos agradecer de todo o coração a Deus que na sua infinita misericórdia quis restituir a saúde ao senhor comendador Dupraz, que assim pode levar adiante o internato iniciado. Creio que o número de jovens será sempre grande e disso resultará muito fruto para a maior glória de Deus.

Trouxe-me também muito conforto saber que os salesianos de Trinità gozam de boa saúde e cumprem exemplarmente os seus deveres. *Deo gratias*. Tenhamos coragem para continuar no empreendimento começado; Deus nos ajudou e não deixará de nos ajudar no futuro; basta que da nossa parte cooperemos com ele.

Com esta finalidade lhe recomendo, como também a todos os nossos queridos salesianos que prestem atenção a três coisas:

1º Suma vigilância na observância de todas e de cada uma das nossas Regras, e todos os meses fazer um dia de retiro para examinar o progresso ou o retrocesso na observância das mesmas.

2º Usar de muita caridade recíproca em suportar os defeitos, em dar bons avisos uns aos outros, bons conselhos, sempre que se apresentar a oportunidade. Assim se faça especialmente no que tange à saúde dos sócios, à economia doméstica e aos deveres do próprio estado.

3º Empenhai-vos de comum acordo para dar bom exemplo quanto ao comportamento exterior e fazer de tal modo que ninguém no mundo possa lamentar as ações e as palavras de algum dos nossos coirmãos.

Ao chamar para o rendiconto mensal sigam-se estas orientações e se insista até que se vejam os resultados práticos.

Além disso, neste ano a Congregação passa por apuros financeiros e, pelo menos por ora, não podemos contar com a ajuda do santo padre, por isso, cada um procure fazer economia com o que for compatível com o nosso estado, menos no que for necessário para a conservação da saúde. Em tudo, a máxima economia, mas nos casos de doença ou do que for indispensável para a conservação da saúde, faça-se tudo o que estiver ao alcance.

Queira fazer-me o favor de comunicar esta carta aos nossos queridos irmãos e de dizer-lhes que os amo a todos em Jesus Cristo, rezo por eles, e que Leão XIII nos quer bem e envia a todos a sua santa bênção.

Dentro de poucos dias espero poder partir de Roma. Recomendo-me às orações de todos, especialmente de Traversino, que me dizem ter-se tornado realmente um modelo de virtude. Não é mesmo?

Deus nos abençoe a todos e a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco. Amém.

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

250. Ao padre Francisco Bodrato

ASC A1880305 *Copie simpliciter*; edição em E III, pp. 323-324.

Turim, 31 de dezembro de 1878

Caríssimo padre Francisco Bodrato,

A seu tempo recebi as tuas cartas e as dos meus caros filhos que moram em Buenos Aires. Procurarei dizer alguma palavra para cada um deles. Tu distribuirás as cartas que receberás por mãos dos nossos coirmãos e das nossas coirmãs.

Bendigamos ao Senhor que nos ajuda de maneira tão sensível.

Como lembrança para ti, recorda-te de:

1º Fazer qualquer sacrifício para conservar a caridade e a união com os irmãos.

2º Quando tiveres que fazer alguma correção ou dar conselhos particulares, nunca fazê-lo em público, mas sempre *inter te et ille solum* [Mt 18,15].

3º Depois de ter feito alguma correção, esquece a falta cometida e demonstra ao faltoso a mesma benevolência de antes.

Este é o testamento do teu amigo e pai Dom Bosco.

Outras notícias, terás dos nossos caros coirmãos que estão indo prestar sua colaboração para vos aliviar nos trabalhos.

Saúda cordialmente os jovens do internato, dizendo-lhes que os abençoo e amo muito no Senhor.

Deus abençoe a ti, aos teus trabalhos e acredita-me teu em Jesus Cristo
Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

251. Ao padre Tadeu Remotti

ASC A1900610 *Copie simplici*; edição em E III, p. 425.

Turim, 31 de dezembro de 1878

Caríssimo P. Tadeu Remotti,

Muito me agradou a franqueza com que algumas vezes me escreveste. Continua sempre assim. Mas tem como norma alguns avisos que são para ti o meu testamento.

1. Suportar os defeitos alheios, mesmo quando nos causam dano.
2. Cobrir as faltas dos outros, nunca levar alguém na troça quando fica ofendido.
3. Trabalha, mas trabalha por amor de Jesus; sofre tudo, mas não ofendas a caridade. *Alter alterius onera portate et sic adimplebitis legem Christi* [Gl 6,2].

Deus te abençoe, ó caro P. Remotti; até à vista na terra, se assim aprouver à vontade divina; diversamente, o céu está preparado para nós e a misericórdia divina no-lo concederá.

Reza por mim que agora e sempre serei para ti em Jesus Cristo
Afeiçoadíssimo amigo

Sac. J. Bosco.

252. Ao padre Domingos Tomatis

ASC A1740705 *Originali autografi*; edição em E III, pp. 524-525.

Alassio, 30 de setembro de 1879

Meu caro padre Tomatis,

Estou sempre a par do andamento do colégio de San Nicolas; atualmente parece que esteja para começar uma nova etapa sob o teu “*ducado*”. Que seja assim. Nós depositamos plena confiança e esperança em ti. Escrevete aqui algumas das orientações que sempre dou aos diretores, e tu procura servir-te delas.

1º Cuida muito da tua saúde e da dos teus súditos; procura que ninguém trabalhe demais ou fique no ócio.

2º Esforça-te por preceder os outros na piedade e na observância das nossas Regras; e procura que também sejam praticadas pelos outros, especialmente a meditação, a visita ao Santíssimo Sacramento, a confissão semanal, a missa bem celebrada e, para os não padres, a comunhão frequente.

3º Heroicidade em suportar as fraquezas dos outros.

4º Para com os jovens, muita benevolência, muita comodidade e liberdade para se confessarem.

Deus te abençoe, caro Tomatis, e contigo abençoe todos os nossos irmãos, os jovens, o amigo Ceccarelli, a quem devo escrever, e a todos conceda saúde e a graça de uma vida santa. A todos uma saudação muito cordial.

Reza por mim, que serei sempre em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

253. Ao salesiano coadjutor Carlos Audisio

ASC A1600166 *Originali autografi*; edição em E IV, p. 12.

Turim, 31 de janeiro de 1881

Caríssimo Audisio,

O velho amigo da tua alma te manda uma saudação e te recomenda jamais esquecer a salvação eterna da alma. Trabalha, mas trabalha para o céu.

Exatidão nas práticas de piedade, eis tudo. Além disso, obediência é a chave de todas as virtudes.

Deus te abençoe, ó meu caro Audisio, Deus te conserve na sua santa graça, e reza por mim que serei sempre teu em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

254. Ao clérigo Luís Calcagno

ASC A1700303 *Fotocopia di originali autografi*; edição em E IV, p. 13.

Turim, 31 de janeiro de 1881

Tu és sempre bom, ó meu caro Calcagno? Espero que sim. Não olhes, porém, para trás. Olhem para o céu que nos espera. Lá temos preparado um grande prêmio.

Trabalha, conquista almas e salva a tua, por favor. Sobriedade e obediência para ti são tudo.

Escreve-me com frequência. Deus te abençoe e te conserve sempre na sua santa graça, e reza por quem será sempre para ti em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

255. À madre Catarina Daghero

ASC A1790401 *Fotocopie di originali autografi*; edição em E IV, p. 75.

Nizza Monferrato, 12 de agosto de 1881

Reverenda madre superiora-geral,

Eis alguns bombons para distribuir às vossas filhas. Conservai para vós a doçura que se deve praticar sempre e com todos; mas disponde-vos a receber os “amaretti”, ou melhor, os bocados amargos, quando a Deus aprouver mandar-vos.

Deus vos abençoe e vos dê virtude e coragem para santificardes a vós e a toda a comunidade a vós confiada.

Humilde servo

Sac. João Bosco.

256. Ao padre Nicolau Fenoglio

ASC A1890276 *Copie semplici*; edição em E IV, pp. 152-153.

Torino, 13 de julho de 1882

Caríssimo padre Fenoglio,

Louvo o teu desejo de fazer e sofrer alguma coisa para a maior glória de Deus; mas antes de passar à prática, desejo que conversemos um pouco pessoalmente. Para tua comodidade, faremos isso no turno de exercícios espirituais que será fixado.

Neste ínterim procura exercitar a virtude da caridade, da paciência e da doçura de São Francisco de Sales.

Enfrenta o calor, o frio, a sede, os desprazeres como presentes que Deus te envia.

Direi o resto quando te manifestar meu pensamento a teu respeito.
Deus te abençoe e te ajude a caminhar pelo caminho do céu. Reza a Deus por mim que serei sempre em Jesus Cristo
Afeioadíssimo amigo

Sac. João Bosco

257. À irmã Eulália Bosco

ASC A1790226 *Fotopie di originali autografi*; edição em E IV, pp. 289-290.

Pinerolo, 20 de agosto de 1884

Minha boa Eulália,

Dei graças ao Senhor quando tomaste a resolução de te fazeres religiosa; agora de coração agradeço a ele haver-te conservado a boa vontade de romperes definitivamente com o mundo e de te consagrares totalmente ao bom Jesus. Faze de bom grado essa oferta, e reflete na recompensa que é o cêntuplo na vida presente e o verdadeiro prêmio, o grande prêmio na futura.

Mas, minha boa Eulália, isso não deve ser brinquedo, mas coisa séria. E lembra-te das palavras do pai da Chantal, quando se encontrava em caso semelhante: o que se dá ao Senhor não se deve nunca retomar.

Tem em mente que a vida religiosa é vida de contínuo sacrifício, e que cada sacrifício é largamente recompensado por Deus. Somente a obediência, somente a observância das Regras, somente a esperança do prêmio celeste são o nosso conforto no curso da vida mortal.

Recebi sempre as tuas cartas e com prazer. Não respondi porque me faltou tempo.

Deus te abençoe, Eulália. Maria seja a tua guia, o teu conforto até o céu. Espero que ainda possamos nos ver na vida presente: senão, adeus, havemos de ver-nos e falar em Deus na vida bem-aventurada. Assim seja.

Desejo todas as bênçãos à madre-geral e a todas as irmãs, noviças, postulantes de Maria Auxiliadora. Sou devedor de uma resposta à madre e o farei. Reza por mim e por toda a nossa família e tem-me sempre em Jesus Cristo

Afeioadíssimo tio

Sac. João Bosco

V. FORMAÇÃO POR MEIO DE CONFERÊNCIAS E DA NARRAÇÃO DE SONHOS

Os anos da fundação e da consolidação da Sociedade Salesiana e do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora se distinguem como os anos em que os horizontes de Dom Bosco se expandem de forma impressionante. O padre de Valdocco, sempre mais consciente de ter recebido uma missão divina, se sente transportado para um campo de ação vastíssimo, investido de um carisma que o constitui fundador e pai de um movimento de apóstolos, de consagrados e consagradas, destinado a dilatar-se no espaço e no tempo. O seu magistério espiritual se aprofunda, a sua proposta se torna mais radical, totalizadora.

Os textos aqui reproduzidos são extraídos dos apontamentos tomados durante as conferências de Dom Bosco. Constituem uma simples amostra. Como nas cartas circulares e nas cartas pessoais, também nestas ocasiões o Santo acentua os aspectos que considera mais típicos da vida consagrada salesiana, com um frescor e uma vivacidade que é específica do discurso direto.

Nessas intervenções é ulteriormente confirmado o conceito totalizador que Dom Bosco tem da consagração e da vocação salesiana, que pede empenho generoso e determinação.

O leitor poderá constatar que os sonhos destinados aos salesianos (nn. 263-265), comparados com os narrados aos jovens, comportam, junto com a função instrutiva e simbólica, uma finalidade espiritual e carismática mais acentuada. Em particular, o sonho dos dez diamantes (n. 265), que representa o ícone do salesiano ideal, mostra que a especificidade do espírito salesiano, “mais do que uma característica ou uma virtude, é um conjunto de atitudes, de convicções profundas e de experiências metodológicas bem experimentadas, que confluem harmonicamente para a criação de um estilo original e peculiar de santidade e de apostolado”²⁹.

²⁹ Egidio VIGANÒ, *Il profilo del salesiano nel sogno del personaggio dai dieci diamanti*, em “Atti del Consiglio Superiore” 62 (1981) n. 300, 27-28.

258. Deveis comportar-vos de tal modo que os outros, espelhando-se em vós, possam edificar-se

ASC A0040601 *Cronaca 1858...*, manuscrito de João Bonetti, pp. 17-19
(cf. MB VI, 68-70).

[Outubro/novembro de 1858]³⁰

Agora podemos dizer que o nosso ano escolar começou, e por isso desejo muito começar como no ano passado, entretendo-me um pouco convosco pelo menos uma vez por semana. O momento mais propício de que dispomos é esta hora depois das orações. Não quero fazer-vos uma pregação, somente quero dizer-vos, e o desejo com todo o meu coração, só quero recomendar-vos o que tantas vezes recomendou São Paulo, aliás, o próprio Deus o recomendou a Moisés, quando desceu da montanha: que sejamos modelos, que sejais verdadeiros modelos para todos os jovens do Oratório. Vós deveis ser como linhas sobre cujo traçado todos os outros meus filhos possam caminhar. Por isso, deveis comportar-vos de tal modo que os outros, espelhando-se em vós, possam se edificar. Deveis procurar não somente ser úteis aos outros mediante conselhos, mas mediante as obras. De que vale recomendar aos outros para que frequentem os santos sacramentos, se eles veem que vós os frequentais tão pouco? Se eles veem que vós vos aproximais devotamente dos santos sacramentos, se vos observam devotos e modestos na igreja, quem sabe por causa do vosso exemplo poderão haurir algo para alimentar as próprias almas. Se por desgraça um clérigo tem conversas pouco convenientes, deixa escapar alguma palavrinha que tenha ressaibos de impureza, pobre de mim! pobre de mim! Que escândalo!

[...]

De nós, o povo espera frutos bons, o povo olha para nós e se não vê nenhum fruto, oh! como fica escandalizado! Santo Ambrósio nos compara com a lua. Ele diz que nós devemos ter grande cuidado. A lua não tem luz própria, sua luz provém do sol, ela se serve dele, e em seguida a reflete sobre a terra. Assim somos nós também. Nós não temos nada de nosso, mas devemos receber tudo de Deus, do sol de justiça, daquela palavra divina que ilumina a mente, e depois de nos termos servido dela, devemos refleti-la sobre todos os homens, os quais esperam que nós os encaminheemos pelo caminho que

³⁰ Trata-se de uma conferência feita a um pequeno grupo de clérigos do Oratório, aos quais – no ano seguinte – haveria de propor que fizessem parte da Sociedade Salesiana.

conduz ao céu. Santo Agostinho [diz]: Quereis saber o que significam as togas com que se vestem os jovens romanos? Não penseis que a toga signifique somente que o jovem já completou 17 anos, não significa somente isso; mas que, por baixo da toga, existe ciência, existe virtude, em suma, existem todas as boas qualidades de que devem se adornar os que a querem vestir. Assim é para nós também. Sob esta batina nós devemos levar a virtude que um hábito tão santo merece.

Josué devia atravessar o Jordão, Deus lhe pede que chame os sacerdotes com a arca. Chegando ali, que a ponham sobre os ombros, e as águas do Jordão se dividirão e todo o exército passará. Assim fizeram os sacerdotes; segurando a arca sobre os ombros, as águas se dividiram; as águas superiores se levantaram como uma muralha, as inferiores escorreram pelo seu caminho deixando enxuto o Jordão, e todo o exército de Israel pôde passar para o outro lado do Jordão. Assim devemos fazer nós também. Com a arca da divina aliança, com a santa religião, com as boas máximas, com belas palavras, devemos fazer de tal modo que, sãos e salvos, os homens passem deste mundo para a eternidade. Coragem, portanto, façamos tudo o que pudermos para ser úteis para o bem das almas.

Vós, que estais sempre rodeados de jovens que continuamente vos observam, fazei de tudo, empenhai-vos com toda a vossa força para bem encaminhá-los, mediante o bom exemplo, a palavra e mediante conselhos e advertências repletas de caridade. Se fizerdes assim neste ano, embora tenhamos um grupo de clérigos menor do que no ano passado, eu ficarei contente e o Senhor só poderá abençoar a mim, a todos vós, a casa; continuará a nos abençoar como sempre fez, a nos ajudar com seu braço poderoso, abençoando todas as nossas fadigas. Assim seja.

259. Depois da primeira profissão religiosa dos salesianos

ASC A0040604 *Annali* III 1862, manuscrito de João Bonetti, pp. 1-6
(cf. MB VII, 162-164)³¹.

[14 de maio de 1862]

Estes votos que vós acabais de fazer, eu entendo que não vos imponham outra obrigação a não ser a de observar o que até agora vós observastes, isto é, as Regras da casa. Desejo grandemente que ninguém se deixe tomar por nenhum temor, por nenhuma inquietação. Cada um, em qualquer ocorrência, venha logo me abrir seu coração, exponha suas dúvidas, suas angústias. Digo-vos isso porque poderia acontecer que o demônio, vendo o bem que podeis fazer permanecendo nesta Sociedade, poderia pôr-vos na cabeça alguma tentação, tratando de levar-vos a vos afastardes contra a vontade de Deus. Agora, se eu for logo informado por vós, poderei estar em condições de examinar o assunto, restituir a paz aos vossos corações, e também dispensar-vos dos votos, caso notasse que esta é a vontade de Deus e o bem das almas.

Alguém poderá dizer: “Dom Bosco também fez estes votos?”. Pois bem, enquanto vós fazíeis a mim estes votos, eu também os fazia a este Crucifixo por toda a minha vida, oferecendo-me em sacrifício ao Senhor, disposto a suportar qualquer coisa a fim de buscar sua maior glória e a salvação das almas.

Meus caros, estamos em tempos difíceis e parece quase uma presunção, nestes malfadados momentos, procurar criar uma nova comunidade religiosa, enquanto o mundo e o inferno, com todos os seus estratagemas, se esforçam para arrancar da terra as que já existem. Mas, não importa; eu tenho, não só prováveis, mas seguros argumentos de ser vontade de Deus que a nossa Sociedade comece e prossiga. Muitos foram os esforços feitos para impedi-la, todos em vão. Aliás, alguns que mais obstinadamente quiseram se opor, pagaram caro a ousadia. Não faz muito tempo que uma pessoa distinta, que por vários motivos não vou nomear, talvez por zelo, se opôs tenazmente a esta Sociedade. Pois bem, essa pessoa de repente se sentiu mal e em poucos dias passou para a eternidade.

³¹ O padre Bonetti inicia o discurso de Dom Bosco com estas palavras: “E assim, um belo número de nós fizemos os nossos votos conforme o regulamento. Sendo muitos, repetimos juntos a fórmula que o padre Rua ia pronunciando. Depois disso o senhor Dom Bosco nos dirigiu algumas palavras para nossa tranquilidade e para infundir-nos maior coragem para o futuro. Entre outras coisas, nos disse [...]” (A0040604 *Annali* III 1862..., p. 1).

Não acabaria nunca de falar nesta noite se quisesse contar os sinais especiais de proteção que recebemos do céu desde o começo do nosso Oratório. Tudo nos leva a pensar que temos Deus conosco e podemos ir para frente em nossos empreendimentos com confiança, sabendo que estamos cumprindo a sua santa vontade.

Todavia, ainda não são estes os argumentos que me fazem ter esperanças quanto a esta Sociedade; outros maiores há, entre os quais o único escopo que nos propusemos é a maior glória de Deus e a salvação das almas. Quem sabe, o Senhor queira servir-se desta nossa Sociedade para fazer muito bem na sua Igreja! Daqui a vinte e cinco ou trinta anos, se o Senhor continuar a ajudar-nos como até agora, a nossa Sociedade espalhada por diversas partes poderá também alcançar o número de mil sócios. Destes, alguns se dedicarão a instruir o povo simples com pregações, outros se dedicarão à educação dos meninos abandonados; alguns darão aulas, outros escreverão e difundirão bons livros; enfim, todos finalmente irão sustentar a dignidade do romano pontífice e dos ministros da Igreja; Quanto bem será feito! Pio IX acredita que nós já temos tudo em ordem; pois bem, aqui estamos esta noite em plena ordem; combatamos com ele pela causa da Igreja, que é a de Deus. Criemos coragem, trabalhemos cordialmente. Deus, como bom patrão, saberá recompensar-nos. A eternidade será bastante longa para descansarmos³².

260. Tende sempre presente o escopo da Congregação

ASC A0250202 *Conferenza di D. Bosco – 12 gennaio 1873*; manuscrito alógrafo
(cf. MB X, 1061-1063).

[12 de janeiro de 1873]

Vejo com imenso prazer que a nossa Congregação cresce de dia em dia [...]. Entretanto, se por um lado é meu grande desejo que a nossa Congregação cresça e multiplique os filhos dos apóstolos, por outro, é também meu imenso e maior desejo que estes membros sejam seus zelosos ministros, dignos

³² O padre Bonetti conclui dizendo: “Observamos que nesta noite Dom Bosco demonstrava uma satisfação inexprimível, não sabia se afastar de nós, assegurando-nos que teria passado conversando conosco a noite inteira. Contou-nos ainda tantas coisas bonitas, especialmente referentes aos inícios do Oratório. Relatou-nos o trágico fim de algumas pessoas que queriam impedi-lo de reunir os meninos, etc” (A0040604 *Annali III 1862...*, p. 6).

filhos de São Francisco de Sales, como os Jesuítas são filhos do valente santo Inácio de Loyola. O mundo inteiro, e mais ainda os maus, que por ódio satânico gostariam de ver esta santa semente destruída, ficam admirados. As perseguições, os massacres mais horrendos, não fazem desistir estes homens magnânimos. Divididos pelo mundo afora, um não sabe nada do outro, entretanto, embora distantes um do outro, cumprem perfeitamente as Regras dítadas pelo seu primeiro superior, como vivessem em comunidade. Eu digo que onde está um Jesuíta, lá está um modelo de virtude, um exemplo de santidade: lá se prega, lá se confessa, lá se anuncia a palavra de Deus. O que mais? Quando os maus acreditam tê-los destruído, é precisamente então que mais se multiplicam; é então que o fruto das almas aumenta.

Que assim seja convosco também, meus filhos; pensai seriamente no estado a que Deus vos chama; pensai e rezai, e entrando nesta Congregação, espelhai-vos nesses magnânimos filhos de Cristo e fazei do mesmo modo. Quer abraceis o estado eclesiástico, quer permaneçais leigos, seja qual for o trabalho a que vos derdes, sede sempre fieis à observância das Regras. A vossa casa será aqui, será em Lanzo, será num outro lugar, ou então na França, na África, na América, quer estejais sozinhos, quer em grupo, tende sempre presente o escopo desta Congregação, o de instruir a juventude, e em geral o nosso próximo, nas artes e nas ciências e mais ainda na religião; isto é, numa palavra, a salvação das almas. E se eu tivesse que expressar o que neste momento me passa pela memória, eu vos descreveria um grande número de oratórios dispersos por esta terra, na França, na Espanha, na África, na América e em tantos outros lugares onde os nossos irmãos na vinha de Jesus Cristo trabalham incansavelmente.

Por ora, esta é uma simples ideia minha, mas me parece poder apresentá-la já agora como histórica. Dado que o santo padre Pio IX nos exortou a trabalharmos por enquanto somente na Itália que, como ele afirma, está sumamente necessitada, os nossos esforços haveremos de despendê-los aqui na Itália. Seja qual for a disposição do céu, lembrai-vos sempre do escopo da Congregação à qual estais para pertencer ou à qual vós já pertenceis. Encorajemo-nos mutuamente e trabalhemos concordes para um dia chegar, em companhia das almas que tivermos conquistado para Deus, a gozarmos juntos no céu da bem-aventurada visão de Deus por toda a eternidade.

261. Mediante os votos, todos nos consagramos inteiramente a Deus

ASC A0000409 *Prediche di don Bosco. Esercizi Lanzo 1876*, Quad. 20, manuscrito de Júlio Barberis, pp. 14-19 (cf. MB XII, 451-454)³³.

[Lanzo Torinese, 17 de setembro de 1876]

Um general do exército, quando vê crescer as fileiras dos seus campeões, alegra-se porque espera poder, com eles, desbaratar mais facilmente os seus inimigos, sem ter muito de que se amedrontar. Da mesma forma me alegro também eu ao ver crescer as fileiras dos meus filhos, dos campeões que querem combater contra o demônio, que permitirão desbaratar, no que nos for possível, o seu reino nesta terra e preparar-nos um belo trono no céu.

Sabeis o que significa fazer os santos votos? Significa colocar-se nas primeiras fileiras das milícias do Divino Salvador para combater sob suas ordens e a seu soldo. Mas o que eu vos quero dizer neste momento é isto, que não basta fazer os votos, é preciso esforçar-se para praticar o que se prometeu a Deus por meio dos votos. Pelos santos votos nós nos consagramos inteiramente a ele; não tomemos de volta o que acabamos de entregar. Consagramos a ele estes nossos olhos: portanto, deixemos de lado as leituras inúteis e indiferentes, os olhares maus e vãos. Consagramos a Deus os nossos ouvidos: portanto, nunca mais parar para ouvir quem murmura e semeia descontentamento, nunca mais desejar ouvir coisas inconvenientes ou participar de conversas e reuniões onde, embora o assunto não seja mau, todavia, é completamente secular e mundano. Consagramos a Deus a nossa língua: portanto, nunca mais palavras mordentes e picantes contra nossos colegas, nunca mais respostas ríspidas aos superiores, nunca mais semear descontentamento; não, agora que a consagramos a Deus, nunca mais a manchemos; pelo contrário, seja usada unicamente para cantar os louvores divinos, contar bons exemplos para animar os outros para o bem. Consagramos a Deus a nossa garganta, por

³³ É uma reflexão feita por Dom Bosco depois da profissão dos votos, no final do primeiro turno de exercícios espirituais de setembro de 1876. O padre Barberis introduz as palavras de Dom Bosco com estas expressões: “O dia 17 de setembro foi o dia da profissão dos votos para os que ainda não os tinham professado e que desejavam fazê-lo. Depois de uma hora de recreio após o café da manhã, às 9h30min, fomos para a igreja. Foi rezada uma segunda missa, dado que era dia de domingo, e ao mesmo tempo se cantou o ofício, depois se terminou lendo as Regras. A seguir foi entoado o *Veni Creator* e passaram para a sacristia todos os que foram admitidos aos votos: foram admitidos 20 aos perpétuos e 15 aos trienais [...]. Terminada a profissão, Dom Bosco, já sentado na sua cadeira de braços, começou uma bela pregação que reproduzirei aqui na parte que mais recordo” (A0000409 *Prediche di don Bosco...*, p. 14).

isso, longe de nós todo exagero de delicadeza na comida; grande parcimônia no vinho; nunca nos deixemos tentar pela gula para ir em busca de almoços e jantares, bebidas ou coisas semelhantes. Consagramos de modo especial nossas mãos ao Senhor, por isso, que elas nunca estejam ociosas; que elas não se lamentem de trabalhar em ofícios simples na aparência, contanto que tudo concorra para a maior glória de Deus. Consagramos ao Senhor os nossos pés: oh, aqui eu entro num vastíssimo campo, por isso não usemos nossos pés para retornar ao mundo que acabamos de abandonar. Sim, é preciso que eu pare aqui para tratar deste assunto de modo especial.

O Senhor nos concedeu uma grande graça chamando-nos para o seu seguimento: este mundo é muito perverso e perversor. Por isso, sigamos a graça e não voltemos a perverter-nos. Vede, o Espírito Santo nos instrui claramente que o mundo está todo posto no mal: *mundus in maligno positus est totus* [1Jo 5,19]. Portanto, façamos com que estes pés não nos levem de volta para lá de onde escapamos. O obstáculo principal, a dificuldade maior é a que se refere aos nossos pais. Mas o Senhor disse que quando estes fossem para servir de tropeço para o nosso bem maior, não deveríamos ouvi-los, nem mesmo olhá-los, aliás, chega mesmo a dizer de odiá-los. Por isso, é preciso que nos desapeguemos deles de fato, dado que Deus nos fez o grande favor de nos chamar para o seu seguimento. Além disso, por meio dos votos nos desapegamos deles para ligar-nos de forma peculiar a Deus; por que, então, pôr-nos novamente no perigo de nos afastarmos de Deus indo ouvir suas lamentações, suas necessidades ou suas vontades? [...]

Agora percebo que me distanciei um pouco do assunto que eu queria tratar, isto é, que nos tendo consagrado de modo especial a Deus, devemos dar a ele toda a nossa vida, todas as nossas obras, todo o nosso ser. Devemos esforçar-nos muito para que a realidade, as nossas obras, correspondam a este objetivo. Crede-me, jamais houve alguém que tenha estado descontente no ponto de morte por se ter consagrado a Deus e por ter despendido a vida no seu santo serviço. Pelo contrário, muitos são os que naquele momento lamentam não tê-lo servido e amado. Choram então, os coitados, mas não há mais tempo. Dado que o Senhor, na sua grande misericórdia, quis advertir-nos em tempo e chamar-nos a segui-lo, entreguemo-nos e realizemos de fato obras dignas deste seu chamado.

262. Paciência, esperança, obediência

ASC A0000409 *Prediche di don Bosco - Esercizi Lanzo 1876*, Quad. XX, manuscrito de Júlio Barberis, pp. 1-11 (cf. MB XII, 454-460).

[Lanzo Torinese, 18 de setembro de 1876]

Estamos para nos separar e cada qual ir para o lugar para onde Deus o destinou a exercer o sagrado ministério. O que posso dizer-vos neste momento que sirva como palavra de ordem a ser lembrada em todo lugar e em todo tempo como fruto destes exercícios? São três palavras simples que neste momento eu considero da máxima importância. É bom que demos atenção a elas com todo o esforço possível da nossa alma. Ei-las: Paciência, Esperança, Obediência.

[1. *Paciência*] - Em primeiro lugar eu vos recomendo muita paciência. É o próprio Espírito Santo que nos adverte: *Patientia vobis necessaria est* [Hb 10,36], ele nos diz na Sagrada Escritura. *In patientia vestra*, nos diz em outro lugar, *possidebitis animas vestras* [Lc 21,19]. *Patientia opus habet perfectum* [Tg 1,4]. Não pretendo falar aqui da paciência que se exige para superar grandes fadigas ou extraordinárias perseguições; não da paciência que é necessária para suportar o martírio, nem da que é preciso exercitar nas doenças graves. Evidentemente, nesses casos exige-se paciência em grau heroico; trata-se, porém, de casos que raramente deveremos enfrentar e, além disso, nessas horas, Deus nos concede graças extraordinárias. A paciência de que desejo falar aqui é a de que precisamos para cumprir bem os nossos deveres, a de que necessitamos para em tudo cumprir as nossas Regras, desempenhar com exatidão os nossos deveres. É desta que eu vos quero falar. De paciência precisam os superiores e seus dependentes, e pode ocorrer que precisemos dela em milhares de oportunidades, por isso devemos estar bem provisionados dela.

Alguém já está sobrecarregado de ocupações, mas pretende-se acrescentar-lhe mais alguma, quer porque se ignoram suas abundantes tribulações, quer porque é considerado apto para assumir um peso a mais; e ele está para se irritar com quem ameaça sobrecarregá-lo de trabalhos. É preciso ter paciência.

Outro gostaria de lecionar, mas o mandam ser assistente; um terceiro queria frequentar um curso, mas o encarregam de dar aulas, ou então preferiria estar em certo lugar, ao passo que o colocam em outro. Em todos estes casos é preciso ter paciência.

Aquele tal pensa que o superior está sempre contra ele, não o vê com bons olhos, atribue-lhe as ocupações mais rotineiras. Se não tiver paciência e logo começar a murmurar, a mostrar-se descontente, o que acontecerá?

Há ainda quem tem uma ocupação que lhe é antipática, não consegue desempenhar-se bem naquele lugar; tem vontade a toda hora de mandar tudo às favas e ir não se sabe para onde. Devagar com os passos errados: mais do que nunca aqui é necessário conservar a paciência.

Acontece também que alguém diz: o superior me odeia; será efeito de sua imaginação mais do que de outra coisa; mas, mesmo assim, será lícito lamentar-se, falar mal, mostrar-se publicamente ofendido? Claro que não! Eis por que eu dizia que é preciso ter a paciência como companheira inseparável.

Depois, o superior, oh quanto precisa ter muito mais paciência! Se ele souber fazê-la exercitar pelos outros, os súditos podem dizer: nós somos muitos, ele é um só, vamos exercer um pouco de paciência dividindo-a um pouco para cada um. Mas o superior acaba ficando sozinho contra todos e deve ter paciência com todos e, por isso, embora jovem, já é obrigado a caminhar encurvado. Um pouco por atenção a um, um pouco por atenção a outro, algumas vezes ele deve amargar um bocado, porque as pessoas não têm capacidade, ou porque não se nota nelas toda aquela boa vontade e espontaneidade no fazer as coisas, ou também porque se vê claramente a má vontade. Isso, porém, será motivo para cortar todo relacionamento ou largar aquele problema ou deixar o barco correr? Eu sei que muitas vezes vem a vontade de passar em alguém uma áspera descompostura³⁴ ou de mandar o sujeito embora ou qualquer outra coisa, mas é precisamente aqui que é necessária muita paciência, melhor, muita caridade, adicionada ao tempero de São Francisco de Sales, a doçura, a mansidão.

Também aquele professor, aquele assistente poderia acabar com tudo, dando um tabefe aqui, um chute ali; tenhamos medo disso, pois, se alguma vez pode terminar com uma desordem, nunca faz o bem e nunca serve para fazer amar a virtude ou fazê-la penetrar no coração de ninguém. Que haja o verdadeiro zelo, isso sim. Procure-se fazer o bem de todos os modos, mas com calma, com doçura, com paciência.

Alguém dirá: tudo bem, mas é difícil não se irritar quando se vê... Sim, custa. Eu também sei que custa, mas sabeis donde deriva a palavra *paciência*? Do verbo [latino] *patior, pateris, passus sum, pati*, que quer dizer: padecer, tolerar, sofrer, violentar-nos. Se não custasse fadiga, não seria mais paciência. É precisamente porque custa muito que eu a recomendo tanto e o Senhor a

³⁴ [...].

inculca com tanta insistência nas Sagradas Escrituras. Percebo também eu que custa. Não pensem que seja a coisa mais agradável do mundo passar a manhã toda pregado numa cadeira a dar audiências ou a tarde inteira, sentado à escrivaninha, para despachar todos os assuntos, as cartas ou coisas semelhantes. Oh, garanto-lhes que muitas vezes eu com muito gosto sairia para tomar um pouco de ar e até precisaria; mas é necessário que enfrente tudo com a santa paciência. Se não fizesse assim, muitos problemas não teriam solução; tantas coisas boas ficariam para trás; muitos negócios importantes permaneceriam encalhados; por isso, paciência.

Não pensem que não custa também a mim, após ter encarregado alguém de uma tarefa, depois de ter-lhe confiado algum encargo importante ou delicado ou urgente, e dar-me conta depois que não foi executado ou foi malfeito, não pensem que não custa também a mim ficar calmo. Garanto-lhes que algumas vezes me ferve o sangue nas veias, um formigamento toma conta de todos os meus sentidos. Mas para que se impacientar? Com isso não se consegue que o trabalho solicitado seja realizado; nem se corrige o súdito com a fúria. Avise-se calmamente, deem-se as normas oportunas, exorte-se; e se for o caso de levantar um pouco a voz secamente, faça-se, mas reflita-se um momento: nesse caso, São Francisco de Sales como se comportaria? Posso garantir-vos que, se fizermos assim, se conseguirá o que disse o Espírito Santo: *In patientia vestra possidebilis animas vestras* [Lc 21,19].

Além disso, é preciso paciência, isto é, constância, perseverança também para cumprir sempre as nossas Regras. Chega o dia em que alguém se sente cansado, aborrecido ou, também, em que não tem vontade de fazer a meditação, rezar o terço, frequentar os sacramentos, continuar aquela árida assistência. Esta é a hora de pedir com constância, com perseverança, a paciência ao Senhor e à Bem-aventurada Virgem.

Observai o agricultor com quanto cuidado cultiva uma plantinha. Dir-se-ia que é fadiga jogada fora. Mas ele sabe que aquela plantinha, com o tempo, produzirá muito fruto, por isso não repara na fadiga, começa a trabalhar e a suar para preparar o terreno: cava a terra, limpa, aduba, extirpa as ervas daninhas, depois planta ou semeia. Em seguida, como se isso não bastasse, quanta fadiga em cuidar para que ninguém pise onde a semente foi lançada, os pássaros ou as galinhas não venham comer a semente. Quando a vê nascer, contempla-a complacente: oh! germina, está com duas folhas, três... Depois pensa no enxerto e, com cuidado, busca-o na melhor planta do seu jardim, corta o ramo, enfaixa, cobre, procura que o frio ou a umidade não o faça morrer. Quando a planta cresce e se dobra para um lado ou se curva para baixo, logo procura colocar um esteio que a faça crescer reta, e se receia que o tronco seja muito fraco, que o vento ou a tempestade possam derrubá-lo, coloca ao

lado um forte apoio e a amarra e enfaixa para que não venha a incorrer no perigo temido. Mas, por que, ó meu agricultor, tanto cuidado por uma planta? Porque, se não fizer assim, não me dará frutos e tudo estará acabado: se eu quiser que me dê bons e abundantes frutos, é preciso que eu cuide dela assim. E infelizmente, observai que, apesar disso, muitas vezes o enxerto morre, perde-se a planta: mas na esperança de refazer-se depois, o agricultor não repara nas fadigas.

Também nós, meu caros, somos jardineiros, cultivadores da vinha do Senhor. Se quisermos que o nosso trabalho renda, é preciso que tenhamos muito cuidado com as plantinhas que devemos cultivar. Infelizmente, apesar das muitas fadigas e cuidados, o enxerto às vezes secará e a planta irá mal; mas se houver de fato esses cuidados, a maior parte das vezes a planta dá bom resultado... E se, por acaso, não der certo, o dono da vinha, que é tão bom, nos recompensará do mesmo modo! Tende-o presente, de nada servem as iras, os impulsos instantâneos: é preciso paciência contínua, isto é, constância, perseverança, fadiga.

[2. *Esperança*] — O agricultor pelo menos espera a paga, a recompensa. Mas a nós, quem nos pagará? E aqui eu entro no segundo ponto para falar-vos da esperança. Sim, o que mantém a paciência deve ser a esperança do prêmio. Oh, trabalhemos, pois a esperança do prêmio nos espera e é muito consoladora. Temos a sorte de ter que fazer as contas com um bom patrão. Notai como são consoladoras estas palavras: *Quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam* [Mt 25,21]: como te mostraste fiel na administração de tão pouco, eu te confiarei muito mais. Nós, mesquinhos, sabemos fazer muito pouco, temos poucas forças, poucas habilidades. Não importa, no pouco que podemos, sejamos fiéis e o Senhor nos dará o grande prêmio. Quando tu, professor, estás cansado e querias abandonar as tuas ocupações, atenção! Procura ser fiel no pouco, se quiseres que o Senhor te confie muito mais. Oh, um diretor! Já avisou, já disse, recomendou...; estaria perto de perder a paciência ou mandar tudo às favas ou desabafar numa explosão... Atento a ser fiel no pouco, se quiseres que te seja confiado muito mais.

Um ponto em que precisamos ainda usar de muita paciência, olhando para a esperança, é o de vencermos a nós mesmos. Trata-se de vencer nossos hábitos, as nossas más inclinações, as tentações que continuamente nos molestam. Oh, quanto custa deixar aquele hábito, aquela tibieza ordinária, aquele desânimo, aquele descuido das pequenas práticas de obediência ou de piedade. Também aqui é preciso ter contínua paciência, até mesmo suportar um sofrimento extraordinário, mas não permitais que o demônio nos vença;

seja de dia, seja de noite, na vigília ou no repouso, no recreio ou no trabalho, sempre procurar vencer estas nossas más inclinações. É isto que eu chamo de paciência ou longanimidade. E se para obter a vitória tivermos de combater muito, voltemos nosso olhar para a grande mercê, para o grande prêmio que está preparado para nós e não nos deixaremos vencer. *In patientia vestra possidebitis animas vestras* [Lc 21,19]. E São Paulo acrescenta: *Si vos delectat magnitudo praeiorum, non vos terreat magnitudo laborum*.

Não vou dizer-vos quão fundamentada seja a nossa esperança. Vós sabeis que foi o nosso benigníssimo Senhor que, pelo pouco em que formos fiéis, nos promete muito; ele chama bem-aventurados os que observam a sua lei, porque sabe quão grande será o seu prêmio. Ele diz ainda que um simples copo de água fresca dado em seu nome será recompensado. Coragem, portanto: a esperança nos sustente quando a paciência ameaçar nos faltar.

[3. *Obediência*] - Agora precisaríamos de uma virtude que abrangesse e mantivesse unidas a paciência e a esperança. Esta virtude é a obediência. Não direi muitas coisas, dado que durante estes exercícios espirituais foi lido o tratado da obediência de Rodríguez e também porque foi falado dela em algumas pregações. Eu recomendo muito que se use de paciência em obedecer; e quando esta obediência ameaçar desaparecer, quando a nossa cabeça estiver longe da obediência, olhemos para o céu, tomemos a sério a esperança.

A obediência bem praticada é a alma das congregações religiosas; é o que as mantém unidas. Quanto bem se pode fazer quando, sendo muitos os membros, todos dependem absolutamente de um só, que, por razão de sua própria posição, tem uma visão muito ampla, vê claramente o bem a fazer, e diz a este: fica aqui, e ele fica; faz isto, e ele faz; vai para lá, e ele logo vai. O bem se multiplica e é um bem que não se pode fazer se não existir uma obediência absoluta.

Oh, além disso, a obediência produz outro grande bem. Aumenta o mérito de todas as ações, falo das ações manuais. Pode haver alguém que só serve para pouca coisa ou mesmo para nada: esse tal se põe sob a obediência e o superior o porá a varrer ou a fazer de cozinheiro; esse tal poderá ter o mesmo merecimento de quem passa o dia ocupado e se afadigando no púlpito ou no confessionário ou numa cátedra a dar aula. Este é um grande bem que resulta da obediência. Cada um permaneça pacientemente no encargo que tem, cumpra-o bem, até onde pode, e não pense em outra coisa, e esteja certo de que o Senhor o acolhe bem e abençoa.

Tenho ainda um pensamento que gostaria de vos recomendar hoje. Este pensamento se liga aos três primeiros. Consiste em fazer bem todos os meses

o exercício da boa morte; isto é, cada mês, consagrar um dia em que, postas de parte, o quanto possível, todas as demais ocupações, pensamos em pôr em ordem os assuntos da alma.

Será muito útil fazer um confronto mês a mês: progredi neste mês? Ou, pelo contrário, regredi? Depois é preciso descer aos particulares: nesta virtude, nesta outra, como me comportei? Em particular, reveja-se o que se refere aos votos e às práticas de piedade: quanto à obediência, como me comportei? Progredi? Cumpri-a bem, por exemplo, a assistência que me foi confiada: como a executei? Na escola, como me empenhei? Quanto à pobreza, na roupa, na comida, nas celas, tenho algo que não seja pobre? Desejei guloseimas? Lamentei-me quando me faltava alguma coisa? Depois, examinar a castidade: permiti-me alimentar maus pensamentos? Desapeguei-me sempre mais do amor dos parentes? Mortifiquei-me na gula, nos olhares, etc. E assim, repassar as práticas de piedade e observar especialmente se houve frieza ordinária, se as práticas foram cumpridas sem ela.

Este exame, longo ou curto, nunca o omita. Como vários têm ocupações que não podem abandonar em nenhum dia do mês, é lícito executá-las, mas cada um, em determinado dia, faça de tudo para praticar estas considerações e fazer especiais bons propósitos.

Ainda um pequeno pensamento. Ao jovem que perguntava o que devia fazer para se salvar, o Senhor lhe recomendou a prática da lei e lhe disse: *Fac hoc et vives*. [Lc 10,28]. Faze isto e viverás. O mesmo vos digo eu: tendes as Regras, é o Senhor quem no-las deu; pratiquemo-las e viveremos. Cada um procure estudá-las e ao mesmo tempo busque a maneira de colocá-las em prática. Cada um, de sua parte, seja superior ou súdito, padre ou coadjutor, todos procurem praticá-las. Como nos sentiremos contentes e confortados na hora da morte por tê-las praticado! Tende certeza de que a nossa esperança, como dizíamos, não será desiludida. O Senhor é fiel nas suas promessas e o que ele nos fez esperar, ele nos dará. Aliás, ele é cheio de bondade e de misericórdia. Eles nos dará muito mais do que nós podemos imaginar.

Tenhamos, pois, coragem. Se houver algo a sofrer, a suportar para cumprir tudo isso o que o Senhor nos pede, não recuemos. Ele saberá remunerar todo nosso esforço e nos recompensará no tempo, na eternidade, e nos dará um prêmio que supera toda e qualquer expectativa.

263. Humildade, trabalho, temperança

ASC A0000409 *Prediche D. Bosco. Esercizi Lanzo 1876*, Quad. XX, manuscrito de Júlio Barberis, pp. 33-46 (cf. MB XII, 463-469)³⁵.

28 de setembro de 1876

Dizem que não se deve dar atenção aos sonhos; a vocês eu digo que, na maior parte dos casos, também eu sou desse parecer. Todavia alguma vez, embora não nos revelem coisas futuras, servem para nos fazer conhecer de que modo resolver negócios intrincadíssimos e levar-nos a agir com verdadeira prudência em vários assuntos. Então se podem levar em conta, por causa da parte que nos oferecem de bom. Eu, neste momento, quero justamente contar a vocês um sonho que me manteve ocupado, pode-se dizer, em todo o tempo destes exercícios e especialmente me molestou nesta noite passada. Conto-o tal como o tive, resumindo-o um pouco só cá e lá para não ser demasiado longo, porque me parece rico de muitos e graves ensinamentos.

[*I Parte*] - Pareceu-me, pois, que estávamos todos juntos e íamos de Lanzo para Turim. Nós nos encontrávamos todos em um veículo, mas não saberia dizer se estávamos na ferrovia ou no *ómnibus*, mas não estávamos a pé. Chegados a um dado ponto da estrada, não me recordo mais onde, o veículo parou. Eu desci para ver o que poderia ser e dei de cara com um personagem que não saberia definir. Parecia de estatura alta e baixa ao mesmo tempo; era gordo e delgado, era branco e também vermelho. Caminhava por terra e por ar. Fiquei estupefato e não sabia dar-me razão disso, quando, criando coragem, lhe perguntei: “Quem és tu?”. Sem dizer-me outra coisa, ele respondeu: “Vem”. Eu antes queria saber quem era, o que desejava, mas ele retomou: “Vem depressa. Façamos girar os veículos neste campo”.

O admirável era que falava baixo e forte ao mesmo tempo e a várias vozes. Eu estava maravilhado com isso. O campo era vastíssimo e bem plano. Não era cortado por sulcos, mas bem batido, como se fosse um terreiro. Não sabendo o que dizer e vendo aquele personagem tão decidido, fizemos com que os veículos dessem a volta e entrassem naquele vastíssimo campo. Depois gritamos a todos que estavam dentro para que descessem. Todos desceram rapidamente. E de imediato desapareceram os veículos, sem se saber para onde foram.

³⁵ É a pregação de conclusão (ou pregação das “lembranças”) feita no fim do segundo turno de exercícios espirituais dos salesianos (Lanzo Torinese, 20-28 de setembro de 1876).

– Agora que descemos, lhe sussurrei aos ouvidos, dirá por que nos fez parar neste lugar? Respondeu: “O motivo é grave, é para fazer com eviteis um grandíssimo perigo”. “Qual?”. “O perigo de um touro furioso, que não deixa pessoa viva à sua passagem: *“Taurus rugiens quaerens quem devoret”*. “Devagar, meu caro, tu atribuis ao touro aquilo que na Sagrada Escritura São Pedro diz do leão: *Leo rugiens* [Lc 14,11]. Não importa. Lá era *leo rugiens*, aqui é *taurus rugiens*. O fato é que é necessário que estejais bem alerta. Chama todos os teus ao teu redor. Anuncia-lhes solenemente e com grande urgência que estejam atentos, muito atentos. E apenas ao ouvirem o mugido do touro, mugido extraordinário e enorme, joguem-se logo por terra, e assim fiquem, de bruços, com a face voltada para o solo até que o touro tenha passado. Ai daquele que não escutar a tua voz. Quem não se prostrar de bruços como lhe disse, está perdido com toda a certeza. Porque se lê nas Santas Escrituras: *Qui se humiliat exaltabitur, et qui se exaltat humiliabitur*” [Lc 14,11].

Depois acrescentou de novo: “Depressa, depressa. O touro está para chegar. Grita, grita, grita forte para que se abaixem”. Eu gritava, e ele: “Vamos, vamos. Grita ainda mais forte. Grita, grita”. Eu gritei tão forte, que creio até ter espantado o padre Lemoyne, que dorme no quarto vizinho. Mais do que aquilo não podia.

Eis que num instante se escutou o mugido do touro: “Atenção, Atenção!... Faze com que se ponham em linha reta, todos próximos uns dos outros, de um lado e do outro, deixando uma passagem no meio pela qual o touro possa passar. Eu grito, dou estas ordens, e num piscar de olhos todos se deitam ao chão, e nós começamos a ver o touro que de muito longe chega furibundo.

Embora a maioria estivesse deitada no chão, todavia, alguns queriam ver o que era aquele touro e não se deitaram; eram poucos. Aquele personagem me disse: “Agora verás o que vai acontecer com eles, verás o que vão receber pelo fato de não se terem deitado por terra. Eu queria adverti-los ainda, gritar, correr até eles. O outro não me deixava. Eu insisti que me deixasse ir até eles. Respondeu-me secamente: “A obediência é também para ti; deita-te”. Ainda não estava prostrado no chão quando se ouviu um mugido enorme, tremendo, espantoso. O touro estava perto de nós; todos tremiam e perguntavam: “Quem sabe, quem sabe...”. “Não tenhais medo: todos para o chão!”. E o tal continuava a gritar: “*Qui se humiliat exaltabitur et qui se exaltat humiliabitur... qui se humiliat... qui se humiliat*”.

Uma coisa estranha que me deixou estupefato também a mim foi a seguinte: embora eu tivesse a cabeça colada ao chão e estivesse completamente prostrado por terra com os olhos no pó, todavia, eu via perfeitamente tudo o

que acontecia em torno de mim. O touro tinha sete chifres quase em forma de círculo: dois ocupavam o lugar do nariz; dois no lugar dos olhos; dois no lugar normal dos chifres e um no alto da testa; mas, coisa maravilhosa, estes chifres eram fortíssimos, móveis, girava-os para o lado que queria, de modo que para abater ou derrubar alguém não precisava correr e voltar-se de cá para lá, bastava que fosse em frente sem se voltar que abatia quem lhe estivesse na frente. Os chifres do nariz eram os mais longos e com eles fazia estragos realmente surpreendentes.

O touro já estava muito perto de nós; então o outro gritou: “Veja-se o efeito da humildade”. E num instante, oh! maravilha! Todos nos vimos levantados do chão, no ar, a uma altura considerável, de modo que era impossível o touro nos alcançar. Os poucos que não se tinham abaixado também não foram levantados. Chega o touro e num instante os estraçalha; não houve um que se salvasse. E nós que estávamos no ar, tínhamos medo e dizíamos: “Se cairmos daqui, aí sim que estaremos fritos! O que será de nós?”. E víamos o touro furibundo tentar nos alcançar. Dava saltos terríveis, tentando dar-nos chifradas, mas não pôde fazer-nos mal nenhum. Então, furioso mais do que nunca, deu a impressão de que iria em busca de companheiros, como quem diz: então, juntos, atacaremos... E assim, *habens iram magnam* [Ap 12,12], foi embora.

Então, de repente estávamos de novo no chão e o tal começou a gritar: “Voltemo-nos todos para o sul”. E eis que, sem entender como isso aconteceu, mudou completamente a cena diante de nós. Olhando para o sul, vimos exposto o Santíssimo Sacramento: muitas velas acesas de um lado e outro do ostensório; entretanto, já não se via mais aquele prado, mas parecia que estivéssemos numa igreja imensa, toda ornada com capricho. Enquanto ali estávamos em adoração diante do Santíssimo Sacramento, de repente chegam muitos touros furibundos, todos cheios de chifres horríveis, de aspecto espantoso. Mas como todos nós estávamos em adoração ao Santíssimo, não nos puderam fazer nenhum mal. Entretanto tínhamos começado a rezar a coroinha ao Sagrado Coração de Jesus. Depois de um pouco, não sei como, olhamos para todos os lados e não vimos mais os touros. Voltados de novo para o altar, notamos que as luzes se tinham apagado, o Santíssimo não estava mais exposto, a igreja tinha desaparecido... “Afinal, onde estamos?”. E nos encontramos no prado onde estivéramos antes.

Vós compreendeis que o touro é o inimigo das almas; o demônio nos odeia e sempre procura nos fazer mal. Os setes chifres são os sete vícios capitais. O que nos pode livrar dos chifres deste touro, isto é, dos assaltos do demônio, é principalmente a humildade, base e fundamento das virtudes.

[*III Parte*] – Nós, entretanto, nos olhávamos uns aos outros. Ninguém falava, não sabíamos o que dizer. Esperava-se que Dom Bosco falasse ou que aquele tal nos dissesse alguma coisa. Então, tomando-me à parte, acrescentou: “Vem. Vou mostrar-te o triunfo da Congregação de São Francisco de Sales. Sobe nesta pedra e verás”. Havia uma grande rocha em meio àquela planície sem-fim, e eu subi nela. Oh, que vista imensa se apresentou aos meus olhos! Aquele campo, que não teria acreditado ser tão vasto, me apareceu como se ocupasse toda a terra. Homens de todas as raças, com toda a espécie de roupa, de todas as nações, estavam reunidos ali. Vi muita gente! Não sabia que no mundo havia tanta gente. Comecei a observar os primeiros que se apresentaram ao nosso olhar. Estavam vestidos como nós, italianos. Eu conhecia os das primeiras fileiras e ali estavam salesianos que conduziam como pela mão turmas de meninos e meninas. Depois vinham outros, com outras turmas. Depois ainda outros e outros, que não conhecia mais e não podia mais distinguir. Mas eram um número indescritível. Para o lado do sul apareceram aos meus olhos sicilianos, africanos e um mundo de pessoas que eu não conhecia. Eram sempre conduzidos por salesianos, que eu conhecia nas primeiras filas e depois não mais.

“Volta-te para o outro lado”, disse-me aquele tal. Eis que surgiram diante dos meus olhos outros povos em número incontável, vestidos de maneira diversa da nossa: tinham peles, espécie de mantos que pareciam veludo, de várias cores. Fez-me olhar para os quatro pontos cardeais. Entre outras coisas vi, no oriente, mulheres com os pés tão pequenos que lhes custava estar em pé e quase não podiam caminhar. O singular era que por toda parte via salesianos que conduziam turmas de meninos e de meninas e com eles um povo imenso. Nas primeiras fileiras sempre os conhecia. Depois, indo adiante, não os conhecia mais, nem mesmo os missionários. Aqui muitas coisas não posso narrá-las detalhadamente porque seria demasiado longo.

Então, aquele tal que me tinha conduzido aqui e aconselhado sobre o que fazer tomou de novo a palavra e acrescentou: “Olha, repara. Agora não entenderás tudo o que te digo. Mas fica atento: tudo isso que viste é a messe preparada para os salesianos. Vês como é imensa a messe? Este campo vasto em que te encontras é o campo em que os salesianos devem trabalhar. Os salesianos que vês são os trabalhadores desta vinha do Senhor. Muitos trabalham, e tu os conheces. O horizonte depois se alarga, com gente que não conheces ainda, e isso quer dizer que não só neste século, mas também no outro e nos séculos futuros os salesianos trabalharão no próprio campo. Mas sabes como se poderá realizar o que estás vendo? Vou dizer-te: é preciso que faças imprimir estas palavras, que serão seu lema, sua palavra de ordem, seu distintivo.

Nota bem: *O trabalho e a temperança farão florescer a Congregação Salesiana*. Estas palavras, tu as farás explicar, as repetirás, insistirás. Farás imprimir o manual que as explique e que faça entender bem que o trabalho e a temperança são a herança que deixas à Congregação, e ao mesmo tempo serão também sua glória”.

Eu respondi: “Farei isso de muito boa vontade. Este é o nosso escopo, é o que já recomendo todos os dias e vou insistindo sempre que surge a ocasião”.

“Estás, pois, bem persuadido? Compreendeste bem? Esta é herança que deixarás a eles. E dize-lhes também a eles claramente que, enquanto teus filhos corresponderem, terão seguidores no sul, no norte, no oriente e no ocidente. Agora deixa os exercícios espirituais e encaminha-os para a sua destinação. Estes servirão como norma, depois virão os outros”.

E eis que apareceram novamente as conduções para levar todos a Turim. Eu observei, observei; eram conduções *sui generis*, estranhas como nunca. Os nossos começaram a subir. Ora, aquelas conduções não tinham apoio em nenhuma parte, e eu temia que os jovens caíssem, e não queria deixá-los partir. Mas aquele tal me disse: “Podem ir, podem ir. Eles não precisam de apoio. Só que cumpram bem as palavras: *Sobrii estofe et vigilate*. [1Pd 5,8]. Cumpram bem estas duas palavras. Não se cai, embora não haja apoios e a carruagem corra”.

[III Parte] - Partiram, pois, e eu fiquei sozinho com aquele tal: “Vem”, acrescentou logo, vem, quero que vejas a parte mais importante. Oh! terás de aprendê-la bem! Vês aquele carroção lá?”. “Vejo!”. “Sabes o que é?”. “Não vejo bem”. “Se queres ver bem, aproxima-te. Vês aquele cartaz? Aproxima-te. Observa-o. No cartaz está escrito o que deves saber”. Eu me aproximei e vi pintados naquele cartaz quatro pregos muito grossos. Dirigi-me a ele dizendo: “Não entendo. Explica-me”. “Não vês aqueles quatro pregos? Observa bem. São os quatro cravos que perfuraram e atormentaram tão cruelmente a pessoa do divino Salvador”. “E com isto?”. “São os quatro pregos que atormentam as congregações religiosas. Se evitares estes quatro pregos, isto é, se tua Congregação não for atormentada por eles, se souberes mantê-los longe, então as coisas irão bem e estarão salvos”. “Tudo bem, mas agora eu sei tanto quanto antes”, respondi. “O que significam estes pregos?”. “Se queres saber melhor, visita melhor este carroção que tem os pregos por emblema. Vê, este carroção tem quatro compartimentos. Cada um deles corresponde a um prego”. “Mas... E estes compartimentos, o que significam?”.

“Observa o primeiro compartimento”. Observei e li sobre o cartaz: *Quorum Deus venter est* [Fl 3,19]. “Oh, agora começo a entender alguma coisa”. Aquele tal me respondeu: “Este é o primeiro prego que atormenta e arruína as congregações religiosas. Ele fará estragos também entre vós, se não estiveres atento. Combate-o bem e verás que as tuas coisas vão prosperar”.

“Vamos ao segundo compartimento. Lê a inscrição do segundo prego: *Quaerunt quae sua sunt, non quae Jesu Christi* [Fl 2,21]. Aqui estão os que buscam as próprias comodidades, o conforto, e brigam pelo bem próprio ou, talvez, também dos parentes. E não buscam o bem da Congregação, que é o que forma a porção de Jesus Cristo. Fica atento. Afasta este flagelo e verás prosperar a Congregação”.

Terceiro compartimento: observei a inscrição do terceiro prego. Era: *Aspidis lingua eorum*. “Prego fatal para as congregações. Buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo. São os murmuradores, os maquinadores; aqueles que procuram sempre criticar. De um jeito ou de outro”.

Quarto compartimento: *Cubiculum otiositatis*. “Aqui estão os ociosos em grande número. Quando se começa a introduzir o ócio, a comunidade fica bem arruinada. Em vez disso, que se trabalhe muito e não haverá nenhum perigo para vós”.

“Agora observa ainda uma coisa que há neste carroção e à qual muitas e muitas vezes não se dá atenção. Eu quero que a observes com atenção especial. Vês aquele esconderijo, que não faz parte de nenhum compartimento, mas se estende um pouco em todos? É como um meio compartimento ou distrito”. “Vejo, mas são apenas restos de folhas, erva alta. Outra mais baixa, meio confusa”. “Bem, bem! É isso que quero que observes”. “Mas o que posso eu aproveitar disso?”. “Observa bem a inscrição que está quase escondida”. Observei bem e vi escrito: *Latet anguis in herba*. Então...?”. “Olha, há certos indivíduos que estão escondidos. Não falam, não abrem nunca o coração aos superiores, ruminam sempre no coração seus segredos. Fica atento: *latet anguis in herba*. São verdadeiros flagelos, verdadeira peste das congregações. Embora maus, se se manifestassem poderiam ser corrigidos. Mas não. Ficam escondidos. Nós não nos damos conta deles. E, no entanto, o mal se faz grave, o veneno se multiplica no coração deles, e quando forem conhecidos não haverá mais tempo para reparar o dano que já produziram. Aprende, pois, bem as coisas que deves manter longe da tua Congregação. Tem bem em mente quanto ouviste. Dá ordem para que estas coisas sejam explicadas e retomadas por um longo tempo. Fazendo assim, fica sossegado quanto à tua Congregação, que as coisas hão de prosperar dia a dia”.

Então eu pedi àquele tal que, para não esquecer nenhuma das coisas que me tinha dito, me deixasse um pouco de tempo para poder escrevê-las. “Se queres experimentar, respondeu, escreve-as, mas temo que te falte o tempo. E fica atento”.

Enquanto ele me dizia estas coisas e eu me preparava para escrever, pareceu-me ouvir um rumor confuso, uma agitação toda em torno de mim. O chão parecia tremer. Olhei em torno para ver se alguma coisa nova acontecera e vi os jovens que tinham partido pouco antes, assustados, voltarem a mim de toda parte. Logo depois, o mugido do touro, e o touro mesmo que os seguia. Quando o touro reapareceu, eu fiquei tão espantado à sua vista que acordei.

Eu vos contei este sonho nesta circunstância, antes de nos separarmos, pois estou convencido de poder dizer com toda verdade que será uma digna conclusão dos exercícios espirituais se nos propusermos ser fiéis ao nosso lema: *Trabalho e Temperança*; e se procurarmos evitar com todo empenho os quatro grandes pregos que martirizam as congregações: o vício da gula; a busca de comodidades; as murmurações e o ócio; ao que é bom acrescentar que cada um seja aberto, simples, confiante para com os próprios superiores. Desse modo faremos bem às nossas almas e ao mesmo tempo poderemos também salvar aquelas que a divina Providência confiar aos nossos cuidados.

E agora, querendo dar alguma lembrança especial que sirva para o ano todo, seria esta: que se busquem todos os meios para conservar a virtude raíza, a virtude que guarda as demais; pois, se nós a tivermos, nunca ficará sozinha; pelo contrário, será acompanhada pelo cortejo de todas as outras virtudes; e se a perdermos, as outras, ou não existirão ou em pouco tempo se perderão. Amai esta virtude, amai-a muito e lembrai-vos que para conservá-la é preciso trabalhar e rezar: *Non eicitur nisi in jejunio et oratione* [Mt 17,20].

Sim, *oração e mortificação*. Especialmente mortificação nos olhares, na comida e especialmente no vinho. Para o nosso corpo, não busquemos comodidades, precisamos submetê-lo totalmente ao domínio da nossa razão. Não devemos ter muitos cuidados para com ele, a não ser quando a saúde o exige, então sim. Mas fora disso, dar ao corpo o indispensável e nada mais: porque, como dizia são Paulo: *Corpus hoc quod corrumpitur aggravat animam* [Sb 9,15]. Sim! Então, o que fazia são Paulo? *Castigo corpus meum et in servitutem redigo ut spiritui inserviat* [1Cor 9,27].

Recomendo, pois, o que recomendei na outra série de exercícios espirituais: obediência, paciência, esperança... A outra coisa é a humildade que precisamos procurar termos nós e inculcá-la aos nossos jovens e a todos, virtude que ordinariamente é chamada de fundamento da vida cristã e da perfeição.

264. Coisas futuras para as vocações

Edição crítica em C. ROMERO, *I sogni di Don Bosco...*, pp. 51-57.

9 de maio de 1879

Grande e longa batalha de meninos contra guerreiros de semblantes vários, diversas formas, com armas estranhas. No fim restaram pouquíssimos supérstites.

Outra batalha mais encarniçada e horrível aconteceu entre monstros de forma gigantesca contra homens de elevada estatura, bem armados, treinados. Tinham um estandarte muito alto e largo, em cujo centro estavam pintadas a ouro estas palavras: *Maria Auxilium Christianorum*. A batalha foi longa, sanguinolenta. Mas os que seguiam o estandarte eram invulneráveis e tornaram-se donos de vastíssima planície. Juntaram-se a eles os meninos que haviam restado da batalha anterior e formaram uma espécie de exército, tendo cada um deles na mão direita o santo crucifixo como arma, na esquerda um pequeno estandarte de Maria Auxiliadora, modelado como acima.

Os novos soldados fizeram muitas manobras naquela vasta planície, depois se dividiram e partiram uns para o ocidente, outros para o oriente, alguns poucos para o norte, muitos para o sul.

Quando desapareceram, travaram-se as mesmas batalhas, fizeram-se as mesmas manobras, rumando para as mesmas direções.

Conheci alguns dos primeiros recrutas; os que sucederam eram-me desconhecidos, mas davam a entender que me conheciam e me faziam muitas perguntas.

Deu-se depois uma chuva de pequenas e esplendentes chamas que pareciam fogo de várias cores. Trovejou e depois o céu serenou e me encontrei num jardim muito ameno. Um homem que tinha a fisionomia de São Francisco de Sales ofereceu-me um livrinho. Perguntei quem eram. “Lê no livro”, respondeu. Abri o livro e me era difícil ler. Pude, entretanto, notar estas precisas palavras:

Aos noviços: Obediência e diligência em tudo. Com a obediência merecerão as bênçãos do Senhor e a benevolência dos homens. Com a diligência combaterão ou vencerão as insídias dos inimigos espirituais.

Aos professos: Conservar cuidadosamente a virtude da castidade. Amar o bom nome dos irmãos e promover o decoro da Congregação.

Aos diretores: Todo cuidado, toda fadiga para observar e fazer observar as Regras com as quais cada um se consagrou a Deus.

Ao Superior. Holocausto absoluto para ganhar a si próprio e os seus dependentes para Deus.

Havia muitas outras coisas impressas no livro, mas não pude ler, porque o papel ficou azul como tinta.

– Quem sois vós? – perguntei de novo àquele homem, que me fitava com um olhar sereno.

– O meu nome é conhecido de todos os bons e fui enviado para comunicar-te algumas coisas futuras.

– Quais?

– As já expostas e as que indagares.

– Que devo fazer para promover as vocações?

– Os salesianos terão muitas vocações por meio de sua conduta exemplar, tratando com suma caridade os alunos e insistindo sobre a comunhão frequente.

– Que se deve fazer na aceitação dos noviços?

– Excluir os preguiçosos e os gulosos.

– Na aceitação para os votos?

– Cuidar que haja garantia quanto à castidade.

– De que maneira se poderá conservar melhor o bom espírito nas nossas casas?

– Escrever, visitar, receber e tratar com benevolência, e isso com muita frequência por parte dos superiores.

– Como nos devemos regular nas missões?

– Mandar indivíduos seguros na moralidade; chamar de volta os que deixarem transparecer alguma grave dúvida; estudar e cultivar as vocações indígenas.

– A nossa Congregação vai caminhando bem?

– *Qui iustus est, iustificetur adhuc; Non progredi est regredi: Qui perseveraverit salvus erit* [Mt 24,13].

– Haverá de crescer muito?

– Enquanto os superiores fizerem a sua parte crescerá, e ninguém poderá deter-lhe a expansão.

– Durará muito tempo?

– A vossa Congregação durará até quando os sócios amarem o trabalho e a temperança. Faltando uma dessas duas colunas, o vosso edifício ruirá, esmagando superiores e inferiores e os seus seguidores.

Naquele momento, apareceram quatro indivíduos portando um caixão de defunto e caminhando na minha direção.

– Para quem é isso? – disse.

– Para ti.

– Logo?

– Não perguntes, pensa somente que és mortal.

– Que queres significar com esse caixão?

Que deves fazer praticar em vida o que desejas que os teus filhos devem praticar depois de ti. Esta é a herança, o testamento que deves deixar aos teus filhos; mas deves prepará-lo e deixá-lo bem acabado e bem praticado.

– Aguardam-nos flores ou espinhos?

– Muitas rosas, muitas consolações, mas estão iminentes espinhos muito pungentes que haverão de causar em todos profunda amargura e pesar. É preciso rezar muito.

– Devemos ir a Roma?

– Sim, mas devagar, com a máxima prudência e grande cautela.

– Estará iminente o fim da minha vida mortal?

– Não te preocupes com isso. Tens as Regras, tens os livros, faze o que ensinas aos outros. Vigia.

Queria fazer outras perguntas, mas ribombou um trovão abafado, com relâmpagos e raios, enquanto alguns homens, ou, diria melhor, alguns monstros horrendos se atiraram contra mim para me estraçalhar. Naquele instante, uma negra escuridão não me deixou ver mais nada. Julgava-me morto e pus-me a gritar freneticamente. Acordei e encontrei-me ainda vivo, e eram as quatro e três quartos da manhã.

Se há algo que possa ser vantajoso, aceitemo-lo. Seja tudo para honra e glória a Deus por todos os séculos dos séculos.

265. Os dez diamantes

Edição crítica em C. ROMERO, *I sogni di Don Bosco...*, pp. 63-71³⁶.

[San Benigno Canavese, 10-11 de setembro de 1881]

Spiritus Sancti gratia illuminet sensus et corda nostra. Amen.

A 10 de setembro do ano corrente (1881), dia que a santa Igreja consagra ao glorioso Nome de Maria, os salesianos reunidos em San Benigno Canavese faziam os exercícios espirituais. Na noite de 10 para 11, enquanto eu dormia, achei-me com o espírito numa grande sala esplendidamente ornamentada. Parecia-me estar passeando com os diretores das nossas casas, quando apareceu entre nós um varão de tão majestoso aspecto que não podíamos fitar os olhos nele. Depois de lançar-nos um olhar, sem dizer palavra, pôs-se a caminhar a alguns passos de distância de nós.

Ele estava vestido assim: um rico manto como uma capa cobria-o todo; a parte próxima ao pescoço era como uma faixa que se atava na frente, e sobre o peito pendia um laço. Na faixa estava escrito em caracteres luminosos: *Pia Salesianorum Societas anno 1881*, e na borda dessa faixa liam-se as palavras: *Qualis esse debet*.

Dez diamantes de tamanho e fulgor extraordinário mal nos permitiam fitar o augusto personagem.

Três deles achavam-se sobre o peito. Num estava escrito *Fides* e no outro *Spes* e no que estava sobre o coração, *Charitas*. O quarto diamante, no ombro direito, trazia a palavra *Labor*. Outro, no ombro esquerdo, *Temperantia*.

Os outros cinco ornavam a parte posterior do manto e estavam assim dispostos: o maior e mais resplandecente era como que o centro de um quadrilátero, e tinha escrito *Obedientia*. No primeiro da direita lia-se *Votum Paupertatis*. No segundo, mais abaixo *Praemium*. À esquerda, no que ficava mais alto, lia-se *Votum Castitatis*. Seu esplendor emitia uma luz toda especial e atraía o olhar como um ímã atrai o ferro. No segundo, da esquerda, estava escrito *Ieiunium*. Os quatro faziam convergir os seus raios luminosos para o diamante do centro.

³⁶ É dito também “o sonho de São Benigno Canavese”: um dos textos mais importantes para a espiritualidade dos salesianos.

Ilustração – Para não causar confusão deve-se notar que esses brilhantes despediam raios que se elevavam quais pequeninas chamas e traziam escritas cá e acolá varias sentenças. Sobre a Fé: *Sumite scutum fidei ut adversus insidias diaboli certare possitis*³⁷. Em outro raio: *Fides sine operibus mortua est*³⁸. *Non auditores, sed factores legis regnum Dei possidebunt*³⁹.

Sobre os raios da Esperança: *Sperate in Domino, non in hominibus*⁴⁰. *Semper vestra fixa sint corda ubi vera sunt gaudia*⁴¹.

Nos raios da Caridade: *Alter alterius onera portate si vultis adimplere legem meam*⁴². *Diligite et diligemini. Sed diligite animas vestras et vestrorum*⁴³. *Devote divinum officium persolvatur; Missa attente celebretur; Sanctum Sanctorum pe-ramanter visitetur*⁴⁴.

Sobre a palavra Labor: *Remedium concupiscentiae; Arma potens contra omnes insidias diaboli*⁴⁵.

Sobre a Temperança: *Si lignum tollis, ignis extinguitur*⁴⁶. *Pactum constitue cum oculis tuis, cum gula, cum somno, ne huiusmodi inimici depraedentur animas vestras*⁴⁷. *Intemperantia et castitas non possunt simul cohabitare*⁴⁸.

Sobre os raios da Obediência: *Totius aedificii fundamentum, et sanctitatis compendium*⁴⁹.

Sobre os raios da Pobreza: *Ipsorum est regnum coelorum*⁵⁰. *Divitiae sunt spinae*⁵¹. *Paupertas non verbis, sed corde et opere conficitur*⁵². *Ipsa coeli ianuam aperiet et introibit*⁵³.

³⁷ Tomai o escudo da fé, para que possais combater contra as insídias do demônio (cf. Ef 6,16).

³⁸ A fé sem as obras é morta (Tg 2,20).

³⁹ Não os que se limitam a ouvir, mas os que põem em prática a lei possuirão o Reino de Deus (cf. Rm 2,13).

⁴⁰ Esperai no Senhor, não nos homens.

⁴¹ Os vossos corações estejam constantemente voltados para onde se encontram as verdadeiras alegrias. A expressão é tirada de uma oração do Missale Romanum (*Dom. IV post Pascha*).

⁴² Carregai os fardos uns dos outros, se quiserdes cumprir a minha lei (cf. Gl 6,2).

⁴³ Amai e sereis amados. Mas amai as vossas almas e as do vosso próximo.

⁴⁴ Recite-se devotamente a Liturgia das Horas; celebre-se a missa com atenção; visite-se com muito amor o Santo dos Santos.

⁴⁵ Remédio para a concupiscência; arma poderosa contra todas as insídias do diabo.

⁴⁶ Tire-se a lenha, e o fogo se apaga.

⁴⁷ Faze um pacto com os teus olhos, com a gula, com o sono, a fim de que estes inimigos não devastem as vossas almas (cf. Tg 31,1).

⁴⁸ A intemperança e a castidade não podem caminhar juntas.

⁴⁹ Fundamento de todo o edifício e compêndio da santidade.

⁵⁰ Deles é o reino dos céus (Mt 5,3).

⁵¹ As riquezas são espinhos.

⁵² A pobreza se obtém não com palavras, mas com o coração e com as obras.

⁵³ Ela abrirá a porta do céu e nele vos introduzirá.

Sobre os raios da *Castidade*: *Omnes virtutes veniunt pariter cum illa*⁵⁴. *Qui mundo sunt corde, Dei arcana vident, et Deum ipsum videbunt*⁵⁵.

Sobre os raios do *Prêmio*: *Si delectat magnitudo praemiorum, non deterreat multitudo laborum*⁵⁶. *Qui mecum patitur, mecum gaudebit*⁵⁷. *Momentaneum est quod patimur in terra, aeternum est quod delectabit in coelo amicos meos*⁵⁸.

Sobre os raios do *Jejum*: *Arma potentissima adversus insidias inimici*⁵⁹. *Omnium virtutum custos*⁶⁰. *Omne genus daemoniorum per ipsum eicitur*⁶¹.

Uma larga faixa cor de rosa servia de barra à parte inferior do manto. Nela estava escrito: *Argumentum praedicationis, mane, meridie et vespere*⁶². *Colligite fragmenta virtutum et magnum sanctitatis aedificium vobis constituetis*⁶³. *Vae vobis qui modica spernitis, paulatim decidetis*⁶⁴.

Até esse ponto alguns diretores mantinham-se de pé, outros de joelhos; mas todos atônitos e ninguém falava. Então o padre Rua, como se estivesse fora de si, exclamou : – É preciso tomar nota de tudo para não nos esquecermos. Procura uma caneta e não a encontra; toma a caderneta, procura um lápis e não encontra. Eu me lembrarei, disse o padre Durando. Vou tomar nota, acrescentou o padre Fagnano, e se pôs a escrever com a haste de uma rosa. Todos olhavam e compreendiam a escrita. Assim que o padre Fagnano terminou de escrever, o padre Costamagna continuou a ditar : *A caridade tudo entende, tudo suporta, tudo vence; preguemo-la com as palavras e com os fatos*.

Enquanto o padre Fagnano escrevia, desapareceu a luz e ficamos imersos em densa treva. – Silêncio, disse o padre Ghivarello, ajoelhem-nos, rezemos, e a luz voltará. O padre Lasagna começou o *Veni Creator*, depois o *De Profundis*, *Maria Auxilium Christianorum* etc, e todos respondemos. Quando dissemos: *Ora pro nobis*, reapareceu uma luz, rodeando um cartaz em que se lia: *Pia Salesianorum Societas qualis esse periclitatur anno salutis 1900*⁶⁵.

⁵⁴ Junto com ela vêm todas as virtudes (Sb 7,11).

⁵⁵ Os puros de coração penetram os segredos de Deus e um dia verão o mesmo Deus (cf. Mt 5,8).

⁵⁶ Se nos agrada a grandeza dos prêmios, não nos amedronte a multidão das fadigas.

⁵⁷ Quem sofre comigo, comigo há de gozar no céu.

⁵⁸ É momentâneo o que se padece na terra; eterno o que no céu hão de gozar os meus amigos (2Cor 4,17).

⁵⁹ Arma poderosíssima contra as insídias do inimigo.

⁶⁰ Guarda de todas as virtudes.

⁶¹ Por meio dele será lançada fora toda classe de tentações (cf. Mt 17,21).

⁶² Argumento de pregação, de manhã, ao meio-dia e à noite.

⁶³ Cuidai dos detalhes das virtudes e construireis um grande edifício de santidade.

⁶⁴ Ai de vós que desprezais as coisas pequenas; pouco a pouco entrareis em decadência (cf. Eclo 19,1).

⁶⁵ A Pia Sociedade Salesina como corre o risco de ser no ano de 1900.

Após um instante, a luz se fez mais viva, de sorte que nos podíamos ver e reconhecer uns aos outros. No meio desse resplendor apareceu de novo o personagem, mas com aspecto melancólico, como de quem está para chorar. O manto estava desbotado, puído e rasgado. Onde antes estavam os diamantes, via-se agora profundo rombo causado por traças e outros pequenos insetos.

Respicite, disse o personagem *et intelligite*⁶⁶. Vi os dez diamantes transformados em traças que estavam a roer o manto.

Em lugar do diamante da *Fides*, agora se lia: *somnus et accidia*⁶⁷.

Em vez de *Spes* havia *risus et scurrilitas*⁶⁸.

Em *Charitas*: *Negligentia in divinis perficiendis*⁶⁹. *Amant et quaerunt quae sua sunt, non quae Iesu Christi*⁷⁰.

Em *Temperantia*: *Gula et quorum Deus venter est*⁷¹.

Em *Labor*: *Somnus, furtum et otiositas*⁷².

No lugar de *Obedientia* nada havia, só um rombo largo e profundo, sem nada escrito.

Em *Castitas*: *Concupiscentia oculorum et superbia vitae*⁷³.

Em *Pobreza*: *Lectum, habitus, potus et pecunia*⁷⁴.

Em *Praemium*: *Pars nostra erunt quae sunt super terram*⁷⁵.

No lugar de *Ieiunium* havia uma falha, mas nada escrito.

A essa vista ficamos todos estarecidos. O padre Lasagna caiu desmaiado. O padre Cagliero tornou-se pálido e apoiando-se numa cadeira exclamou: “Possível que as coisas tenham chegado a esse ponto?”. O padre Lazzerio e o padre Guidazio estavam como fora de si e deram-se as mãos para não cair. O padre Francesia, o Conde Cays, o padre Barberis e o padre Leveratto estavam de joelhos e rezavam com o terço na mão.

⁶⁶ Olhai e aprendei.

⁶⁷ Sono e preguiça.

⁶⁸ Riso e palavras chulas.

⁶⁹ Negligência nas celebrações sagradas.

⁷⁰ Amam e procuram os próprios interesses, não os de Jesus Cristo (Fl 2,21).

⁷¹ Gula; seu deus é o ventre (Fl 3,19).

⁷² Sono, furto e ócio.

⁷³ Concupiscência dos olhos e soberba da vida (1 Jo 2,16).

⁷⁴ Descanso, roupas, bebidas e dinheiro.

⁷⁵ Nossa herança serão os bens terrenos.

Foi quando se ouviu uma voz cavernosa: *Quomodo mutatus est color optimus*⁷⁶.

À escuridão seguiu-se um fenômeno singular. Vimo-nos de repente rodeados de densas trevas, no meio das quais apareceu logo uma luz vivíssima que tinha a forma de corpo humano. Não podíamos fixar nela os olhos, mas percebemos que era um gracioso menino vestido de um hábito branco tecido de ouro e prata. Ao redor de todo o hábito havia uma faixa de diamantes muito luminosa. Com aspecto majestoso, mas doce e amável, aproximou-se um pouco de nós e dirigiu-nos estas palavras textuais: *“Servi et instrumenta Dei Omnipotentis, attendite et intelligite. Confortamini et estote robusti. Quod vidistis et audistis est coelestis admonitio quae nunc vobis et fratribus vestris facta est; animadvertite et intelligite sermonem. Iacula praevisa minus feriunt, et praeveniri possunt. Quot sunt verba signata, tot sint argumenta praedicationis. Indesinenter praedicate opportune et importune. Sed quae praedicatis, constanter facite, adeo ut opera vestra sint velut lux quae sicuti tuta traditio ad fratres et filios vestros pertranseat de generatione in generationem. Attendite et intelligite: – Estote oculati in tironibus acceptandis; fortes in colendis; prudentes in admit-tendis. Omnes probate; sed tantum quod bonum est tenete. Leves et mobiles dimit-tite. Attendite et intelligite: – Meditatio matutina et vespertina sit indesinenter de observantia Constitutionum. Si id feceritis numquam vobis deficient Omnipotentis auxilium. Spectaculum facti eritis mundo et angelis et tunc gloria vestra erit gloria Dei. Qui videbunt saeculum hoc exiens et alterum incipiens, ipsi dicent de vobis: – A Domino factum est istud et est mirabile in oculis nostris. Tunc omnes fratres vestri et filii vestri una voce cantabunt: – Non nobis, Domine, non nobis; sed nomini tuo da gloriam”*⁷⁷.

Estas últimas palavras foram cantadas, e à voz de quem falava uniu-se uma multidão de outras vozes tão harmoniosas e sonoras que ficamos sem sentidos, e para não cairmos desmaiados pusemo-nos a cantar juntos. Terminado o canto, a luz escureceu. Então acordei e percebi que ia amanhecendo.

⁷⁶ Como esvaneceu aquela esplêndida cor (Lm 4,1).

⁷⁷ “Servos e instrumentos de Deus onipotente, atendei e ficai sabendo. Tende coragem e sede fortes. O que vistes e ouvistes é um aviso do céu que se vos dá agora e a vossos irmãos: atendei bem e compreendi as minhas palavras. Quando previstos, os dardos ferem menos e podem ser evitados. Todas as palavras aqui escritas sejam argumento de pregação. Pregai sem descanso, oportuna e importunamente. Mas praticai constantemente o que pregais, para que vossas obras sejam luz, que se transmita como tradição segura aos vossos irmãos e filhos, de geração em geração. Atendei bem e ficai sabendo: – Tende muito tino ao aceitar os noviços: sede fortes na formação deles; prudentes na admissão [à profissão]. Provai a todos, mas só conservai os que forem bons. Despedi os levianos e inconstantes. Atendei bem e ficai sabendo: – A meditação da manhã e da tarde seja constantemente sobre a observância das Constituições. Se assim fizerdes, jamais vos faltará o auxílio do Onipotente. Sereis alvo dos olhares do mundo e dos anjos e então a vossa glória será a glória de Deus. Os que virem o findar deste século e o início do outro hão de dizer de vós: – Esta é obra de Deus, admirável aos nossos olhos. Então os vossos irmãos e os vossos filhos hão de cantar a uma só voz: – Glorifica, ó Senhor, teu nome, não a nós”.

Pró-memória – O sonho durou quase toda a noite, e de manhã achei-me com as forças esgotadas. Temendo, porém, esquecê-lo, levantei-me à pressa e tomei algumas notas, que me serviram para lembrar o que hoje, dia da Apresentação de Nossa Senhora no Templo, vos acabo de expor.

Não me foi possível lembrar tudo. Entre as muitas coisas pude notar com segurança que o Senhor usa de grande misericórdia conosco. Nossa Sociedade é abençoada pelo céu, mas ele quer que contribuamos com nosso trabalho. Havemos de prevenir os males que nos ameaçam se pregarmos sobre as virtudes e os vícios aqui apontados, se praticarmos o que pregamos e o transmitirmos aos nossos irmãos com uma tradição prática do que se tem feito e do que havemos de fazer.

Pude também notar que se aproximam iminentes dificuldades, muitas fadigas, mas logo após virão grandes consolações. Em torno de 1890, grande temor; em torno de 1895, grande triunfo. *Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis.*